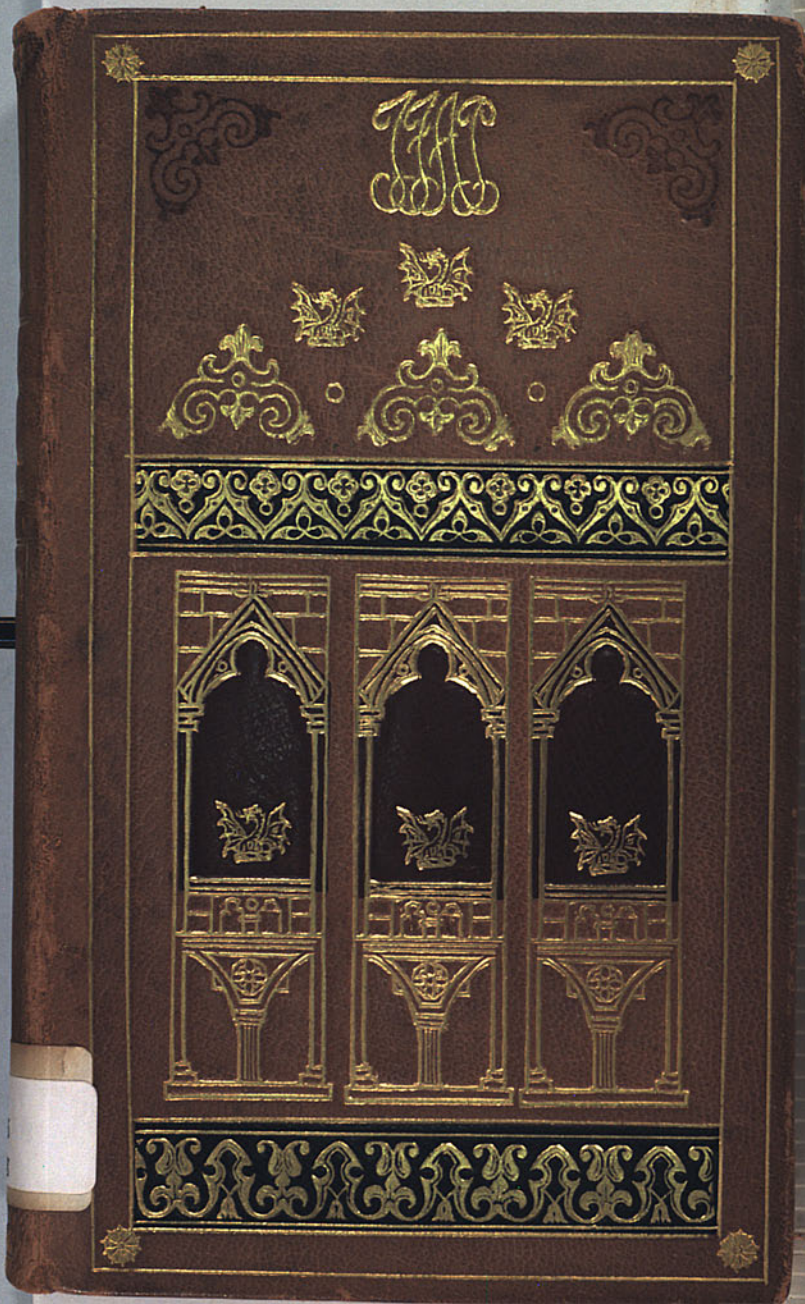


iehb



iehb

**GEMIDOS POETICOS**

**SOBRE OS TUMULOS.**

 ieb

ieb

ieib

ieib



GRANDES PORTUROS

SOBRE OS TUMULOS

BE

ca

fo

SO

de

SO

12

**GEMIDOS POETICOS**

**SOBRE OS TUMULOS,**

OU

**GARNES EPISTOLARES**

DE

*Inigo Foscolo, Hyppolito Pindemonte e João Corti,*

**SOBRE OS SEPULCHROS,**

TRADUZIDOS DO ITALIANO

*pelo Dr. Luiz Vicente De-Simoni,*

COM OUTROS DO MESMO TRADUCTOR

**SOBRE A RELIGIÃO DOS TUMULOS,**

E SOBRE

**OS TUMULOS DO RIO DE JANEIRO.**

..... Naturæ clamat ab ipso  
Vox tumulo.



RIO DE JANEIRO.

1842.

ieb

Yan

861.6

F7H7g

LIBRARIOS  
SOBRE O

LIBRARIOS

de escola, hospital, fimment, e boa diti

SOBRE OS

LIBRARIOS

LIBRARIOS

LIBRARIOS

SOBRE A

TYP. IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E COMP.

SOBRE A



RIO DE JANEIRO

1871

No época  
exercício do g  
barão sublev  
governo repub  
pela liberdade  
salve os homem  
em Verona (1)  
chegado em loc  
quer que fosse  
tudo seria br  
pa e sem man  
a confundir-se  
no com o crim  
espírito de irrel  
bustes, e o cul  
stima como r  
hama em, hama  
sobre o seu tona  
philosophia tod  
materia organiza  
aero jogo de p

ieb



## AOS LEITORES.

—o—o—o—

Na época em que os efeitos da revolução franceza e o exercito do general Bonaparte, transmontando os Alpes, bavião sublevado o norte da Italia, e estabelecido ali o governo republicano, o enthusiasmo dos povos desse paiz pela liberdade havia tanto exagerado as idéas de igualdade entre os homens, que em varias cidades, e especialmente em Verona (1), a suppressão de todas as distincções tinha chegado em todo seu rigor aos cemiterios, nos quaes, qualquer que fosse o enterrado, não podia ter sobre o seu tumulo senão huma simples cruz, sem inscripção, sem campa e sem mausoleo. O merito extraordinario era forçado a confundir-se em *covas indistinctas* com o vulgar, e mesmo com o crime e a infamia. As idéas de materialismo e o espirito de irreligião dominavão então os animos mais influentes, e o culto dos tumulos parecia aos olhos destes não só inutil como risivel. O que vale a hum morto ter ou não huma cruz, huma inscripção, hum mausoleo, huma estatua sobre o seu tumulo? Tal era a pergunta e o discurso dessa philosophia toda physica, que no homem nada via senão materia organizada, e na vida intellectual e moral, hum mero jogo de phenomenos physico-chimicos, e tudo resol-

via, tudo traduzia pelos principios e linguagem della mesma. Estas idéas, esta pratica, ainda subsistião depois do estabelecimento do reino de Italia por NAPOLEÃO. A alma sublime de HUGO FOSCOLO sentio todo o absurdo e a impiedade revoltante dellas, e o seu coração nobre e generoso, que palpitava pela liberdade e pela patria, consagrando-se a estas, não havia renunciado á virtude, nem abjurado os principios moraes a que ellas estão ligadas. e que constituem as leis naturaes do espirito, e as da sensibilidade especial de que elle he dotado. FOSCOLO, irritado contra esta louca injustiça dos seus concidadãos para com os mortos, resolveu-se a clamar em favor destes, e revindicar, com a voz divina da poesia, o direito que tem as cinzas delles ao culto dos vivos. Sublime era o seu assumpto, e divina a sua missão: tal foi tambem o canto que sahio da sua lyra, e que produziu o seu celebre *Carme dos Sepulchros*, publicado em Italia em 1806. Comtudo, os animos do povo italiano, e mesmo os da maior parte dos litteratos dessa nação, ainda arrastados e aturdidos no turbilhão dos eventos e das idéas dominantes, pouca attenção havião dado ao Amphião (2) dos tumulos, cuja lyra harmoniosa vinha levantar das suas ruinas os muros da Thebas dos finados. Foi preciso que o celebre MONTI (3) chamasse com seus louvores a attenção do publico litterato para esses versos, proclamando bello e sublime o canto desse joven poeta, cujo nome e talento não erão mui conhecidos na republica litteraria. Os versos de HUGO FOSCOLO forão então lidos com attenção, e geralmente apreciados, e desde esse momento a reputação do seu autor achou-se feita e geral em toda a Italia, e chegou mesmo além dos Alpes, levada não só por esta, senão tambem por outras producções,

entre as quaes varias tragedias e as celebres *Cartas de Jacopo Ortis* (4). O *Carme dos Sepulchros* de HUGO FOSCOLO não produziu sómente bens para o seu autor, mas tambem para a sua patria, despertando nos animos da mocidade italiana idéas sublimes de nacionalidade e o gosto de huma nova especie de poesia; e he singular e assignalado na historia o effeito que elle produziu no animo do celebre SILVIO PELLICO (5), que, havia annos, achava-se em Paris quasi submergido e entorpecido nas distracções e nos prazeres voluptuosos, que aquella cidade offerece em tanta abundancia á mocidade. *Este poema*, diz M. DE LATOUR, *foi para elle o escudo de Rinaldo* (9); e lendo-o, diz MARONCELLI, *sentio-se tornar de novo poeta, sim, tornar de novo poeta: elle bem sabia antes que o era*. Eis aqui como o mesmo DE LATOUR conta esse maravilhoso effeito do *Carme* de FOSCOLO sobre o animo de SILVIO. «Agitado, preocupado do que acaba de ler, elle tenta voltar outra vez ao seio do mundo, mas as suas preoccupações ali o seguem. Parece que elle anda procurando huma pronunciação desconhecida em todos os labios; elle julga ver os sepulchros sobre os titulos de todos os livros. Dir-se-hia que acaba de perceber pela primeira vez que a nossa lingua tem certa aspereza, que o nosso céo não tem a pureza transparente dos horizontes italianos. A Italia apodera-se de todos os seus pensamentos, invade toda a sua alma. Todos se admirão e lhe perguntão de que provém esse tresvario fóra de costume, essa tristeza que se lhe não conhece; elle conta então com huma voz commovida, que ha do outro lado dos Alpes hum poeta cujos versos causão o mal da nostalgia (a viva saudade da patria). Quer-se conhecer esse poeta, e pergunta-se lhe o seu nome, e o sollicitão a traduzir alguns



versos do mesmo ; então o mancebo abre o livro magico, e em huma prosa viva , ardente e colorida , improvisa a traducção de hum pedaço desse poema, e faz passar na alma dos que o escutão o entusiasmo que o anima. » Assim falla de SILVIO PELLICO e do poema de FOSCOLO hum escriptor francez , e julgo que, sem ter coração italiano, o mesmo effeito experimentarão em si os leitores deste paiz capazes de sentir e apreciar as bellezas poeticas do sentimento e do estylo.

Qual será o homem , de qualquer nação que elle seja , que, ao ver com FOSCOLO , nos tumulos do seu paiz , e mesmo nas suas ruinas, lições de patriotismo e de esperança nacional , não sentirá huma consolação interior , e não se encherá de hum santo entusiasmo pela sua própria patria, confiando sempre no porvir, no meio das maiores desgraças ? Qual o homem que, lendo o seu canto de Cassandra, não sentirá compenetrar-se de huma melancolia divina, que, longe de acabrunhar o espirito na desolação , ou de o aniquilar na desesperação, lhe diz ainda com voz animadora e suave : Tu e o teu paiz não acabareis de todo , e se tudo o mais vos faltar, a vossa gloria sobreviverá eternamente em todas as partes do mundo, eternizada na historia e no canto sublime dos poetas ! Estes sentimentos , estas consolações , são para todos os povos e para todos os tempos ; e, para os sentir e apreciar, nada mais he preciso senão ter hum coração sensível e patriótico, e hum espirito hum pouco elevado.

SILVIO PELLICO, desde esse dia, voltou seriamente aos seus estudos, e não tratou mais senão delles e de regressar á Italia, onde o esperavão tanta gloria pelas suas produções, e tanta celebridade pelas suas desgraças. Sem o Car-

me dos Sepulchros, talvez elle tivesse continuado na sua vida voluptuosa de Paris, e não tivesse então nem huma nem outra: mas a Italia teria ficado sem as suas bellas obras, em que a sensibilidade e a religião brilhão no meio de huma poesia sempre tocante e divina.

HYPPOLITO PINDEMONTE (a quem FOSCOLO dirigio o seu *Carme*) já conhecido pelas suas bellas *Poesias Campestres*, dotado da mesma sensibilidade, e guiado pelas mesmas reflexões, havia já tomado huma resolução igual á de FOSCOLO, e concebido a idéa de hum poema em seis cantos em sextinas sobre o mesmo assumpto, projecto que depois não realison. Mas algumas das suas idéas a este respeito forão por elle resumidas e exaradas no *Carme Epistolar* com que respondeu a FOSCOLO, e no qual, não igualou a este na sublimidade do estylo e das idéas, o excedeu na bellezã e abundancia dos detalhes dos seus quadros, na ternura dos affectos, na suavidade do verso, e clarezza das expressões. He impossivel ler as suas bellas descrições das catacumbas subterraneas da Sicilia, e dos cemiterios inglezes, os seus conselhos ao esposo viuvo, os seus gemidos sobre o tumulo de Elisa, sem ficar compenetado de admiração e de ternura, e chorar com elle sobre as cinzas de huma desconhecida.

Os versos de FOSCOLO e de PINDEMONTE sobre os sepulchros erão na Italia, e especialmente em Verona, objecto de conversa em todos os círculos frequentados por pessoas litteratas; e em hum destes hum individuo, daquelles que sempre achão grandes defeitos nas obras alheias, lembrou-se de fazer delles grave e rigorosa censura, que, por exceder os limites da justiça e da discreção, excitou o animo de hum moço talentoso e poeta, de nome JOÃO

TORTI, o qual em outro Carme epistolar, dirigido a hum seu amigo denominado JOÃO DE CRISTOFORIS; e ao qual trata com o nome pastoril de DELIO, desaggravou a honra e reputação dos dous cantores dos tumulos, mostrando a semrazão do seu censor, fazendo hum breve analyse dos dous Carmes, e hum assisado juizo do caracter, prendas e defeitos de cada hum dos seus autores, e dizendo ainda, acerca do objecto por elles tratado, muito bellas e boas cousas, com hum estylo quasi horaciano. Passando em rapida resenha os mais bellos quadros de cada hum dos dous Carmes, elle quasi que os copiou e tirou em linda miniatura sem a repetição do plagiario, trajando-os com novas vestes, e animando-os com novas côres, dizendo assim mui bem, por outro modo, o que já dous haviam dito optimamente, e a estas excellentes copias, que rivalisão com os originaes, accrescentou quadros seus, quasi tão bellos, tão frescos e expressivos como os dos dous mestres que tinha tomado por modelo. A sua curta descrição do cemiterio da plebe: a allegoria com que pinta o caracter dos dous autores: a pintura que faz da falsa poesia, ou poesia anormal e exagerada, e quasi poderiamos dizer do romantismo monstruoso dos nossos dias: emfim, a descrição da bemaventurança celeste, apresentão traços de pincel ao qual se não pôde negar o titulo de mestre. Lendo-se os seus versos, sente-se, he verdade, que se não respira o ar do vertice do Parnaso, mas esse ar he tão elevado acima daquelle dos valles paludosos da poesia vulgar, e ha mesmo nelle hum certo aroma especial agradável aos sentidos e vivificador do espirito, que o leitor se acha satisfeito, e nada lhe pesaria de o respirar por toda a vida.

Estes tres carmes e seus autores, que gozão na Italia de

uma reputação classica, e que, com effeito, se recommendão por muitas bellezas de estylo e de imagens, e por excellente moralidade, erão até agora quasi desconhecidos entre os litteratos brazileiros e portuguezes, e não tenho noticia de que algum delles os tenha, até agora, trasladado para a lingua deste paiz e do mais occidental do continente européo. Esta circumstancia, e o culto com que o bom e sensivel Povo Fluminense costuma honrar as cinzas dos seus antepassados, e de que annualmente, no dia 2 de novembro, fazem testemunho os seus templos, me persuadirão que agradável cousa faria ao mesmo, vertendo da italiana para a sua lingua essas tres poesias. E parecendo-me que a materia do vasto seu assumpto ainda não estava esgotada, não pude resistir ao desejo, que em mim nasceu, de ceifar tambem eu, ou colher meu manipulo de espigas no mesmo campo, expondo em linguagem poetica algumas idéas minhas relativamente á religião santa dos tumulos, e contemplando os do Rio de Janeiro, para derramar com o seu povo e meus amigos e parentes algumas lagrimas sobre as cinzas de pessoas queridas, que elles encerrão. He este o tributo que o meu coração e o meu talento podia pagar ao seu affecto e estima para comigo: o maior monumento que os poetas podem levantar ao merito e á amizade: e eu o faço com tanto maior vontade, quanto, pelas perdas soffridas pelo meu coração, e pela velhice que já me bate á porta, vou já quasi me achando na circumstancia de dizer com vs LAMARTINE: « Eu perdi assim, antes da idade madura, a maior parte dos seres que mais amei, e que mais me amarão neste mundo: minha vida amante concentrou-se; meu coração não tem mais senão alguns corações onde refugiar se; minha recordação não tem quasi

senão tumulos aonde pousar-se sobre a terra ; eu vivo mais com os mortos do que com os vivos ; se Deos ainda descarregasse dons ou tres dos seus golpes á roda de mim , sinto que eu despegar-me-hia de todo de mim mesmo , pois eu me não contemplaria nem amaria mais nos outros ; e he só ali que me he possível o amar-me. (Voyage en Orient.)

Escrevi portanto e publico tambem os meus *Carmes Epistolares*, que , com os outros já mencionados , offereço especialmente aos corações sensiveis , que tem de lastimar a perda de alguma pessoa que lhes tenha sido cara , e , em geral , a todos os que professão principios religiosos e de verdadeira humanidade. Assim fazendo , não tenho a vã pretensão de equiparar-me aos talentos dos quaes me fiz interprete para com o publico Brasileiro e Portuguez , mas sómente , como diz Persio (7) :

..... *Ipsè semipaganus .*  
*Ad sacra vatùm carmen affero nostrum .*

Eu , mesmo semirustico ,  
Meus versos trago ao templo dos poetas .

Nas minhas traducções , diligenciei ser escrupulosamente fiel ás idéas e pensamentos dos autores , sem nada omitir nem augmentar ao texto , trasladando quasi sempre mui litteralmente , e conservando na versão quanto me foi possível , não só o estylo e as côres do original , mas tambem o movimento , a cadencia das expressões , e dos versos , e principalmente as onomatopeas apropriadas ; emfim , tudo o que em huma traducção pôde dar , em outro idioma , huma verdadeira idéa do original , sem faltar aos preceitos e falsear o genio da lingua para a qual se traslada . A gran

de afinidade das duas línguas, irmãs, filhas primogénitas da latina, me permittio vencer difficuldades, que ao traductor em outra terião sido insuperaveis, e me animou ás vezes a conservar termos e significações neutras ou activas de verbos, que a autoridade dos dictionarios ainda não tem sancionado, mas que me parecerão apropriadas para o caso, e sancionaveis pelo bom gosto, o qual sempre dá a preferencia á fazenda nova e estrangeira; quando a velha e nacional não he tão bella e tão conveniente. Esses casos forão mui poucos; e, quanto aos outros, persuadido de que *as linguas devem andar com a era*, regulei-me pelo recentissimo e bom dictionario de ROQUETE, o qual me parece fazer honra ao seu autor e á nação portugueza, por varios titulos que o recommendão, especialmente pela rica collecção, que elle encerra, de novos termos de artes e sciencias, que se não achão nos dictionarios geraes das outras linguas, e sómente se encontrão nos technicos.

Quando eu digo que as linguas devem andar com a era, não entendo, como certos moços arditos e insolentes, declarar a guerra a tudo o que he velho e antiquado, e renunciar ao direito e vantagem de empregar ás vezes hum termo excellente e mui apropriado, que o descuido, o capricho, ou a falta de bom gosto, tem deixado cabir em esquecimento e desuso. Nos escriptos choca mais ao leitor o obsoleto do estylo que o dos termos, e tanto hum como o outro podem ás vezes ser tolerados e até louvados quando a moderação e o gosto sabem afastar delles a rudez e affectação.

Todavia, se apezar da minha diligencia, algum dos leitores me achar culpado de erros ou faltas imperdoaveis, estimarei muito que com fraternal admoestação m'os indi-

que para en os corrigir, pedindo-lhe porém sempre toda a  
indulgencia, e lembrando-lhe que

Patria me foi a Italia, e na Liguria

Novoz (8) nasci; mas me affligio seu pranto;

E aqui, fugido da fortuna á injuria,

Minha lyra casei c'o Lysio canto.

De forças só, jamais senti penuria

De bom desejo em meu humilde manto:

Mas nimio ardor de exagerada furia

Nunca o pé me arredou de hum templo santo:

Neste huma deosa em iguaes braços libra

De tudo o peso, e sem excesso o marca:

A ella he sacra a minha interna fibra.

Amo Dante, Camões, Tasso, e Petrarca;

Mas direi sempre a quem as setas vibra:

Em Parnaso he o bom gosto o meu monarca.

L. V. DE SIMONI.

pedindo-lhe porém sempre  
e lhe que

Italia, e na Liguria  
na que affligo os prantos:  
fortuna à injuria,  
e Lyrio canto.

mas senti penuria  
meu humilde tanto  
e estagada furia  
ador de hum templo santo.

em iguaes braços libra  
em cruzes o marca;  
alinda interior fibra.

hões, Tasso, e Petrarca:  
a quem as setas cêcia:  
em gesto a meu ancora.

L. V. DE SIMONI.

## OS SEPULCHROS.



1.

 ieb

ieb



OS SEPULTUROS.

À sombra  
Confortada  
Tiver de  
Para mim  
D'hervas e  
E quando  
Avidas de  
Nem mais  
E a triston  
Nem mais  
Des virgens  
Injeto de  
Quas per  
Hum rose  
Os meo  
Que na ter  
Bem her  
Esperança

## OS SEPULCHROS.

### GABRIEL EPISTOLAR

DE HUGO FOSCOLO,

**Hippolito Pindemonte.**

DEORVM. MANIVM. IVRA. SANCTA. SVNTO.

XII. TAB.

À sombra dos ciprestes, e nas urnas  
Confortadas de pranto he' menos duro  
Talvez da morte o somno? Quando a terra  
Para mim esta o sol mais não fecunde  
D'hervas e de animaes bella familia,  
E quando d'ante mim mais não dançarem  
Avidas de lisonja horas futuras,  
Nem mais, meu doce amigo, eu te ouça o verso,  
E a tristonha harmonia que o governa, (1)  
Nem mais no coracao me falle o espirito  
Das virgens musas, e do amor, o unico  
Espirito da minha errante vida,  
Qual aos perdidos dias lenitivo  
Huma lousa sera, que discrimine  
Os meus dos outros infinitos ossos,  
Que na terra e no mar semea a morte?  
Bem he verdade, Pindemonte, a mesma  
Esperança tambem, ultima Deosa,

As sepulturas fuge, e as cousas todas  
Em sua noite o esquecimento envolve ;  
E huma força operosa as affadiga  
De moto em moto ; e o homem e seus tumulos,  
E os extremos aspectos, e as reliquias  
Deste mundo e do céu o tempo traja.

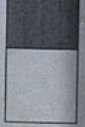
Mas porqué ha de o mortal antes do tempo  
Invejar a si mesmo a illusão que inda  
O detém morto ao limiar de Dites? (2)  
Não vive elle talvez inda debaixo  
Da terra, quando muda para elle  
He da luz a harmonia, se, com doces  
Cuidados, desperta-la ainda pôde  
Em a mente dos seus ? Celeste he esta

Correspondencia de amorosos votos,  
Dote celestial he dos humanos,  
Frequentemente com o amigo extinto  
Por ella inda se vive este comosco,  
Se a terra piedosa, que inda infante  
O recebeu, e que o alimentava  
Em seu seio materno ultimo asylo  
Offerecendo, sacros torna os restos  
Aos insultos das nuvens e ao profano  
Pé do vulgo, e huma pedra o nome guarda,  
E arvore amiga, flores, recendendo,  
Com branda sombra as cinzas lhe console.

Só quem herança não deixou de affectos,  
Pouca alegria tem, na urna, e se alha  
Inda apoz das exequias, seu espirito  
Vê dos templos errar acheronteos (3)  
Entre as nenias, ou sob as grandes azas  
Do divino pedregão agazalhar-se.

ieb

ieb



Mas as or  
Deixa  
Namora  
Passivo  
Que do fup  
Linhado  
per a fista  
I o nome  
Teu Socred  
Com longu  
Hum voure  
Cotas par  
Os cantos  
lio acres  
A quem  
Que dos an  
Feiz o faze  
O bella mu  
Spizar a am  
Em este bo  
O meu tec  
E desse til  
Que gen  
Porque nã  
A quem fav  
Voz entre  
Fumado o  
Do la fcin  
Não pã  
De vinda  
Alta  
E talvez, co

Mas ás ortigas de deserta leiva  
Deixa entregue o seu pé onde nem ore  
Namorada mulher, nem solitario  
Passageiro jámais ouça o suspiro,  
Que do tumulo a nós manda a natura

Comtudo nova lei hoje os sepulchros  
Quer afastar de piedosos olhos,  
E o nome aos mortos nega, e jaz sem urna  
Teu Sacerdote (4), ó Musa, que cantando  
Com longo amor em o seu pobre tecto,  
Hum loureiro educou-te, e pendurava  
Coroas para ti, e com teu riso  
Os cantos lhe adornavas, que ao Lombardo  
Ião acres ferir Sardanapalo (5)

A quem doce o mugido he só das vaccas,  
Que dos antros do Adda e do Ticino (5 a)  
Feliz o fazem d'ocio, e de manjares,  
O' bella musa, aonde estás? não sinto  
Spirar a ambrosia indicio do teu nume  
Em este bosque (6), onde eu sentado anhele  
O meu tecto materno, E tu aqui vinhas,  
E desse til embaixo lhe sorrias,  
Que geme agora com cahidas folhas,  
Porque não cobre, ó Deosa, a urna do velho  
A quem favoreceu com calma e sombras,  
Talvez entre plebeos tumulos (7) olhas  
Vagueando onde durma a sacra fronte  
Do teu Parini? Sombras para elle  
Não pôz dentro seus muros a cidade (7 a)  
De eyrados cantores luxuriosa  
Affagadora, nem palavra ou pedra;  
E talvez, co' a cabeça decepada,

Os ossos lhe ensanguenta o assassino,  
Que os delictos deixou no cadafalso.  
Ouve raspar o cão abandonado  
Entre entulhos e espinhos, vagueando  
Fominto sobre as covas com seus uivos,  
E da caveira, onde ao luar fugia  
Sahir o mocho, e sobre as espalhadas  
Cruzes voar pelo funereo campo:  
E o immundo accusar com luctuoso  
Gemido os raios com que são piedosos  
Os astros a olvidadas sepulturas.  
Em vão sobre o teu vate orvalho pedes,  
O' Deosa, a noite esquallida: ai não surge  
Sobre os mortos a flor onde a não honrem  
Louvor humano e amoroso pranto.  
Desde o dia em que os laços de hymeneo,  
Aras e tribunaes ternos fizeram  
Com outrem e comsigo humanos brutos,  
Ao ar maligno e ás feras subtraíão  
Os vivos esses restos miserandos,  
Que a natureza, com eternas vozes,  
Destina a outros sentimentos. Erao  
Testemunhas aos fastos os sepulchros,  
E aras aos filhos; dos cazeiros lares  
Delles vinha a resposta, e foi temido  
Dos avós sobre o pó o juramento;  
Religião, que, com diversos ritos  
Patrias virtudes co' a piedade unidas  
Por longa de annos serie conservarão.  
Nem sempre as lousas sepulchraes aos templos  
Fazião pavimento, nem envolto  
O fedor dos cadavres nos incensos



Ahi cont  
Nem  
As cida  
Salto a p  
Os lapos  
A sua am  
Jener de  
Los herde  
Do sanctua  
De effluvia  
Verlor que  
Deitavio  
Ricos vas  
Os amiguo  
Roubavio  
Os olhos de  
O ultimo s  
Aguas lusa  
Violas edu  
Sobre a fru  
A libar lei  
Aos curus  
Quaes do  
Piedoso lusa  
Cuzas faz do  
Achario (10  
O meu se le  
Famulo se ge  
Que á comp  
Cortou, e ca  
Mas amado  
Dorme, e á c

Ahi contaminou aos supplicantes ;  
Nem de esqueletos retratados tristes  
As cidades se virão. Espantadas  
Saltão as mãs nos sonhos, extendendo  
Os braços nús sobre a querida fronte  
Da sua amada eria, afim que o longo  
Gemer de algum finado a não acorde,  
Aos herdeiros pedindo a venal prece  
Do sanctuario. Mas, ciprestes, cedros,  
De effluvios puros impregnando os ares,  
Verdor perenne, em perennal memoria,  
Deitavão sobre as urnas, e acolhião  
Ricos vasos as lagrimas votivas. (8)  
Os amigos ao sol huma faisca  
Roubavão, pois ao sol buscão morrendo  
Os olhos do home a manda tudo peito  
O ultimo suspiro á luz que fuge  
Aguas lustraes as fontes derramando  
Violas educavão e amarantinhos  
Sobre a funebre gleba, e quem sentava-se (9)  
A libar leite e a recontar seus males  
Que novo Olympto reender entornou  
Quaes do Elysio ditos auras sentia. (10)  
Piedosa insãnia que ás britannas virgens  
Caras faz dos sepulchros suburbanos  
As hortas (10 a) onde de huma mã perdida  
O amor as leva, e aonde ellas rogão  
Faustos os genios do retorno ao bravo  
Que á conquistada não o maior mastrou  
Cortou, e excavou nelle o proprio esquite. (12)  
Mas, aonde o furor d'inclytos feitos  
Dorme, e á civica vida são ministros

A opulencia, o temor, inutil pompa,  
E imagens do Oreb (12 a) inauguradas surgem  
As campas, os marmoreos monumentos.  
Já o douto, o rico e da nobreza o vulgo,  
Decoro, e mente ao bello italico reino,  
Sepulchro tem nas aduladas côrtes  
Em vida, e só braços por elogio.  
A nós prepare a morte unico alvergue  
Em o qual huma vez cesse a fortuna  
De vinganças, e aonde a amizade,  
Nao de ouro herança, mas ardores d'alma,  
E de liberal carme o exemplo colha.  
Acendem alma forte a egregies feitos,  
O Pindemonte, os tumulos dos fortes,  
E bella e santa ao peregrino fazem  
A terra que os acolhe. Eu avistando  
O monumento onde reppusa o corpo  
Desse grande (14) que o sceptro temperando  
Aos reinantes, os louros lhe desfolha,  
E descobre ás nações como gofeje  
De lagrimas e sangue, e a arca desseito  
Que novo Olympo aos celestiaes em Roma  
Ergueu (14); eia de quem vio diversos mundos  
Sob a abobada etherea andar rodando, (15)  
E o sol sem se mover irradia-los,  
No que ao Britanno, que tao grandes azas  
Depois alli extendeu, elle primeiro  
Os caminhos abriu do firmamento;  
Ditosa, tu, gritei pelas felizes  
Auras preñhes de vida e pelas aguas  
Que em ti dos cûmes seus verte Apennino I. (15 a)  
Leda dos ares teus a lua veste

ieb

ieb



De limpissima luz os teus outeiros;  
De vendima pómposos, e os convalles;  
Povoados de casas, e olivedos,  
Mil de flores ao céu mandão incensos,  
Tu primeira ó Florencia o cantó ouvias (16)  
Que a raiva consolou ao Guibellino  
Fuginte, e os caros pais e o Idioma;  
Tu deste ao doce de Calliope (17) lábio (18)  
Que Amor em Grecia nú; e nú em Roma  
De hum véo candidissimo adornando  
Da Venus celestial rendia aos braços: (19)  
Mas feliz inda mais porque conservas  
Acolhidas n'hum templo italas glorias (20)  
As unicas talvez depois que os Alpes (20 a)  
Malvedadós, e a sempre revezante  
Omnipotencia das humanas sortes  
Armas, teres, e altares te invadião,  
E patria, e excepto a só memoria, tudo!  
Pois quando refulgir aos animosos  
Intellectos e á Italia huma esperança  
De gloria, ahí os auspícios búscaremos,  
E muitas vezes a inspirar-se veio  
Victorio (21) a estes marmores. Irado  
C' os patrios Numes vagueava mudo  
Onde Arno he mais deserto, os céos e os campos  
Olhando desejoso, e como a magoa  
Nenhum vivo semblante lhe abrandasse,  
Aqui pousava o austero, e no seu rosto  
Tinha o pallor da morte e a esperança.  
Com estes grandes elle habita eterno,  
E amor de patria fremem os seus ossos. (21 a)  
Ah! dessa paz religiosa hum Nume



Falla, sim : e alentava em Marathona,  
A onde Athenas consagrou sepulchros  
A seus bravos, da Grecia contra os Persas  
As iras e a virtude. O navegante,  
Que esse mar velejou perto da Eubea, (23)  
Pela ampla escuridão centelhas via  
D'elmos e espadas fuzilar luctantes ;  
Igneo vapor fumar as pyras ; via  
A batalha buscar guerreiras sombras  
D'armas ferreas luzindo, e pelos campos,  
Dos nocturnos silencios nos horrores,  
Longo motim de armados espalhar-se,  
E de tubas hum som, e hum seguimento

De cavallo correndo, e apisoando  
Dos moribundos sobre os capacetes (24)

E pranto e hymnos, e o cantar das Pareas (25)

Feliz de ti, que o reino amplo dos ventos,  
Hypolito, correste em verdes annos !  
E se o piloto das Egéas Ilhas

A tua antenna além levou, de antigos

Feitos soar ouviste do Hellesponto (26)

As praias, e a maré bramir levando

Sobre os ossos de Ajax ás Recias ribas

De Pelides as armas (27). Com mão justa

Morte glorias dispensa aos generosos

Nem siso astuto, nem de reis favores

O arduo espolio a Ulysses conservarão ;

Pois o roubou á vagueante popa

Revolto o mar pelos infernos Deoses ;

A mim, que os tempos e desejo de honra

Por diversas nações em fuga trazem ;

Para evocar heróes as Musas chamem

Do mortal pensamento animadoras,  
Dos sepulchros á guarda estão sentadas,  
E quando o tempo com as frias azas  
Té lhes varre ás ruínas, com seus cantos  
As Pimpleas (28) alegrão os desertos,  
E de seculos mil vence ao silencio  
Essa harmonia. E hoje eterno esplende  
Na Troade (29) insemeeada aos peregrinos  
Lugar eterno (30) pela nympha esposa (31)  
De Jupiter, que a Jupiter por filho  
Dárdano (32) deu, do qual e Troia e Assáraco (33)  
Provierão e os thalamos cincoenta, (34)  
E da Julia prosapia (35) emfim o reino.  
Pois, quando Electra a Parea ouviu chama-la  
Da aura vital do dia para os côros  
Do Elysio, o extremo voto ergueu a Jove:  
E se, dizia, a ti queridos forão  
Meus cabellos, e o rosto, e as delectosas  
Vigilias, e melhor me não consente  
Premio dos fados a vontade, ao menos  
A morta amiga, ah tu olha do céu  
P'ra que d'Electra tua a fama fique.  
Assim orando ella expirava, e disse  
Gemia o Olympio (37), e ambrosia sobre a nympha  
Acenando chovia a immortal fronte,  
E fez sacro esse corpo e o seu jazigo.  
Alli Erichtonio (38) repousou; alli dormem  
As justas cinzas d'Ilo; alli soltavão  
As mulheres iliacas a coma (39)  
Deprecando, ai em vão, dos seus maridos  
O destino imminente; alli Cassandra (40)  
Quando no peito lhe fazia o Nume

Fallar de Troia o fatal dia, veio;  
E ás sombras cantou versos amorosos;  
E os sobrinhos guiava, e os amorosos  
Lamentos ensinava aos jovensinhos:  
E suspirando ella dizia: « Oh de Argos (41)  
Aonde de Tydides (42), e do filho  
De Laertès (43) pastando hireis cavallos,  
Se o céo vos permittir voltar hum dia,  
Debalde buscareis a patria vossa.  
Sob os seus restos fumarão os muros  
Obra de Phebo (44), mas nestes sepulchros  
De Troia habitarão inda os Penates (45);  
Pois dos Deoses hiê dom altivo nome  
Conservar na miseria. E vós, palmeiras,  
E ciprestes plantados pelas noras  
De Priamo (e crescereis ai muí depressa  
Da viuvez regados pelo pranto!)  
Protegei os meus pais: e quem piedoso  
O machado absteriver das sacras folhas  
Menos terá de consanguineos luctos  
A doer-se, e no altar porá mãos santas.  
Protegei os meus pais. Vereis hum dia  
Mendigo errar hum cego (46) sob as vossas  
Antiquissimas sombras, e os sepulchros  
Penetrar apalpando, e abraçar urnas,  
E interroga-las. Gemerão os antros  
Secretos; contará todo o sepulchro  
Ilio dupla vez raso, e dupla erguido (47)  
Splendidamente sobre as mudas vias  
Para fazer depois inda mais bello  
Aos fadados Pelides (48) seu tropheo  
Extremo. O sacro vate, com o canto,

Essas almas afflictas apacando,  
Por quantas terras o gram padre Oceano  
Abraça, eternará d'Argos os principes,  
E tu terás, Heitor, honra de prantos  
Aonde santo e lagrimado seja  
O sangue dado pela pátria, emquanto  
Luzir o sol sobre os humanos males.



ieib

ieib



Essas almas soffredes aplacando,  
Por dadas terras o gran padre Oceano  
A parte, eterra e d'algos os principes,  
E tu terras, flogior, honra de ptaes  
A onde seculo e lagrimado seja  
O sangue dado pela patria, emquanto  
Fazit o sel sobre os humanos males.



OS SEPULCHROS.

—◆◆◆—  
II.

 ieb

ieb

ieib

ieib



OS SEPULTURADOS.

II

Que vo  
Surge cam  
Be Hugo  
Entre urn  
E accende  
Do Meoni  
Os immort  
De sua ling  
Talhados d  
Quantos ta  
E de qua  
Mais polen  
De Homar  
E não ha pl  
Abril não a  
Que o incol

## OS SEPULCHROS.

### CARME EPISTOLAR

DE HYPOLITO PINDEMONTE,

Hugo Folcolo,

Em resposta ao d'este sobre os Sepulchros.

*Et tumulum facite, et tumulo superaddite carmen.*

VING. ELOG.

Sepulturas fazei, juntai-lhes canto.

Que voz he esta, que do flavo Mela (1)  
Surge canora, e qu'eu nesta alma sinto?  
He Hugo a tua voz, que a ti me chama,  
Entre urnas, campas, arcas, e sepulchros,  
E accende em mim os tristes, caros estros.  
Do Meonio cantor (2) velava eu sobre  
Os immortaes escriptos, e vertia  
Da sua lingua para a nossa os longos  
Trabalhos desse peregrino illustre (3)  
Que antes tanto luctou com os Troianos,  
E depois com o mar; mas tu, que Homero  
Mais poderoso, tu me desapegas  
De Homero. Eis já se ri o céu e a terra,  
E não ha plaga aonde virgens rosas  
Abril não avermelhe; e tu pretendes  
Que o inculto cabello de cipreste



Feral eu cinja, do cipreste, que ora  
 De hum verde tão tristonho em vão se tinge,  
 Depois que tambem elle he dos sepulchros  
 Banido. Porque os ramos obsequiosos  
 Curvas e choras, ó salgueiro amigo (4),  
 Dos que cobertos pela terra dormem?  
 Nem sepultado moço, que, no dia  
 Primeiro da sua fama, a mão sentio  
 Importuna da Parca, nem co'a tua  
 Dôr honrarás donzella a quem ufana  
 A mãi já preparava a nupcial veste,  
 E nesse mesmo dia, em que adornar-lhe  
 Devia o joven corpo a nupcial veste,  
 Escuro a circumdou funebre panno.  
 Da donzella e do moço sobre o corpo  
 Cresce o cardo, e a ortiga; e o matutino  
 Vento que zune entre a ortiga e o cardo  
 Ou o interrupto lugubre lamento,  
 Que da sua erma casa o bufo solta  
 Longo-ululante ao radiar da lua,  
 He a unica do mundo voz que sõe  
 Nesse deserto. Ai, desgraçada idade,  
 Que o viver e o morrer mais agro torna!

Mas á sombra das plantas, e nas urnas  
*Confortadas de pranto he menos duro*  
*Talvez da morte o somno?* Hum monte d'ossos  
 Do marmore, que o cerca, as honras sente,  
 Ou com os guardas das cadeas suas  
 Livre esp'rito se importa? Ah para os mortos  
 Só a campa não he. Apaixonada  
 Mulher, que, em negro traje a face inclina  
 Sobre a lousa, que encerra o seu esposo,

Mas o sentido  
Perdas de  
Que aben  
Porque  
Dos pais  
A selvagem  
Que dos seus  
Sobre o túmulo  
Sempre te  
Este  
Ou nã  
O pedu  
Ao só  
Olla  
De per  
Lance  
Tambem  
E Grecia  
As aqu  
A terra  
Zada  
Hum  
Alind  
Haver  
Record  
Tu val  
A tór  
Simp  
Das p  
Que das  
Das tu  
Cos

Ainda o vê, inda lhe falla, o escutar:  
Acha, o que he nos mais atrozes males  
Maior conforto, hum lagrimar desfeito.  
Superfluo á minha patria este conforto  
Ha pouco pareceu: immota e surda  
He do seu cemiterio a porta aos vivos.  
Mas de que valeria se, cedendo  
Ao amoroso pé, ella se abrisse?  
Entre si indistinctas sao as covas  
E huma herva muda tudo cobre: o pranto  
Incerto de cahir sobre hum amado  
Corpo, ou sobre hum ignoto, repellido  
No coração estagnaria. A urna  
Patroclo (5) amado, que te encerra a cinza,  
Tambem a minha encerrará: não fomos  
Dous em vida, e na morte os não seremos.  
Sua dôr illudia assim Achilles,  
E vivo, util achava aquella urna.  
O divo filho, se dizer se pôde  
Ás vezes a verdade com o falso,  
Que a Grecia imaginou, o divo filho (6)  
De Japeto formar quiz raça humana  
De amaveis illusoes, doces enganôs,  
De aureos sonhos amigo, e aureas imagens.  
Este, eu ouço gritar, foi o seu crime;  
Isto castiga o passaro, que roe-lhe  
O coração sobre a caucasea rocha: que  
Isto pune elle só, não as tiradas  
Da alampada do céu sacras centelhas.  
Tambem novos Prometheos ao homem  
Pretendem reformar, e o pensamento  
Não só do homem emendar se esforço,

Mas o sentido interior. Apenas  
Perdão delles impetra o povo rude,  
Que abandonar não quer suas cabanas,  
Porque erguer-se e com elle andar não podem  
Dos pais os ossos, e perdão apenas  
A selvagem mulher, que da criança,  
Que dos seus peitos despegou a morte,  
Sobre o tumulto corre, e expreme, como  
Se nutri-lo de si inda podesse,  
Leite do seio, e lagrimas dos olhos:  
Ou n'arvore suspende conhecida  
O pequenino fêretro e do vento  
Ao sopro o vê ondear, e aos illudidos  
Olhos offerecer mais que de tumba  
De berço o aspecto. Porém estes erros  
Innocentes e doces não os houve  
Tambem nos povos os mais doutos? Roma,  
E Grecia, e Egypto não amou sem pejo  
As sepulturas? A ti seja, ó filho,  
A terra leve, e teus baixos repousos  
Nada perturbe nunca mais, exclama  
Huma mãe, quasi no querido corpo  
Ainda hum sentimento, huma faisca  
Haver creia de vida. Levantando  
Recordações, em marmor, e memorias  
Tu vais nutrindo, saciando vais  
A dôr acre, que então menos te punge,  
Menos longe de ti julgas as almas  
Das quaes tens perto os trajas, que vestião,  
Que das tuas direi, Sicilia cara,  
Das tuas salas sepulchraes aonde  
C'os mortos a morar descem os vivos?

ieib

ieib



Foscob  
Em ver  
Só ver  
E com  
De min  
Nem ill  
Abou, m  
Miravilha  
Que semp  
Entre glo  
Templos q  
Arbet o F  
C'os anno  
Do arte a  
Essi Arret  
Por occu  
Segundo  
Que do fun  
E conside  
Inda cons  
Cousa por  
E forte ali  
Estancias  
Como estat  
Corpus sem  
Tu que o ar  
Sua es mu  
Tudo i est  
Expelli bal  
suas carnes  
Após em e  
Como que te

Fôscolo, sim o reino amplo dos ventos  
Em verdes annos eu corri, não huma  
Só vez sulcando andei o mar Sicano (7),  
E com ligeiro pé de quando em quando,  
Da minha fida barca, eu me lançava  
Nessa ilha onde Ulysses os Cyclopes (8)  
Achou, mulheres eu bellas e honestas.  
Maravilhas vi alli: huma montanha (9)  
Que sempre fuma, ás vezes arde, e as rochas  
Entre globos de chamma ao céu arroja;  
Templos que virão já cem e cem vezes  
Arder o Etha espantoso, e ainda luctão  
C'os annos, e entre as hervas e as arêas  
Da arte antiga ainda erguem-se mestres:  
Essa Arethasa, (10) que da Grecia volve  
Por occulto caminho argenteas ondas  
Segundo a antiga fama, e o Grego Alpheo, (11)  
Que do fundo do mar sobe não longe  
E constante o amor, doces as aguas  
Inda conserva entre as da amarga Thetys (12)  
Cousa porém talvez mais admiranda  
E forte ali vi eu: amplas, escuras  
Estancias sob a terra onde, em seus nichos,  
Como estatuas em pé, entorno correm  
Corpos sem alma, ainda com os pannos  
Em que o ar respirar já forão vistos.  
Sobre os musculos mortos, sobre a pelle  
Tanto a arte suou, tanto os humores  
Expellio delles, que as feições antigas,  
Suas carnes conservão os semblantes  
Após cem e mais annos. Morte os olha  
Como que tema haver falhado os golpes.

Quando das autumnaes folhas a queda  
Nos avisa cad'anno que não menos  
Espessas cahem as humanas vidas,  
E sobre os mortos a verter nos manda  
Lgrimas piedosas, então desce  
Nos subterraneos claustros o devoto  
Bando. Pendendo estão com varias luzes  
Lustres do alto: cada hum dirige-se  
Ao corpo amado, e nos mirrados rostos  
Procura e acha cad'hum notorias fórmas,  
Filho, amigo, e irmão acha o pai, o amigo  
E o irmão; de tal modo esses semblantes  
Das velas a luz tremula percute,  
Que, esquecidas da Parca, as enrijadas  
Fibras parecem agitar-se ás vezes,  
Quantas lembranças de communs desgostos,  
De prazeres communs! Quanta nos annos  
Tão depressa passados nova vida!  
No entanto hum suspirar ergue-se, hum longo  
Confuso soluçar, e alto lamento,  
Que nas arcadas, écoantes salas  
S'espalha, e ao qual aquelles corpos frios  
Parecem responder; tenue os dous mundos  
Passo divide, e unidas e amigadas  
Tanto forão jamais a vida e a morte.  
Mas apertar, e perturbar podera  
Nimiamente alguma alma huma tal scena.  
Surge e branqueja nos avitos campos  
Nobre palacio teu, d'hervas e d'aguas,  
E de flores cercado, e de mui grande  
Que criarão teus pais, inclyta selva?  
Repouse ali, se este ar mais não respira,

Tua adorada esposa: hum branco marmor,  
De seu candor emblema, a encerre e as suas  
Castas feições te offereça hum branco marmor. (13)  
Mas a religião orne e consagre  
O lugar solitario, pois horrivel  
Hum tumulto he demais sem que ella assista.  
Corra e geima ali o rio enfusque (14) o bosque  
E não longe de côr se vista a rosa,  
Que ao marmor tu darás colhida apenas.  
Não ouves tu por igual golpe viuva  
Lá do ulmeiro chorar a fida rola?  
Quando o dia he mais quente, e quando os campos  
São mais mudos, te acolha da floresta  
O verde horror, que o sol ca e lá doura.  
No rio que se queixa, e em cada folha,  
Que o vento agita, sentirás da tua  
Esposa a voz: com as amigas letras  
Na pedra abertas, sob o busto della,  
Te fallará: *põe, te dirá, põe freio,*  
*Caro, a tamanha dôr, feliz eu vivo.*  
E quando o mais visinho astro (15) nos campos  
Sua pallida luz nocturna chove, (16)  
Tambem te acolha o bosque: em brancas vestes  
E coroad a fronte com as rosas,  
Que tua própria mão colheu p'ra ella,  
Entre os troncos verás a tua esposa.  
Ambas as faces sentirás banhar-te  
Suavissimas lagrimas, e toda  
O jubilo da dôr correr-te a alma.  
Tão eleita morada e tão piedosa  
O Anglo ás vezes, que profundos, fortes  
Affectos tem não menos que as idéas,

Assim destina ás mais amadas cinzas  
Nos seus sítios ruraes tão celebrados,  
Onde no coração, e pelos olhos,  
E pelo ouvido, tanta penetrava-me  
E tão doce delicia. Oh quem nos ares  
Agora me levanta, e quem me levã  
A ver desses amenos, deleitosos,  
Vastos bosques a scena? Oh quem me pouza  
Sobre os verdes tapetes, entre os fuscos  
Solitarios abrigos, e no seio  
Desses valles, no cume desses morros!  
Alli jamais o bellico machado  
Cortou sombras jucundas, e debalde  
Não buscarão alli hospedes aves  
O abrigo costumado, e a primavera  
Lograda não se achou des'parecido  
Vendo da terra o conhecido bosque,  
Que vinha revestir com suas folhas.  
Só fustis do solerte jardineiro  
Alli mandou na mão o agudo ferro,  
Que rasou o prado, e o nivelou, e os ramos,  
Que interceptar aos olhos as remotas  
Vistas ousavão, corrigio perito.  
Bellos prospectos, subitos encontros,  
Lindos caminhos, antros frescos, sombras  
Onde sentar-se, lentas aguas, mudas  
Entre as flores e a relva; aguas do alto  
Precipitando com estrondo, rochas  
De horror sublime revestidas, campo,  
Jardim, luxo erudito, com agreste  
Simplicidade. Deste lado vê-se  
A ceara ondear, pender as cabras

De aerea ribanceira; ouve-se o valle  
Ganir, balar, o morro: acolá vê-se  
Huma ponte marmorea curvar-se  
Sobre as ondas, e hum templo entre a verdura  
Sobresahir com alva côr, estranhos  
Frondeos troncos que o britannio solo  
Lastrando vão de americanas sombras,  
E sobre o ramo, que para outras aves  
Natura urdira, aves cantar da Europa:  
Em quanto ufano dos arboreos topes  
Anda o veado pela selva, e a frente  
Vira, e olha p'ra ti; do pé faz remo  
Entre as ondas o cysne, o colo arquea  
E fende o argenteo lago: as mesmas feras  
Sentem mansão tão bella, e desses bosques  
Sacodem com espanto o cimo os yentos.  
Ah porque não posso eu tranquillos passos  
Mover nesses caminhos, esconder-me  
Sob as tranças tambem desses frondosos  
Hospitaleiros ramos, e de longe  
Do mundo ouvir roncar a tempestade,  
Huns com os outros esbarrar-se os povos,  
Despedaçar-se os sceptros e as corôas?  
Quanta carnagem ai! oh! quanto abrir-se  
De covas! quanto baquear de corpos,  
E aos mortos capitães erguer de tumulos!  
Mas conforto não só, tambem escola  
São a quem vive os monumentos tristes  
De quem já foi. O cidadão que passa  
Os olhos volve e pára: dos sepulchros  
Lê as lousas inscriptas; as vai lendo  
Depois, seguindo o seu caminho, pensa



Ao breve anno da vida, aos dias gastos,  
E de quaes olhos, diz, enxuguei pranto!  
Bem sei nada aproveitão carraréses (17)  
Pollidas pedras para humma alma grande  
No céo, onde outro galardão tem ella  
Que entalhados do Lacio argutos ditos  
E as esculpidas sobre a tumba curvas  
Virtudes lagrimosas! Mas o joven,  
Que essas pedras encara, sente dellas  
Dentro em seu coração descer hum fogo,  
Que ás emprezas magnanimas o impelle.  
De veres filhos cujo nome brilhe  
Nos seculos futuros tu não curas  
Talvez minha Verona? Eia as estatuas,  
Que em melhor tempo no teu foro ergueste,  
Então lança-as ao chão, e do alto caia  
O teu divino Fracastor: (18) do alto  
Precipite, e quebrado em cem pedaços  
Maffei (19) ribombe sobre a ingrata terra!  
Bello e sacro recinto eu nas cidades  
Mais celebres quizera aonde aquelles,  
Que em alta, ou humilde condição obrarão  
Cousas mais grandes, descansar podessem  
Com iguaes honras em soberbo leito  
Sobre a de pó sua almofada: aquelle  
Mui humano senhor por cuja morte  
Chorosos só se nao virão os rostos  
Que das cinzas reaes aduladora  
Arte de Phidias (20) esculpió na câmpa  
Aquelle servo, que levou na corte  
Comsigo a patria, e foi ao mesmo tempo  
Ministro e cidadão: o quelle

Que co' a espada na mão amar ao homem  
Soubes, e os inimigos todos, e si mesmo  
E a victoria tambem mesma venceu  
O sabio o qual achou uteis verdades  
Ou acha-las mereceu: (21) aquelle vate  
Que com direito pôz no seu poema  
A virtude que já tinha em seu peito. (22)  
Hum indutro cinzel nos mostraria  
Os seus semblantes verdadeiros: este  
Na sua imagem esculpida, vede  
Tem a bondade que trazia impressa  
No coração: aquelle a fronte encrespa  
E ao bem commum inda no marmor  
Aqui nas véas de hum heróe, que pranto  
Só dos olhos sacou de seus inimigos  
Corre o béllico ardil: lá de tal modo  
A mão estende hum orador e os labios  
Mover parece, que os ouvidos prestas  
E nessa face perto d'elle o sacro  
Poetico furor vés esculpido.  
Sente a pedra prazer, se alegre o bronze  
Em retratar cá e lá sceptros clementes,  
Justas espadas, não manchados louros,  
Lyras suaves, não serviis, ou impuras  
Quando a do mundo corrompida scena  
Mais a alma contrista, e mais abate  
O coração, no cemiterio augusto  
Eu entro, e com os olhos vou correndo  
De semblante em semblante: e pouco a pouco  
Sinto huma doce veia hir penetrando  
No amargor, que me inunda: as prisças forças  
Vai retomando e se realça a alma.

Mas ahi nesse vão, onde não se ergue  
Monumento nenhum, quaes negros termos  
Correr vejo eu sobre a parede nua?  
« Aquelle, que primeiro desses grandes,  
« Que dormem neste bello claustro, em obras  
« Com hum se parecer, pousará neste  
« Lugar a fronte, e em igual marmor posto  
« Iguaes terá tambem somnos illustres,  
Soltas assim as bem nascidas almas  
De hum vil ocio serião, e de novos  
Salutares herões na paz, na guerra  
Fecunda se tornara a morta cinza.

Bella foi pois e generosa e santa  
A chamma que accendeu-te, Hugo, e as extremas  
Mansões do homem a vingar levou-te.  
Porque tu ás vezes co' a phebea falla  
Tanto te escondes que eu em vão te busco?  
Verdade he que depois de breve espaço  
Luzes-me aos olhos mais, e me consolas;  
Assim o rio, que do puro lago  
De que leda he Genebra (23) azul se sahe,  
Depois de breve curso, sob enôrmes  
As'prás rochas se esconde, e sobre a margem  
Saudoso deixa o viajador, que os passos  
Dava com elle: mas surgir da terra  
O vê este depois de algum caminho,  
O vê com claras resonantes aguas  
Campos refecundar, e alegrar selvas.  
Da velha idade porque tu nas sombras  
Longe estendes de nós tão longos vóos?  
Quem de Heitor não cantou? Tambem venero  
*Ilio dupla vez raso, e dupla erguido*

*Splendidamente sobre as mudas vias*  
A relva onde Mycenae, (24) os rochedos  
Onde foi Argos. Mas também de objectos  
Menos remotos extrahir não posso  
Poeticas centelhas? Ao meu dito  
Abre o teu coração; antiga seja  
A arte pela qual teus dardos vibras,  
Mas não antigo dos teus fins o objecto.  
Ao seu poeta, e não ao de Cassandra  
D'Ilo, e d'Electra desde o mar aos Alpes  
Responderá com seu applauso a Italia

Das estreitas assim, nunca feridas  
Por solar raio, subterraneas casas  
Eu fallava contigo, quando hum tumulo  
E ai qual! aos olhos meus então se abrios  
Eu mesmo vi fugir rapidamente  
Do semblante d'Elisa o solito ostro  
E os olhos desbotar, e mortal ancia  
Insultar sem descanso aquelle seio  
Que ás magoas d'outrem nunca foi tranquillo:  
Da doença cruel o rigor longo  
Bem mitigar-se pareceu: já Elisa  
Ledas vestes pedia, e do seu bello  
Novare (25) com o ousado pensamento  
Já respirava ares campestres: eu  
Mui credulo esperava que com ella  
Não poucos soes houvera sepultado  
Tras do seu bello morro. Oh enganadoras  
Esperanças! Oh soes tristes, que agora  
Por todo o arco da celeste esfera  
Com baldados suspiros acompanho  
Vem, Foscolo, e comigo aqui sobre ella

Huma nuvem espalha de jacynthos,  
Reavisados a tempo os meus patricios  
Melhor repouso aos mortos já concedem  
He licito tambem ter sob a terra  
Hum proprio alvergue, e a ella he permittido  
Ter sómente por leito a propria cinza.  
Eis a lousa que traz seu nome impresso  
Que Á OPTIMA DAS MÃIS (26) pôz a das filhas  
Grata piedade soluçando. Manda,  
Manda tu, minha lyra, o mais suave  
Som recôndito em ti, que, atravessando  
Esta pedra, talvez chegue aos gelados  
Ouidos.... Ah que digo! para sempre  
Foi-se esse doce tempo em que soia  
Cortez aos versos meus prestar ouvido.  
Som de humano instrumento haver não póde  
Que os mortos toque, aos quaes no extremo dia  
Dos voantes do céu d'ivos arautos  
Sómente acordarão as aureas tubas.  
Então Elisa o que será? D'Elisa  
Talvez parte huma herba, huma flor seja,  
Huma flor que da Aurora a morrer prestes  
As finaes banharão róridas gotas.  
Mas sob qualquer aspecto, em qualquer parte  
Dissolvidos nadando andem no mundo  
Os atomos de que era Elisa o todo,  
Tornarão a se unir formando Elisa:  
Quem tecer no principio a humana teia  
Soube, tece-la saberá de novo.  
Muito mais inda fez o eterno mestre  
Quando tirou do nada os rudes fios  
Do seu nobre lavor: e então nem fracasso

Por circular de sec'los e de sec'los,  
Nem velha a mão será do mestre eterno. (27)  
Louvor, louvor a elle até tal dia.



Por circular de seelos e de seelos  
Non vella a maõ seta do mestre eterno (137)  
Louvor Louvor alle alle tal dia



OS SEPULCHROS.

**OS SEPULCHROS.**

III.

 ieb

ieb



ieib

ieib



OS SEPTUAGINTOS.

III

Delio  
Subd  
Nem  
Ao ex  
Tente  
Mou h  
W per  
Lima  
Com  
Com  
A the  
Tando  
Pois

# OS SEPULCHROS.

## GABRIEL EPISTOLAR

DE JOÃO TORTI,

SOBRE OS SEPULCHROS E OS VERSOS

DE HUGO FOSCOLO E HYPPOLITO PIVDEMONTE,

a este respeito;

ESCRITO A

João De Cristoforis.

*Prosequimur nostris aliorum funera misis.*

SWERT: Monum. Sepul.

Delio (1), não he qu'eu de saber, de arguto  
Subtilissimo senso, ao qual não foge  
Nem a minima cousa, a gloria impugne  
Ao eximio Clitarco (2), ou comparar-me  
Tente com elle, nem lançar-lhe a luva:  
Mas hontem, quando supprinio no circulo  
Do garrulo serao o brincar ledo,  
Librando os versos de que altiva esplende  
Com luz feral a alma d'Hugo, e aquelles  
Com que corta, e consola Hyppol'to as almas,  
(Attenda-se á verdade) elle contente  
Tanto me não deixou que em tudo o approve.  
Pois se os trajectos das aereas vias

Esse animoso em transvoar, das suas  
 Azas, não das de Phebo, empluma o dorso,  
 E se este outro não gostou das sendas,  
 Que ao tenue conversar das retrocadas  
 Folhas marcava o venusino mestre,  
 Lhes faremos hum crime? E como ousamos  
 Nos lavar de juizo iniquo, ou estulto,  
 Quando typo a si mesmos, e sequazes  
 Louvamos de ninguem Pindaro (4) e Flacco? (4)

Desagradou-me em outro ponto: ou a certo  
 Termo lide intentava denegando  
 Que legitimo fosse, ou a bipartida  
 Unissyllaba voz nariz e labio  
 Adversos enrugava, e pavor tinha  
 De todo bello ardil: (5) Talvez, envolto  
 Em nevoa d'erro crasso, eu mal discerno;  
 Porém os aureos dous das santas Musas  
 De outra pedra, creio eu, levão-se ao toque,  
 Que não aquella que escolheu Clitarco.

Quem me prohibe conversar comtigo?  
 Tambem do meu pensar sobre esses versos,  
 Delio, ao facto te quero. He doce cousa,  
 Sem receoso véo qualquer que seja  
 A hum caro amigo proferir seu voto;  
 E das divinas Musas a memoria,  
 A quem amante as contemplou por tempo,  
 He prazer, que nas véas se derrama.  
 Tu comigo tambem a fallar dellas  
 Te recolhes gostoso quando ás vezes  
 Tregoa nos dão os supplices libellos,  
 Elencos, e compendios. Como rapidos  
 Esses instantes vão! Oh no meu peito,

As ingenuas palavras com que emerge  
Teu siso occulto, e o cheio animo exhala  
Sinto os vestigios da vetusta chamma,  
E, como novo, remoçar-me o corpo.  
Soltemos pois a barca. Começemos  
Do principio, que deu Hugó a seus versos;  
Delle depois, em ordem, e do outro  
O caminho sigamos passo a passo;  
De maneira que as partes huma a huma  
E o verdadeiro todo ahi vejamos. (6.<sup>a</sup>)  
Delio, que dizes tu?—Acommettemos  
Ardua tarefa.—Assim o crês? Mal haja  
Oh sim, o gelo de exquisito exame;  
Pois enlevar das cousas já me sinto  
No meio. As claras eis margens do rio  
Tuscano. Ai! quem eu vejo solitario  
E pensativo, e com tão fero aspecto  
Taes arêas medir?—Oh summo espirito!  
Nem a tuba famosa, alivio hum dia  
Á tua irada magoa, te acompanha?  
Como, ai cresceu o teu pallor! como anda  
Desesperado o teu olhar errante?  
Ai! bem se lê que teu desejo he morte.—  
Qual Hugo o vio, *onde Arno he mais deserto*,  
Tal eu o vejo, pois não são palavras,  
Nem traços de pincel, mas vivas fórmas  
As com que o representa.—Entre estas urnas  
Cruel vontade a discorrer de morte  
Ora te traz Victorio! A tal fim postas  
Não forão certo. E tu vinhas hum dia  
Com instincto mais manso e ahi logravas  
Estimulo, e vigor ás tuas altas

Emprezas.—Delio, ah Deos fausto defendas  
Nossa immaginação, para a tão grande  
Ódio, nós homens, o consorcio humano  
E nós mesmos não dar miseramente.  
A nós doce tristeza, e de obras bellas  
Mestras, e o podem bem, sejam as tumbas:  
E o hymno acompanhemos, que ditosa,  
O' mui pia Florencia te proclama,  
Almas aguas, convalles rencendentes,  
Optimas vinhas pelos morros, casas  
Alvejantes de longe entre oliveiras,  
Deliciosos do luar silencios  
Quem outras vezes vos pintou de modo  
Que de vós tanto em nós desejo ardesse?  
Nem mais bello, nem mais com caro aspecto  
Se nos mostrou esse candido cysne  
Vindicador de Amor (6) por quem tão doces  
Nomes *Sorga* e *Valchiusa* (7) entre nós soão.  
Ditosa tu, ó muito predilecta  
Do céo bella Florencia; o lugar lindo  
E o teres desse grande a voz criado  
E de outros mil, que Italia altiva fazem,  
E invejada, do céo dadivas forão;  
Mas são teu elogio as conservadas  
Reliquias, e esses marmores augustos;  
Por quem grato terror, mixto com alta  
Reverencia, arrepia esta minha alma;  
Pois vejo as campas delles sublevar-se  
Na escuridão da noite ao fraco lume  
Da alampada sagrada; e alçar as frentes  
E fóra se mostrar té a cintura,  
E entre ellas conversar as grandes sombras;



Não ha duvida, ó Delio, alta virtude  
Nestas abunda luctuosas casas,  
Que para accomodar mortos despojos  
Religioso ergue quidado ou excava;  
E quantas consagrar ás mudas cinzas  
Memorias, e atenções affectuosas  
Usou dos vivos a piedade, alento  
Sempre de fortes sentimentos forão.  
Graças e applauso aos deus, que hum desafogo  
Util ao mesto engenho ahi buscarão,  
E em outrem propagar com vigor tanto  
Dos versos co'a magia assim souberão  
Os impressos em si pelo funereo  
Seu assumpto paixões e pensamentos.  
De compassos armada a idade nossa  
Toda algarismos, angulos, e massas  
E espaços, ri-se da vetusta idade  
Nutridora de sonhos; mas a sombra  
Perenne de ciprestes e de cedros  
Sobre as choradas campas recendendo,  
E a leve aura entre os ramos, que aos milhares  
De profuso perfume atomos rouba,  
E o concorde com ella almo murmurio  
De purissima fonte em varias voltas  
Entre as floridas margens vagueante,  
Invejar quasi te não fazem, lendo,  
Esse dia, que pouco no intellecto,  
Todo no coração racionava?  
Quando dizia alguém: com estes olhos  
Do caro amigo meu os moribundos  
Olhos eu vi nadarem para o céo  
Aberto, o sol buscando; huma centella

Pois deste eu mesmo tirarei, que possa  
Lá embaixo, aonde o amado corpo dorme,  
Parte levar da alâmpada diurna.

Certamente, se mais cresce e progride  
Este nosso saber em seu discurso,  
Todos a terra tragará desfeitos  
Os monumentos dos que hum dia forão: (8)  
Tambem, ó Pindemonte, as brancas urnas,  
Que nos bellos recessos das extensas  
Quintas collocão, e de largo pranto  
Banhão viuvas britannas, pais sem filhos  
Tambem da terra etnea as atras salas;  
Só nos teus versos se verá vestigio  
Dellás, e alguma alma melhor por ellas  
Sentirá quanto, com funerea vista  
Temperadas, as tacitas delicias  
Mais erão caras; nem correr contigo  
Os longos poderá escuros claustros  
Sem hum gelo, que toda de agradável  
Repugnancia apertar lhe faça o peito,  
E, quaes erão em vida, ver os rostos  
Dos cadav' res em pé reanimados  
C'o antigo movimento, e o solto pranto,  
E as queixas, e os delirios amorosos,  
E da gente devota ouvir os gritos.

Quanto a ti, doce minha patria, pèrto  
Do vertice já estás do novo siso,  
Que os admirados pelo voto acörde  
De infalliveis ouvidos, porém mudos  
Ao coração, Arbaces, e Demetrios,  
E Cyros (9), com thesouros despejados  
Folgas fazer soberbos, despeitosos;

E quanto ouro tu em mármore trocasses,  
E em perennes signaes para os illustres  
Sepultados, do Adriã (10) parecêra-te  
Em o golfo voraz lançado ao fundo,  
Onde eu firo sei eu. Em paz supporta,  
Que bem te assenta, a increpação: he esta  
D'Hugo a raiva, que eu bebo, e me exacerba.  
Ingrata! Hum só de ti nascido nouveste  
Da gloria alçado aos principaes assentos,  
Das Pierias (11) Alumno, óusado e casto  
Esp'rito, labio divinal, que á frente  
Bem podes collocar de quantos summos  
D'aureo derão o nome ao melhor sec'lo:  
E pouca terra, e já esquecida o cobre.  
Quem mais erguerá voz a defender-te,  
Se teu lento estupor, teu plumbeo senso  
Mostras, e zombas do orgulhoso estranho?  
E oh! mal, exclamas, mal por ti veladas  
Noites desse alto sabio! Elle e' o seu,  
De nhum exemplo imitador, e nunca  
Imitavel a alguem, sublime riso,  
Quiz agradar-te, e a nú pôr-te a vileza  
Desses aos quaes só sabes chamar grandes;  
Mas canto foi ao mar e ás surdas rochas.

Verdade he pois? Não o direi; que embalde  
Quizera eu discernir se a torpe fibra  
Ou á serrada avareza, ou se á gelada  
Sabedoria, ou a todas igualmente  
Estas causas se deva em ti conjunctas  
O ingrato animo teu. Mas tu embellezas  
Todo ultraje, que alguem queira lançar-te:  
Nós tambem, nós tambem éco fazemos:



O negado á piedade alcança ás vezes  
O pejo: oh atroz despeito! Ah bem o sentes  
Amigo; pois eu vejo te perturbas,  
E suspiros do peito irados soltas.  
Comtudo a verde idade, e o invejoso  
Recinto eleito dos teus tenros annos  
A ser custodio, a ti não permittirão  
O veres caminhar sobre os enfermos  
Flancos, e enfermo pé lentas as formas  
Altivas, e o aspecto mais que humano  
Do venerando ancião, e os eloquentes  
Olhos correr entorno, e vibrar dardos  
Sob as arcadas da pestana augusta.  
Nem das suas palavras tu sentiste  
Dentro d'alma soar a immensa cheia,  
Quando elle abria no inspirado assento  
Os mysterios do bello, e, revelando  
Os da natura amplos thesouros, todas  
Do céo, da terra elle abraçava as cousas.  
E muitas vezes em o honesto albergue  
Dado me foi das intimas cortinas  
Dos seus repousos assentar-me junto  
E dos membros fazer-lhe ao peso enfermo  
Apoio do meu braço em varias ruas.  
E descia a me dar brandos conselhos  
Com que não mênos á virtude incerta  
Que ao imperito estylo auxilio dava.  
E tambem, oh prodigio! algumas vezes  
Me fizeram ditoso os seus louvores.  
Ah! pois que d'ouro copia me não coube  
Com que possa emendar a summa injuria,  
Porque ao menos a mim se não consente

Urdir com a divina arte dos versos  
Obra tão nobre, que á mais tarda idade  
Possa delle fallar perpetuamente,  
E quanto eu o adorei sempre reconte?  
Como isto he, Delio, huma impossivel cousa,  
Outro ao pio desejo o alento seja.  
Os desertos terroes, onde aos milhares  
Homens estiva immemorada morte,  
Ver-me-hão muitas vezes, pela mesta  
Selva das cruces, estampar devotas  
Pegadas, e off'ecer-lhe expiadora  
De pensamentos, prantos, e palavras  
Grata hostia. Tambem meu companheiro  
Quero-te, ó Delio, na feral campina;  
Ahi tambem descanso tem os ossos  
De tua mãe, coitada, que te deu  
Á luz apenas, e que a ti colhido  
No thalmo infeliz, dava os primeiros  
Aflagos e sorrisos, quando a eterna  
Noite fechou-lhe os olhos amorosos,  
E tirado lhe foi o expremet-te  
Leite do seio, e á longa diligencia  
Do amado berço estar sentada, e os teus  
Vagidos consolar com suas vozes.

Quando do céu nos azulados campos  
Scintillão as estrellas, e sem lua  
A meio o curso he mais callada a noite,  
Nós marcharemos: dobra o gosto, e a força  
De meditar então, nem ao profano  
Riso de olho vulgar nos exporemos.

Já me apraz do sagrado pensamento  
Toda a mente ocupar. A hora queda

Está dando: o caminho já nos leva,  
Das rodantes esferas eis a immensa  
Pompa admiramos: prescreveu a todas  
Indeclinavel lei vontade eterna,  
E a não preferirão nem de hum só ponto.  
Ah sim esta, que em nós vive, e que toda  
Entende essa harmonia, huma faisca  
He do Eterno, e da morte o jus não teme.  
E quando o fragil, que a circumda, desce  
A' campa, ella do Eterno ao seio volta.

Já não fallamos. Tacitos, e muito  
Essa doce esperança em nós volvendo,  
Illudimos a via.... Mas de longe  
Ai qual no coração rouco ruido  
Interrupto me soa! mais, e mais  
Vem se chegando. São as surdas rodas  
Pela calçada conduzindo o monte  
Dessa carne plebêa, que deu hontem  
A morte p'ra ser pasto à voraz terra.  
Chega o plaustro funesto, e aonde aberta  
Voragem já o espera as varas volta.  
Em hum globo de fumo infausto lume  
De pingues tedas lhe rubeja aos lados. (11a)  
Já descobrir-se o grande esquiife eu vejo.  
Quem são os dous membrudos, que saltarão  
Sobre os tristes despojos, e entre os risos  
E as blasphemias, agarrão pelos braços  
Hum, outro pelos pés, e ambos acordes  
Os corpos nús na vasta cova lançao?  
Assim era talvez, ó patria minha,  
Sepultado o teu vate! Ai! espantada,  
De idéa tao atroz a alma foge.

Para irmos outra hora escolheremos.  
Melhor fôra levado nos houvesse  
O vago immaginar a outras cousas.

Qual agora haverá nas encoimadas  
Folhas lugar, que, a desviada mente  
Chamando a si, ao seu assumpto a torne?  
Eis adumbrar-se no dançar das horas  
Suave engano, e da fuginte vida  
Ultima Deosa a Esperança; eis quedos  
Jazer com brandas sombras consolados  
No patrio solo os ossos. E na mente  
Grande impressão deixarão-me os temidos  
Pelas mãis em o somno uivos, lamentos  
De inexpressado lemure, e o nocturno  
Horror no mar Eubeo de homens e de armas  
Resonante, e de tubas e cavallos.  
Ahi os gemidos, hymnos, e das Parcas  
Veridicas o extremo immortal metro.

Quasi em aureo bordado altos enfeites  
De carbunelos vivissimos, e pelras,  
Muitas optimas cousas recommendão  
A hum e outro escripto, e se de Electra  
Moribunda eu quizer lembrar o voto,  
Ou de Cassandra o não ouvido carne,  
O andar incerto, e o apalpar do cego  
De interrogados tumulos no meio;  
Convirá que eu a ti todas repita  
Quaes estão as palavras, pois escaço  
E rouco já se torna o meu discurso.  
Mas dize: a estes, que de huma obra nobre  
Não vulgar ornamento eu teço e adorno  
Louvores espontaneos, se elles de outrem

Chegarem á noticia, não consentes  
Que eu plena adquira fê, essas mostrando,  
Que não pôde fugir natura humana.  
Em tanto brilho não culpaveis faltas?  
Quando em pobre tecido os olhos firão  
Nodoas ou muitas, ou asquerosas, sempre  
Optimo estimarei de quem se calla  
O conselho. Porém aqui d'Eurito (12)  
Não te enregela o atticizar yasio; (13)  
Nem, sacudindo com baldado estudo  
As azas para levantar-se a vôo,  
Infeliz se profunda em o seu lodo  
O palustre Filargo (14). E oh vós ditosos,  
Hugo e Hyppolito, aos quaes o ascreo fantasma, (15)  
Que ao nosso se'lo delirante infesta,  
A luz não falseou da intelligencia,  
Monstro enorme e diverso, elle da arte  
S'ergue tyranno, e com pasmosa fraude  
Da Natura e Verdade occupa o throno.  
Mal do semblante e dos estranhos membros  
Discernir pôdes se figura humana  
Ou outra, e qual, devas chama-la. Em novas  
Maneiras redobrada de seus hombros  
Pende de côres mil betada estola,  
Onde o errante ouropel nunca no mundo  
Conhecidas creou flores e folhas.  
Fita os olhos nas nuvens, e o direito  
Index alçado, a passos longos, saltos,  
Elle costuma a desconformes danças  
E brio lançar as plantas. Desta guisa  
Elle por toda a Italia anda devasso  
A corromper, se o possa, inda os melhores.

O' juvenzinhos, fugi deste iniquo :  
Pois hum incrível de maligno effeito  
A venefica vista influxo chove:  
E os miseros, que vá illude e attrahe  
Maravilha ou deleite a contempla-lo,  
Obcecados em todos os sentidos,  
Como quem veja por febril lethargo,  
De cousas, que não são, que ser não podem,  
Em deploravel modo enchem as folhas.  
Zelo do recto, e justa dôr me hão quasi  
Emulo a ser do inexoravel Cromi, (16)  
Com o importuno declamar, levado :  
Nem até aqui mostrou a ingenua falla  
O que ella ameaçou de leve nota.  
Vamos a isso. Tu bem vês quaes vias  
Diversas agradarão aos diversos,  
Dous talentos. Aonde hum vallesinho  
Ameno existe, silencioso, e mesto  
Por grata escura sombra, este, com porteo misto  
Humilde, lento pelo hervoso clivo  
Passeia, e os mansos olhos gotejantes  
De lagrima querida ao céo erguendo  
Sorri de quando em quando. Mas o outro,  
Que limites desdenha á sua vista,  
Por altas penhas, por alpestres rochas  
Atrepa transcendente; o que ha mais prompto  
Cume, de ribanceira em ribanceira  
Alcança perigando; alli se poussa,  
E a terra subjacente elle percorre  
Toda dos olhos com hum lance, e freme.  
Taes o meu pensamento os afigura  
Hum e outro; a cad'hum, se não me engano



ieb

eb

Pódes unica tacha oppôr da sua  
Virtude o excesso. Emquanto n'hum o estila  
Seu mais caro louvor faz de modesta  
Simplicidade, e natural candura,  
E folga apparecer qual limpo rio,  
Que nunca sóbe, e serpentea às vezes  
Demais humilde; e ha a quem pareça  
Profuso além do justo: apraz-se o outro  
Demasiado acolá onde de poucos  
A intelligencia, e o sentimento chega,  
Porque tambem com tão bonita imagem  
Bom Pindemonte, embellezar não pôsso;  
Como soubeste, a critica amigavel  
Que a elle mesmo reverente, e franco  
Renova-la ousaria este meu labio,  
Nem desdenhoso, como quem despreza,  
E aborrece, o veria eu os seus olhos  
De mim torcer, se ao generoso peito  
Assim o meu fallar se abrisse a via,  
Sublime e austero engenho, a seu talento  
Grasne a chusma: de vate soberano  
Terás devida c'róa. Só te lembre  
Que homem, fallas a homem, e que os outros  
Formar, sobre o que tu no pensamento  
Mais que humano modelo te creaste,  
Em vão esperas; e eu tambem quizera  
Accrescentar: Porque tu tão excelso,  
E de toda alta cousa amador sempre,  
O voo das humanas esperanças  
Não curaste levar além da campã?  
Embalde disse co'a fecunda mente  
Accumulas defeza; eu não te absolvo



Átende, o Delio, e tu verás das duas  
Primeiras fontes, que indiquei; ás vezes  
Provir vicio á palavra, e ao pensamento;  
Tambem á ordem, que em seu curso o rege;  
Ordem recta ambos tem, e qual com muito  
De idéas contender emfim a elege;  
E sempre a tem quem do seu siço he dono.  
Mas de Hugo toda a arte he de occulta-la  
De modo que com custo a descortinas;  
Aberto e nú constantemente a ama  
Hyppolito e talvez qual não seria  
Em pedestre sermão elogiada,  
Dos pensamentos seus ou raramente,  
Ou nunca a descuidar anel se atreve,  
Do primeiro passando ao immediato  
Objecto, e assim adiante progredindo  
De degráo em degráo. Ora ha motivo  
Ás vezes de imputar-lhe atraíçoado,  
Ou apagado affecto em nimio jogo  
E embellezar-se em repetidas vozes?  
Valha a verdade: de maligna lente,  
Que os deslumbrantes raios escurece  
E descobre, e engrandece a toda mancha,  
Nossos olhos armar não nos apraza.  
Já nos arrasta a irresistivel força  
Deste na profundez da sua mesta  
Doçura: o céu formou a tal virtude  
Esta alma bella sobre qualquer outra,  
Que tem agora habitação na terra.  
Ao seu chorar quem te não chora, ó Elisa?  
Suave e honesta amiga, e má exímia,  
Então foi vão dessa esperança o raio,



Que da cruel doença aos prolongados  
Tormentos salva já te promettera  
Ao casto amante? Emfim, tu succumbiste!  
Oh de que amor, de quanto amor ardeo  
Por ti seu puro coração! Agora  
O que fará? De quaes doces lamentos  
Enche os vales, que o Adige (17) fecunda,  
Contando a sua dôr! Sómente em vida  
O sustenta: hum conforto, e alegre brilho  
Pinta-lhe ás vezes sobre a fronte: o dia  
Olha de longe do eternal descancô,  
Em que elle te reveja inda mais bella,  
E á tua santa companhia volte.  
Escutemo-lo, o Delio, e tu do céu  
Ouve-o ditoso espirito! Oh! como todos  
Nos mergulhá por ti os sentimentos  
Ebrios na idéa da segunda vida,  
Quando de massa incorruptivel feitos,  
E em ether subtilissimo mudados,  
Nem dôres mais, nem lentidão, nem lucto  
Conheceráo estes caducos membros;  
Nem de terras confins, nem de oceanos  
Terá a nossa liberdade; e os céos  
Correremos immensos avoando  
Sob esplendidas formas, sempiternos  
Hymnos cantando de louvor, e em doces  
Abraços enlaçados, sempiternas  
Contradanças tecendo ao summo Deos!



OS SEPULCHROS.

**OS SEPULCHROS.**

—♦♦♦—  
IV.



ieb

eb



# OS SEPULCHROS.

## GABRIEL EPISTOLAR

DO DR. LUIZ VICENTE DE SIMONI,

<sup>SOBRE</sup>  
A RELIGIÃO DOS SEPULCHROS,

Manoel Odorico Mendes

..... *Naturae clamat ab ipso*  
*Vox tumulo* .....

Já seu disco brilhante o sol esconde  
Atraz da serra Tejucana. As nuvens,  
Que espalhadas no céu pairão immotas,  
De hum tristonho rubor todas tingidas,  
O dia, que já morre, estão chorando: (1)  
No bosque solitario os mudos ramos  
Tremulão sob o pé do passarinho,  
Que vai-se recolhendo as vespertinas  
Borboletas pelo ar humido e fusco  
Errão incertas co'as cinzentas azas  
Inda mal firmes: pallidas no céu  
A scintillar começam as estrellas,  
E a repetir com mil pequenas vozes  
O que com huma grande o sol dizia:

Existe hum Creador, hum Deos eterno.  
 Discorde som, com lugubre tinido,  
 Multiplice surgió das elevadas  
 Torres dos templos: os sagrados bronzes  
 Já dos santos do céu com voz festiva  
 Não applaudem á gloria; a dôr succede  
 Ao jubilo da Igreja, e mestos cantos  
 Já da crastina luz a lamentavel  
 Tristeza, e as afflicções já preludião.

Amanhã, ODORICO, escuras vestes  
 Trajaráó com o povo os sacerdotes,  
 E a dôr, o affecto, a gratidão, a estima,  
 Da morte os mil tropheos em sacros claustros  
 Exporáó dos fieis á vista e ás preces.  
 Oh! como he providente o pensamento,  
 Que antecipa da dôr n'alma a presença,  
 E o coração prepara a hum largo pranto!  
 Dormirás tu, com esta idéa, o somno  
 Do material atheo, que como o bruto  
 Deita-se, os olhos fecha, e só desperta  
 C'o intento de fartar seus appetites.  
 E nunca além de si seus votos lexa?  
 Fechou talvez teu coração as portas  
 A quem já não existe, e da saudade  
 Não pulsa mais dentro teu peito o terno  
 Palpite, que a chorar leva hum amigo.  
 Ao amigo perdido, hum pai ao filho  
 O esposo á sua esposa? Em tom altivo  
 De orgulhoso philosopho, ou com impio  
 Escarneo mofarás da piedade  
 Do povo, que, já triste e compungido  
 De amorosa afflicção, vai se dispondo

Ao lucto, e que amanha em negras turmas  
Irá dos mortos visitar as cinzas,  
Conforta-las com pranto, e sobre as urnas  
Ler no nome do extincto a propria sorte?  
Não, amigo; jámais iniqua e seca  
Foi a alma do vate a quem os ternos  
Versos do Mantuano (2) huina suave  
Deleitosa impressão causão no peito,  
E derramão no esp'rito hum doce encanto!  
Tu, da divina voz desse mavioso  
Melancolico, genio o pranto ouviste,  
Que do tumulo a nós pedem os manes  
De quem nosso amor teve, e co'a linguagem (3)  
Fiel o exprimes do cantor do Gama,  
Que a morta Ignez eternizou co'as sacras  
Lagrimas da piedade, e que do orbe  
Fez por ella chorar consigo os povos.  
Dize-me tu, que, de tao grandes almas  
Digno e sagaz imitador, te lembras  
Do teu amigo extincto, e entristecido  
O choras, pôde a dôr, pôde a tristeza  
Affectar a materia, e da materia  
Ser singela expressão? pôde do homem  
Igual ser á do bruto em tudo a morte?  
Já no corisco dos teus vivos olhos  
Vejo a resposta; e não he vil materia  
Quem m'a dá prompta, affectuosa, e nobre.  
Sim, teu esp'rito o terno sentimento  
Do commovido coração revela.  
Já c'hum suspiro as lagrimas te correm  
Pelas faces, que a dôr torna mais vivas;  
Choras e fremes, que os queridos manes

Lembras de quem amaste, e a dura injuria  
Sentes de quem mais destruir pretende  
Que a mesma morte, e da segunda vida  
Aos teus caros, e a ti negar a doce  
Consolação, e em seus iniquos dogmas  
Nos irmana c'o bruto, e o pó da terra.  
Socega, ó generoso; o sacro enfado  
Despe . que o mesmo céu hoje se aplaca  
Mais propicio a quem jaz, e só bondade  
Reina da expiação no grande dia.  
Compadee-te sim, mas nunca odées  
Ao homem, que á verdade os olhos serra:  
Illumina-o se pôdes; não aggravés  
A desgraça fatal, que o traz perdido,  
Na illusão, ou no crime. O muito sangue,  
Que desde a criação correu na terra,  
He devido ao furor, ao violento  
Desejo de vingar a propria idéa,  
E de impô-la com força a quem a impugna.  
Outras almas tambem toda sentirão  
A injustiça cruel, que com as cinzas  
Dos extinctos pratica irreverente,  
C'o manto da razão, a impiedade.  
Italo genio, como tu, de santa  
Ira tambem ardeo ao ver desertos  
Os cemiterios, e interditos mesmo  
Ao pé dos vivos, e quaes mortos brutos  
Atirados na cova humanos corpos,  
E, sem honras, sem lousa confundidos  
Com os do criminoso illustres ossos,  
Que animara a virtude, e que das Musas  
Fizeram resoar o divo canto

Pela italica plaga. Exagerado  
Da liberdade o santo entusiasmo  
Suffocava a rasão, e os delicados  
Sentimentos, que só de alma tranquilla  
Podem reinar no peito: a lei tyranica  
Té no sepulchro ao merito negava  
Nome, e honra distincta, e da igualdade  
Tudo vulgo tornava a falsa idéa.  
Fremto e horror de FOSCOLO no forte  
Animo generoso isso movia;  
E quasi a detestar a especie humana  
Seu coração levava, que de humanos  
Sentimentos ardia, e d'amor santo  
Pelo bello paiz onde nascera;  
Por essa Italia, que rainha hum tempo  
Fôra do mundo, e que da prisca gloria  
Só conservava o genio, e as mil reliquias,  
E das artes o templo, onde a rapina  
Ião mesmo exercendo os que dos Alpes,  
Com a espada e o canhão, alardeavão  
Haver descido a quebrantar-lhe os ferros  
Mas, oh! não ao furor, não ao da espada  
Auxilio recorreu. Filho das Musas  
Elle das Musas só pugnou co'as armas;  
E aos corações fallou com a sublime  
Linguagem dellas; com o doce canto  
Revindicou do illustre vate as cinzas  
Das mãos do esquecimento e do desprezo:  
E aos tumulos chamou do povo o antigo  
Religioso amor, que desertara  
Do sacro campo dos avitos manes.  
Delle á voz acordou de PINDEMONTE.



A lyra toda amor, toda doçura,  
E, sobre hum caro tumulo, foi eco  
Do sublime cantor, que dos sepulchros  
Animara outra vez as mortas cinzas,  
E do vivo as fazia, em ternos modos,  
Fallar ao coração. Buscara aquelle  
Nos sepulchros confortos, esperanças  
Contra a desolação: este de rosas  
Os tumulos cercou; dos cemiterios  
Fez amenos jardins, onde o deleite  
Goza-se ao pé da morte, onde se inhala  
Por todos os sentidos huma doce  
Felicidade. Tu, com elle, sempre  
Quizeras, sim, estar entre os sepulchros,  
Surdo por algum tempo ás sacras vozes  
Do primeiro, inda o povo abandonava  
A cidade dos mortos, mas o dia  
Do triumpho chegou para o divino  
Interprete do céu, e quando o canto  
Soltava o outro na maviosa lyra  
A reforçar do generoso vate  
Os clamores magnanimos, e os santos  
Direitos a vingar dos sacros manes;  
Já Verona abrogara a lei tyranna.  
Mas quem aqui tributar honra aos mortos  
Nos veda? Quem se ri do nosso culto  
Pela cinza do avô, do pai, do amigo,  
Poucos; sim, poucos, ODORICO, os impios  
São nesta terra. A santa liderdade  
Aqui do Throno abriga-se na sombra,  
E respeita de Deos o altar e o templo,  
E justa e sociegada ao povo deixa

Seus costumes, seu culto. O Brasileiro  
Ama, respeita, adora os sacros restos  
Dos seus queridos: elegantes urnas  
D'escolhida madeira abre aos seus ossos,  
E os vai cad'anno visitar n'huns claustros,  
Onde, em feira de morte, e, de sagradas  
Luzes cercadas, as funereas arcas  
Hum devoto costume ajunta, e arranja  
Com luctuosa pompa. Ah! se elle pecca,  
He de excessõ talvez no sacro culto,  
Por nimio amor, ou porque ás vezes junto  
Falla com este o vão orgulho, e o luxo  
Introduz onde só pisar deveram  
Do sentimento, e do respeito as plantas.  
Amanhã tu verás quanto, e qual pranto  
Soará nesses funebres recintos,  
Qual cõcurso de povo esse aparato  
Tornará mais solemne. Hoje, comigo  
Prepara o teu esp'rito, e nelle infunde  
Reflexeionando a convicção profunda.  
Segue-me, sim, e a virgiliana trombadura  
De copada mangueira em velho tronco  
Pendura, e de Thalia a doce lyra  
Em hum tamarinheiro, ou alli n'hum ramo  
Dessa arvore, que já c'os succulentos,  
E tumidos pedunculos do fructo, (4)  
Ao qual não morde impune o incauto labio  
Te apagou nas manhãs a ardente sede;  
Ou no ramo do qual tu despegavas  
Ha pouco a da cereja irmaa, c'roada  
Madura grumichama; pois queridos  
Mais aquelles nos são, que bem nos fazem.

Outra lyra quero eu que a do Thebano; (5)   
Que da olympica arena aos céos erguia;   
O vencedor suado, e pulveroso;   
Ufano só porque lançara a terra;   
Com encourado cesto a outro homem;   
Ou vencera em correr sobre hum cavallo;   
Ou primeiro chegara em veloz carro;   
Outra que a d'Amphião, que accumulava   
Co'a doce melodia em muro as pedras; (6)   
Outra que aquella com que feras, bosques   
Arrastava comsigo, e a cara esposa   
Ternamente carpia o triste Orpheo; (7)   
Este ás selvas, aos rios, aos rochedos   
Choroso o seu amor redemandava,   
Para delle gozar, e com tal fito,   
Segundo narra a fabulosa idade,   
Foi pedi-lo á final ao mesmo inferno;   
Prazeres para mim do cemiterio   
Não vou buscar ao doloroso claustro;   
Antes a santa dôr, que só consola   
Affligindo, e em tristeza mergulhando   
A alma e o coração enternecidos,   
Vou delicias pedir, mas para outrem,   
Do mundo ao Creator, para os que mudos   
Tornou da morte o enregelado braço,   
E cuja extinto corpo abafa a terra.   
Diferente do nosso o céu de Homero (8)   
Deificava o vicio, e nos celestes   
Todas dos homens as paixões copiava;   
E do Olympo na gloria inda as do mundo   
Rixas, altercações sempre se vião;   
E dos Elysios os felizes campos (9)

Em baixa região nos venturosos  
Espiritos do mundo não podião  
A saudade extinguir; e fraca sombra  
Era alli da mortal a immortal vida.  
Com outra poesia, que nas terras  
Onde JESUS pisou teve seu berço,  
Aonde de Moyses e do seu povo  
A criáção os cantos (10) sobre as praias  
Do passado Erythreo, quando já salvos  
Do irado Pharaó a Deos louvárioo,  
E sobre o morto Egepcio o mar bramia;  
Com essa, que a David a harpa enchera (11)  
Dos sons, que os seraphins cantão no céo,  
Das idéas, que Deos cria pensando  
Na excelsa, omniscia mente, e dos divinos  
Sentimentos, que a alma revolvendo  
N'hum vortice de amor delicioso,  
A submergem ao mundo, e toda em Deos  
A fazem reboiar viva e ditosa;  
Com essa, que da Assyria na fornalha  
As linguas inspirou dos tres mancebos, (12)  
E a respeitou pasmada a mesma chamma;  
Com essa, que rompeu dos mudos labios (13)  
Do velho Zacharias, e do Eterno  
Os favores cantou feitos ao seu  
Povo, que libertar vinha, e remi-lo;  
Com essa, que saudou de hum Deos nascido  
A humanidade infante, (14) e que na pura  
Lingua da eleita Mãi magnificava (15)  
As graças com que a enchera aquelle summo  
Que abate o poderoso, exalta o fraco; (16)  
Com essa emfim, que nada tem do mundo.

Senão o que ha mais puro, e mais sublime,  
E do homem e de Deos amor respira,  
Vamos pios buscar o céu na terra,  
Ou desta ao céu subir co' as grandes azas  
Do pensamento, e nesse mesmo campo  
Onde a morte assigna-la os seus triumphos,  
De idéas celestiaes colher teara,  
E da immortalidade a luz eterna.

Nós não findamos não, quando da campa  
Nos cobre a fria pedra, ou quando a terra  
Nossa carne consome e os mesmos ossos,  
Outra parte de nós, pura, incorrupta  
Sobrevivê á do corpo horrivel sorte,  
E existe para si, para o seu Deos,  
E para quem a amou, como existia  
Quando ao corpo a ligava o estreito laço  
Ao qual cortou da Morte o cruel ferro.

Sim. ODORICO, o teu perdido amigo  
Existe: inda de amor puro e sincero  
Arde por ti no mundo onde nao pôde  
Haver mentira e criminoso olvido  
Capaz de attraçoar antigo affecto.

Sim, elle vive, e nos ditosos campos  
Da região celeste, onde desfructa  
Todo o bem e o prazer, inda deseja,  
Inda gosta que amor sempre lhe tenhas,  
Que lhe sejas fiel, porque a virtude  
Ao mesmo Deos, já de per si ditoso,  
Agrada e dá prazer, e he virtude  
Amar e ser fiel a quem amou-nos.  
Elle existe, e amanhã irás tu ve-lo  
Em outra casa onde co' a cinza sua

Qual imagem não sei, ou qual reflexo  
Ha da sua alma, que mil bens já goza,  
Ou por elles suspira, e está sómente  
Esperando que o som da tua prece  
Do céu, para os gozar, lhe abras as portas.  
Sim, irás ve-lo, conversar com elle  
Abrir-lhe o coração, e lagrimando  
Inda lhe mostrarás que não he ingrato  
O amigo que elle amou, que do seu caro  
Conserva inda a lembrança e separa-lo  
De ti não pôde a mesma sepultura.  
Antes a catacumba, a campa, a urna  
Mais t'o fazem lembrar; ellas renovao  
Em ti delle a figura, o porte, os actos,  
As amaveis virtudes: tua mente  
Revive então com elle, inda lhe falla;  
Inda nos braços seus c'o pensamento  
O aperta amante, e respeitosa o adora.  
Elle a tão grande amor, sem que tu vejas,  
Enche-se todo de hum prazer divino,  
E nesse doce instante assim contigo  
Quasi torna a viver, e ao mesmo tempo  
Dos dous mundos os bens feliz desfructa.  
« Illusão, illusão, ouco gritar-nos  
Huma voz que se ri: nada ao finado  
Toca apóz do sepulchro: ou elle em meras  
Moleculas inteiro se resolve;  
Ou, se existe em espirito, já nada  
Do mundo aos entes mais o liga: o céu,  
Ou do temido inferno o claustro o alberga. »  
— Quem és tu? quem és tu? — Da Natureza.  
Hum interprete eu sou, — elle responde.

—Ah! mal da Natureza a voz escutão  
Teus ouvidos, e mal tuas palavras  
A traduzem assim. A Natureza  
Falla em nós, e em mim mesmo ouvi-la eu quero,  
Não nas tuas lições; pois com seus erros  
Talvez teu vicio o seu dictame altera.  
Toda doce e mui terna he a voz que eu sinto;  
A que de ti me vem, me desespera.  
Foge, e deixa-me só c'o meu engano:  
Se elle he tal, he suave, e me consola.

Solitario, ODORICO, dos sepulchros  
Chega-te sempre ao doloroso campo  
Não com outrem ao lado a dar conselhos,  
E perturbar o natural effeito,  
Que elles movem em ti: mas sobretudo  
Não vá contigo espirito leviano,  
Que de tudo se ri, e muito menos  
Hum philosopho tal, que frios tenha  
Como hiberno luar o peito e a mente.  
Só tua companheira inseparavel  
Seja, sim, na visita essa de imagens  
Conservadora e artifice, que deu-te  
Por mão da Natureza o Mestre Eterno,  
Que em nós fez de si mesmo a bella copia,  
Salvo o mal, que lhe imbuté o terreo barro;  
E com ella tambem leva esse centro  
De todo sentimento, esse, que, em todo  
Quanto he do homem o implicado corpo,  
A vida com o sangue, e com a vida  
O vigor, as funcções em continuado  
Exercicio conserva: ambos te deu  
Quem te formou; ninguém jamais pretenda,

Que sómente com hum vivas no mundo.  
Ambos te guiem sempre, e serás sabio.  
Hum consultando da razão o frio  
Juizo, outro o do affecto, e ambos de acordo  
Os que dos laços seus nexos resultão,  
Tu verás despontar, co'a grande idéa  
Da Divindade omnipotente e eterna,  
O da religião sublime culto,  
Em que do amor é gratidão humana  
De per si se traduz a viva chamma;  
E ligar-se hum á outra como liga  
Si mesma huma substancia á propria fôrma.  
Então verás que indissolúvel prende  
O coração humano á Divindade,  
E a tudo o que traz-della a imagem viva,  
Hum laço occulto, que na vida e dentro  
Da mesma sepultura os liga e os serra:  
Verás que relações ternas e doces  
Ha entre o céu e a terra, e que as alenta  
Hum moral interesse, hum fim divino,  
Que aos nossos olhos foge e que guardado  
Está na excelsa mente onde gerou-se  
Da immensa criação o pensamento:  
Que he destas relações moral linguagem  
A interprete sublime, e que com esta  
Em mil modos c'o céu o homem falla.  
Então perceberás como se gerao  
Os sentimentos, que hum sepulchro inspira;  
Como se fôrma e se traduz o culto  
Das cinzas de quem foi, que já não vive  
Na terra, mas que vive inda em nossa alma  
E no seio de Deos. Té do selvagem



O rude coração o sente e o mostra  
De seu pai venerando os frios restos;  
Sobre elles derramando hum largo pranto,  
Na rede os envolvendo em que dormia,  
E com elle os seus arcos, suas frechas,  
Cobrindo-os de terra, ou em terreo vaso,  
Que sepulta depois, os encerrando,  
Ou d'ostras em hum monte os escondendo  
Das feras, e do tempo aos mil insultos.  
Do seu filhinho o pequenino corpo  
Assim pendura a mãe em hum cestinho  
N'humã arvore escolhida aonde o embala  
Com seu suspiro o piedoso vento,  
Que em doce berço vem mudar-lhe a tumba.  
A este sentimento e não aos livros  
De orgulhoso philosopho se peça  
A razão do sublime amavel culto,  
Que reviver c'os vivos faz os mortos,  
E com estes viver ainda aquelles.  
Ah! sim, eu ouço a voz da Natureza,  
Que por elle me falla e com suaves,  
Mas poderosas vibrações, me abala  
O coração, e por escada occulta  
Vem, de affecto em affecto, impressionar-me  
O espirito na sede em que do corpo  
Reina excelso senhor, e pensa, e manda.  
Sinto essa chamma, que c'o facho accende  
O amor onde elle apaixonado aninha,  
Elevar-se tambem, e com a fria  
Luz do intellecto misturar-se, e dar-lhe  
Alma, vida, calor e movimento;  
E vivas se gerar deste consorcio.

ieib

ieib



Imagens celestiaes, que todo aos olhos  
Enchem da mente do universo o campo.  
Tu não me enganas não quando piedoso,  
Meu coração, me dizes: ama as cinzas  
Dos parentes, do amigo, do homem grande;  
Tributa-lhes hum culto; inda os finados  
Existem para ti; ora por elles.  
Pergunte-me a que fim, com que proveito,  
O sarcasmo do estulto e do malvado:  
Eu seguirei o teu suave impulso;  
Pois tu da Natureza és em meu peito  
O interprete fiel, e o caro filho.

E della e do Senhor, que as leis lhe dicta,  
Nem sempre os fins a humana mente alcança.  
Mas verdade será que destes ritos

Se não possa a razão ver nem de longe  
Pelos olhos do espirito, e que tudo  
Nelles seja ignorancia e louco engano?

Não, me grita huma voz mui semelhante  
Á que lá do Jordão souou no valle  
Quando o divino Precursor banhava  
Em lympha baptismal de CHRISTO a fronte  
Escuta-me, ODORICO, ella he que falla:

Qual de limpo cristal nitido espelho, (17)  
Do Creador a mente em si copea  
Das humanas acções o vasto quadro,  
Que do mundo na téa a cada instante  
Da virtude ou do vicio a mão desenha  
Nesta copia fiel as almas puras  
Da celeste mansão habitadoras,  
Sempre fitas em Deos, e ás quaes o Eterno  
Abre o seu coração, e a propria mente,

Em extase feliz, toda contemplão  
Do mundo inferior a vasta scena.  
Incapazes de dôr sentem comtudo  
O prazer, que desperta o bello aspecto  
Das acções virtuosas, o desgosto  
E indignação, que as viciosas movem  
Nos justos corações; mas o desgosto  
As excandece só, não as abate  
Como ao pobre mortal na terrea plaga.  
Assim de qualquer bem, de quaesquer males  
Deste visivel mundo ao invisivel  
A noticia penetra, e dos viventes  
Os votos, as acções, os pensamentos.  
Assim as honras, que aos queridos mortos  
Tributa a gratidão e a piedade;  
O marmor precioso, o eterno bronze  
As esculpidas letras, as estatuas,  
Que ao merito consagra alto respeito;  
As lagrimas, que verte hum puro affecto,  
Sobre a urna, que encerra caras cinzas;  
A saudade, que nasce e se conserva  
Na solidão de hum coração amigo;  
As preces, que devoto o fiel solta  
Junto da sepultura; a branda sombra  
Do cipreste, que alli planta mão pia;  
A flor, que sobre a campa esta desfolha;  
Tudo, tudo de Deos e de seus justos  
Chega ao conhecimento, e dos celestes  
Espiritos affecta em vario modo  
A substancia immortal, ditosa sempre.  
Por quaesquer actos, pensamentos, vozes  
Que a virtude se expresse, elles entendem

Sua nobre linguagem, e se alegrão:  
E o jubilo dissipa as santas iras  
Que despertara o vicio, e tudo he doce  
No coração de Deos e de seus santos.  
Duplice effeito assim deste sublime  
Religioso culto, então resulta:  
Exaltão-se os terrestres, se comprazem  
Os celestes espiritos: de hum lado  
Ha progresso e triumpho, e ha do outro  
Propiciação, clemencia: da virtude  
Se atéa a chamma no visível mundo,  
E della a emulação, o heroismo  
Nascem, e abunda a patria em homens grandes;  
No invisível, aplaca-se das culpas  
Perdoaveis a chamma expiadora;  
Candidas como pomba ao céu se elevão  
Purificadas dos feis as almas,  
Que leve nodoara antiga culpa;  
De virtuosos se povoa a terra,  
O céu de justos: os espaços vastos,  
Que separão do mundo o céu immenso,  
Só não trajecta a muda luz dos astros:  
Outro puro esplendor, que radiante  
Só aos olhos da mente e mui divino  
Corre da terra ao céu e deste áquella,  
Continuando e veloz os atravessa,  
Em sublime commercio enriquecendo  
De thesouros moraes o céu e a terra.  
He esta a celestial philosophia  
Á qual não prende da materia o peso,  
E de externos sentidos não deturpa  
A lisongeira voz enganadora.



ieb

eb

Com ella os corações e os intellectos  
Elevão-se a pairar nos infinitos  
Espaços do creado, e alli conquistão  
O que caber não pôde no pequeno  
Ponto da terra, immensa aos nossos olhos,  
Mas no vasto Universo hum grão de areia.  
Ella só do que existe além da campa  
Pôde idéa nos dar: ella nos falla  
Do céu com o esplendor, com as da terra  
Maravilhas multiplices, cõ a vida  
C'o prazer, com a dôr, e com a morte,  
Sempre divina e consolante aos lados  
Do thalamo, do berço e do sepulchro.  
Sim, do sepulchro ao pé ella realça  
O coração, o espirito abatidos  
Na tristeza e na dôr, e mergulhados  
Na desesperação, no horror que causa  
A idéa de acabar, e para sempre.  
Como em escura sala, onde pêntra  
De luz hum raio por furada porta, (18)  
Por bello effeito de convexos vidros,  
Dos objectos externos se desenhão  
Sobre a opposta parede os varios traços,  
E os movimentos das imagens vivas;  
Ou como pela luz no de Daguerre (19)  
Portentoso apparelho se retrata  
Em mais pequeno ponto hum vivo quadro  
De bella vista, que em metal copêa  
O sensível a luz magico iodo, (20)  
Cujo traço fugaz prende, e faz firme  
O do mercurio vaporoso bafo; (21)  
Assim no fundo de sensível alma

ieib

ieib



Em que a virtude, e a piedade habitão,  
Na escuridão de mystica tristeza,  
À sombra do cipreste, ao pé das urnas,  
Hum tenue raio do esplendor celeste.  
Desta philosophia excelsa e santa,  
Com indelevel côr, toda do céu  
Retrata em miniatura a bella vista,  
E as puras suavissimas delicias,  
Que do infinito bem, do sol eterno,  
Como raios de luz, alli recebe  
O espiritô immortal fugido á campa.

Ah! quem és tu, que de hum sepulchro ao céu  
Me transportas assim antes da morte?  
És tu, Divino Amor, e a tua esposa  
Santa Religião, que o homem Deos  
No Golgotha sellou com o seu sangue.  
És tu, que magestosa, e refulgente  
De purissima luz, estás sentada  
Dos Cesares no solio, e das divinas  
Bellas artes no seio a fronte adorna  
C'o celeste esplendor, que ellas derramão  
Sobre a inerte materia á qual do bello,  
Como o sopro de Deos de Adão ao barro,  
Com o encanto e o primor da vida e fallas.  
Tu as chamas, sim, a levantar teus templos,  
Teus altares a ornar, e a santa imagem  
Nelles a expôr da Divindade, e as sacras  
Effigies de seus santos; sobre as lousas  
A erguer, com o da cruz, os da virtude  
Magestosos tropheos, que a morte vencem.  
Por ti como he JOÃO, como he MATHEUS (22)  
Apostolo do céu que ás almas falla,

Apostolos tambem para os sentidos  
São delle os Raphaelis, os Bonarotti, (23)  
Cujos bellos pinceis, cujos portentosos  
De ousada architectura enchem a mente  
Com a idéa do bello e da grandezaga  
Que imagens são da perfeição eterna  
Tu unica, tu fixa, inalteravel,  
Como o nume immortal a quem adoras,  
Gozas do seu amor, e affectuoso  
Elle teus passos guia, e te illumina;  
E tu, por essa luz, o céo; e o homem  
Conheces sabia e justa, e todas destes  
Chamas a honrar a Deos as faculdades  
Oh! como ao coração e ao pensamento  
Falla o teu culto! como terno e triste  
Toca suavemente, e com o canto,  
E com a melodia os exteriores,  
E os internos sentidos! N'hum teu claustro  
De ciprestes plantado, aonde os cedros  
Com a pallida rosa, a fusca adalia,  
A murta e da saudade a flor vegetação  
Companheiros dos mortos, onde, em mudo  
De jazentes congresso, unico, firme  
Orador eloquente a morte falla,  
Eu contigo me quero ao pé das urnas  
Quando o sol, que baixou ao occidente,  
Em languido crepusculo nós mostra  
Que ainda nao morreu, e atraz dos montes  
« Voltarei, voltarei, diz com seus raios;  
Vós tornareis a ver-me em outro dia.  
Ah me parece então atraz da urna  
A voz ainda ouvir do extincto amigo

Que me diz : « Não findei, ainda existo  
« Em Deus, e voltarei ; nós nos veremos  
« Quando resplandecer hum grande dia »  
Então desse sepulchro, e dos que em volta  
Do luctuoso claustro em varias fórmas  
Multiplicação da morte a imagem triste,  
Vejo entornó brilhar hum de virtude  
E santidade alto esplendor, que todos  
Envolve em sua luz quantos no sacro  
Lugar existem de tristeza objectos,  
E de horror, e de espanto : o cemitério  
Muda-se aos olhos meus em huma régia  
D'anhos, e santos, que com Deos já gozão  
Dessa gloria immórtal, dessa indizível  
Felicidade, que não ha na terra,  
E que com o seu Deos confunde o homem,  
E nelle o faz viver ditoso e eterno.  
Já sepulchros não vejo ; he cada urna  
O assento de hum celeste ; eu vejo os vultos  
De sombras não, mas de luzentes almas,  
Que brillão de prazer, que, satisfeitas  
Do seu novo destino, humas ás outras  
Se chegão, reconhecem-se, e se abraçao,  
Humas co'as outras fallão, recontando,  
Esta como deixou do mundo a plaga,  
Outra como a salvou do amigo a prece,  
Outra como á virtude a gloria deve.  
Mas a voz de hum Arcanjo : (24) « Ao céo, ao céo,  
Grita, desenrolando hum estandarte  
Aonde com a cruz esplende a effigie  
Do divino cordeito : « Ao céo, ao céo,  
« Que visitada está vossa morada



ieb

eb



« Terrena, e já da piedade humana :  
« Presenciastes o culto, e grato a Deos  
« Chegou seu holocausto: erguei-vos justos,  
« Que não vistes ainda o Ente eterno;  
« Vinde: estais redimidos; destes santos  
« Misturai-vos c'o bando, e ao céu voemos.

Cresce a turba ditosa, e de repente  
Mil e mil azas debatendo os ares  
Hum tumulto produzem, hum estrondo,  
Como o de muitas aguas (25), que na praia  
Vão ao longe cahir e desfazer-se  
Em branca espuma. Candida se eleva  
Dos voantes a nuvem: já no céu  
Perde-se á minha vista, e só mil hymnos  
De jubilo soar, e de mil lyras  
A suave harmonia ouço de longe,  
O' ditosos, então, ó vós ditosos,  
Exclamo, que do mundo o triste valle  
Trocastes co'a do céu bella morada;  
Vós, que na sepultura adormecestes,  
E acordastes em Deos, e que sagrado  
Tendes do corpo o leito, e d'alma o pouso;  
Vós, que, dormendo aqui somnos tranquilos,  
Em mais tranquilla paz velais nos astros!  
Descançai, e gozai, ó venturosos,  
Que da terra e do céu sois os queridos;  
Amor e gratidão aqui vos honrão;  
Lá clemencia e bondade, em sempiterna  
Gloriosa ventura, a vossa envolvem  
Nova e santa existência, e aos vossos olhos  
Do primeiro dos bens mostram a face.  
Descançai, e gozai, que ainda hum dia

Nos veremos; e então os nossos braços  
Apertarão c'o jubilo dos santos  
Nossos peitos felizes: nossas vozes  
Com as dos anjos misturando, o eterno  
Hymno de gloria e paz entoaremos,  
Ao increado Amor, que no seu seio  
Nos abrirá da eternidade o centro.  
Adeos, adeos: já dos sepulchros toda  
A linguagem ouvi: da fera morte  
Já não me afflige o aspecto, e no seu ferro  
A chave eu vejo das celestes portas.





Os veremos; e cantos os nossos praeos  
Apertado e'o jubilo dos santos  
Nossos peitos felizes: nossas vozes  
Com as dos anjos misturando o eterno  
Hymno de gloria e pax entoaemos,  
Ao incerto Amor, que no seu seio  
Nos abriu da eternidade o centro  
Adios, adeos: ja dos sepulchros toda  
A languagem ouvi: da terra morte  
Ja não me afflige o aspecto, e no seu ferro  
A chave en vejo das celestes portas

OS SEPULCHROS.

—  
V.



ieb

eb

ieib

ieib



OS SEPTUAGINTOS.

v

OS

GA

ERRAD

D.

Já reza  
o qual m  
na vesper  
com tren  
o vasto a  
milhao e  
que das  
E que as

# OS SEPULCHROS.

## CARME EPISTOLAR

SOBRE

THEODORO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA.

DR. LUIZ VICENTE DE-SIMONI.

Theodoro Tannay.

*Mulli: sed omnes illacrymabiles*

*Urgentur, ignotique longa*

*Nocte, carēnt quā vate sacro.*

HORAT.

Muitos: mas todos — nunca chorados;

E longa noite — desconhecidos

Preme-os, pois fallão-lhes — vates sagrados.

Já reluz no Oriente o sol-mais bello  
Ao qual morrer no occaso o mundo vio  
Da vespera ao cahir, quando as estrellas  
Com tremulante luz mudas sahião  
O vasto a consolar horror nocturno.  
Brilhão em outra parte hoje os seus raios,  
Que das aves saúda o ledo canto,  
E que as gotas do orvalho alegres frangem

Pelas hervas do morro, onde liba-las  
 O matutino zephyro yem quedo  
 Quasi tema acordar quem lhas dispute.  
 Toda riso e prazer he a natureza,  
 Toda de nova vida a face toma  
 E *passageira*, diz, *foi minha morte* :  
*Alegrai-vos mortaes ; tudo revive.*

Isso mesmo, THEODORO, ella dizia  
 Quando em bella manhã tu da Gamboa  
 Passeavas no morro, e alli, no meio  
 Da vida universal, teus pés quebravão  
 Humanos ossos, e sentada a Morte  
 Em lousa sepulchral muda guardava  
 Os despojos do Sueco, e do Britanno.  
 Alegria e prazer ella nos falla  
 Com bellissimo aspecto, e lá das torres  
 Bradão com sacra voz bronzeos arautos :  
 « Hoje he dia de pranto, e de saudade :  
 « Vinde, vinde, fieis, ver caros ossos ;  
 « Vinde regar as mestas sepulturas  
 « Co'as lagrimas da dôr, e junto dellas  
 « Erguer ao céu da piedade as preces. »

*Alegrai-vos mortaes ; e ao mesmo tempo*  
 Vai enchendo o sepulchro, e multiplica  
 Os tumulos no campo e na cidade ;  
 E desaparecendo a cada instante  
 Vão os homens da terra, e humã á outra  
 Cedem do mundo as gerações o alvergue  
 Mente ou zomba seu labio? Este contraste  
 Explica-me, THEODORO, ah dize, dize-me  
 A mörte nao he hum mal? ou he breve a mörte  
 Do homem que expirou ? elle renasce

Como o sol, n'outra parte inda mais bello,  
Daonde elle renasce: he tudo vidas  
Como quando revive o sol no mundo?  
Falla: mas não; antes que tu respondas  
Ao coração me falla huma voz santa,  
Que delle sobe a illuminar-me a mente;  
E da immortalidade eu vejo a face,  
Que brilha como o sol em outra plaga.  
Ah, vem comigo visitar dos mortos  
Os sagrados jazigos: se na tumba  
O homem não acaba; se com elle  
Inda eu posso viver além da campa;  
Se lhe póde valer minha virtude,  
E faz-lo outra vez nascer em Deos;  
Impio sôra meu pé ficando immoto.

Deixa o lugar em que a latina lyra (1)  
Tangias docemente alli carpindo.  
Outra Eurydice ao thalamo roubada  
Do seu recente esposo, a joven bella  
A virtuosa Young, (2) digna do pranto  
Nocturno de outro Young, e o valoroso  
Hoguendorp, (3) esse Batavo que aos lados  
Do grande vencedor correrá os campos,  
E de trabalhos mil emfim descança.  
Já das Musas as lagrimas cairão  
Sobre os louros, que os cobrem; orvalhada  
Inda he dellas a relva, que o sepulchro  
Cobre do caro seu joven alumno, (4)  
Que cheio de talento e de esperanças  
Trocou com o cipreste os frescos louros,  
Cujo verdor já lhe adornava a fronte.  
Retiradas da bulha e do tumulto



Na enseada onde o mar placido dorme  
Tenhão todas allí somnos tranquillos!  
Ou, se lhes he pesada a terra estranha,  
Desse ameno lugar nos livres ares,  
Sempre á vista do mar, que tanto amarao,  
E do nortico céo, que em vão suspirão,  
Passeem pelo morro entre as mangueiras,  
Ou sob outro arvoredado as tristes sombras,  
Dessa gente infeliz á qual da patria  
Não foi dado o voltar ao caro seio,  
E de hum parente seu morrer nos braços.  
Ah! valer não lhes póde a nossa prece:  
Por elles só nos falla a natureza

Pois a religião.... O horror me gela  
O pensamento. Oh malfadadas culpas  
Dos príncipes! só huma infeiras fere  
As gerações. Lascivia, orgulho, e raiva  
Sobre hum throno o maior saõ dos flagellos:  
O povo o soffre, e a tarda idade o sente. (6)

Outra parte nos chama, outro de mortos  
Povo immenso, multiplice, diverso  
De côr, de origem, condição, destino;  
Catholica nação na qual se fundem,  
Depois da dura, inevitavel campa,  
C'o brasileiro povo outros, que o mundo  
Aqui da morte ao nunca obtuso ferro  
Nas azas da esperança a cada instante  
Manda de partes mil: mui differentes  
Este os ceifa, e depois de breve tempo  
Nada ha mais senão cinza, e brancos ossos

De terreo vaso em soterrado bojo (7)  
Já não dorme encolhido o Brasileiro,

Como da mãe no ventre, o somno eterno, no  
Ou na rede envolvido em que na vida,  
Nos ramos pendurado elle pousava,  
Nem por tumulo hum cumulo tem d'ostras,  
Pyramida pequena onde repousos  
Teve por muito tempo o indiano chefe  
Tranquillo tanto como já de Memphys (8)  
Egypcios reis sob as petrosas moles,  
Barbaros monumentos onde o tempo  
Alto desmentidor do humano orgulho  
Os foi desencavar dos encerrados  
Monolithos sarcophagos, rasgando  
Da mumia a capa e dispersando os ossos.  
Catacumbas, carneiros, ricas urnas  
De madeira ou de pedra (9) ou pouca terra;  
Eis os sepulchros, que a miseria e o luxo  
Abrem desta cidade aos habitantes,  
Ou n'hum templo, ou n'hum claustro, ou em triste campo  
Onde só do coveiro a enchada rompe  
Da mãe primeira o seio e ferteis leivas  
D'estereis hervas só levanta ao viço;  
Pois até no sepulchro aos desgraçados  
O da sorte persegue animo adverso.  
Do infeliz a quem coube este jazigo  
Ninguem mais cuida: em miseravel rede,  
Ou em rude e nú caixão ahi levado  
Foi por dous negros, que de toseco páo,  
Ou gigantea taguara como hum fardo  
O trouxerao pendente, ou sobre as ondas  
O carregou de noite escura barca (10)  
Para o leito da cova. Ahi sómente  
Visitado será de annos em annos

Por quem lhe preparou esse em que dorme  
Miseravel jazigo, e que aos seus ossos  
Novos trazer virá mudos e frios  
Companheiros c'os quaes elle o repartá  
Ou se de algum parente, ou de hum amigo  
A saudade mover o pé piedoso  
A pizar esse solo, em vão chorando  
Perguntará o afflicto onde elle dorme;  
Em vão procurará onde seu pranto  
Verta, onde plante de cipreste hum ramo,  
Ou d'esfolhada flor o mimo espalhe,  
Onde de agua lustral lhe asperja a campã  
Tristes ambos serão, hum não podendo  
Fallar ao seu amigo, outro ignorando  
Onde possa buscar ao seu querido,  
Bem que talvez visinho, ou bem que o vivo  
Com o morto se toque e deste aquelle  
Sinta estalar sob a sua planta os ossos,  
E sinta este do outro o grave peso (11)  
Partir-lhe o que inda respeitára a terra,  
Huma arida existencia, e ás já crescidas  
Sobre a leiva fatal viçosas plantas  
Quasi queira pedir, que alli por elle  
Digão : *eu aqui 'stou, teu pé me piza.*  
Mas de ambos terá dôr o Deos clemente  
E a hum consolará côm o suave  
Sentimento do bem e da piedade,  
Que a alma e o coração ao céu eleva,  
E, da virtude em attenção ao pranto,  
Perdoará do outro as leves culpas,  
E ao seio o chamará da gloria eterna.  
Vamos sempre, THEODORO, vamos sempre

Da humanidade pobre ao Campo santo  
Chorar, erguer ao céu devotas preces,  
Que o céu he justo, e o coração de Deos  
Jámais resiste da virtude ao pranto;  
E o christão caridoso ainda a exerce  
Para com a miseria além da morte.

Olha o tumido mar ao qual na fauce,  
Que guardão de Mavorte as bronzas bocas, (12)  
E co'a fronte no céu altos penhascos,  
Vai mettendo c'o sopro impetuoso  
A tempestade austral, que ao longe ronca,  
E da maré, que cresce, a grossa enchente  
Lage, Villegagnon (13) bem não poderão  
Suas ondas conter, que, alli rompidas  
Com surda bulha no emergente apenas  
Prolongado recife, irosamente  
Borrifirão-lhe a rocha, e bipartidas  
Por breve instante os impetos reúnem,  
E vem accommetter a humilde praia (14)  
Onde, emfim, seu furor se despedaça  
Com despeitoso frêmito espumante,  
Entre pedras morrendo e solta aréa  
Eis da humana filaucia o vão orgulho,  
Que todo se desfaz emfim da morte  
Na humilde praia, nessa mesma terra,  
Que cobre da miseria os mortos restos  
E praia he esta de miseria e morte,  
De humanos ossos semeada, e d'altos  
Da padecente humanidade, tristes  
Lamentos resonante. Ahi milhares  
Jazem de corpos em angusto campo  
Dous seculos e meio ahi deixarão

As suas gerações :ahi do pobre  
A desgraça acabou em huma valla  
Cujo de mãos e pés, e de cabeças,  
E de troncos, que lividos já sedem,  
Gotejando de sanie, horrivel quadro  
Occulta emfim a piedosa terra,  
Que aos insultos põe termo. Ahi o escravo,  
Ahi findou seu cativeiro, e ás vezes  
Inda vivo rolou dos mortos corpos (15)  
Na fetida camada, e a breve vida  
Tornado pelo choque, ao pio leito  
Voltou da cova, e desse leito a ella,  
Miserio sempre no viver, na morte.  
Ahi, perto da cama em que gemia,  
Tinha o pobre o sepulchro, e dessa cama (16)  
Olhou pela janella, e vio aberta  
A cova, que tragar devia-lhe o corpo,  
Como da execução no horrivel dia  
Do alto do patibulo o malvado  
Avista pouco longe o prompto esquife.  
Quantos crimes ahi, quantas virtudes  
Esconde a terra, huns ignorados, outros  
Sem castigo e sem premio, ou porque souber  
A perfidia occultar-se, ou porque humilde  
Do seu valor não fez a honra alardo,  
Ou porque injusto foi com ella o mundo  
Crês tu, THEODORO que a virtude alberga  
Só no peito do rico e do potente,  
E não coube á miseria outra partilha  
Senão crimes e infâmia? Ah! quantos grandes  
Que encerra fastuosa esplendida urna  
Nem merecêrao desta sacra terra,

Que cobre ossos plebeos, hum só punhado!  
E quantos dos, que ahí jazem ignotos,  
Dignos forão talvez de hum mausoleo,  
Ao menos d'hum urna! O bom soldado,  
Que expôz a vida, e derramou seu sangue  
Pela patria, e ajudou com o seu braço  
A ganhar-se a victória, a conservar-se  
A paz, de qué poder ao soberano  
Proveio, e aos chefes seus honras e postos:  
O marinheiro, que do mar, do céu  
A procellosa furia expostó e firme  
Salvou só elle a combatida proa:  
O obreiro, que co'a industria, e c'o trabalho  
Fez viver a familia: o pobre escravo,  
Que fiel ao senhor sempre pôr elle  
Trabalhou toda a vida, e o defendeu  
As vezes do perigo os propios dias  
Arriscando animoso, e quando a morte  
Roubar-lho veio, lagrimas sinceras  
Por elle derramou mais que hum ingrato  
Filho, que só curou da pingue herança,  
E mais que a viuva, que, n'õ mesmo dia  
Do triste funeral, no pensamento  
Volveu d'outro hymeneo a grata idéa,  
Ou já mesmo sorrio ao novo noivo:  
O joven infeliz, que socorrendo  
Caridoso no leito a quem gemia,  
De hum hospital nos pestilentos ares  
Victima foi do typho, ou pouco a pouco  
Perdeu da mocidade a flop mais bella,  
E pallido, amarello, e definhado  
Hum vida acabou triste e mal paga

Todos estes tambem não merecêrão  
Hum tumulo, huma chapa onde gravadas  
Fossem c'o nome seu suas virtudes,  
Que lesse o passageiro, ahi colhendo  
Util exemplo, e generosa chamma?

Mas que he dessa cruz, que, do funereo  
Campo no centro, em solitaria lousa  
Estandarte da morte alli se erguia? (17)

Já não a vejo. Não he mais deserto  
Esse solo : de gente rodeados  
Já de hum vasto edificio os grossos muros  
Começão a surgir, e do brasilio

Granito os assentados limiares  
Prever já fazem as futuras portas.  
Vai-se a obra estendendo, e novos braços  
Deita dos lados. Numeroso bando

A terra está cavando, e fundas yallas  
Vai do novo alicerce abrindo ás pedras.  
Mas oh ! que horror! com a tirada terra  
Vem aos centos caveiras denegridas,

E aos milhares quebrados soltos ossos,  
Que amontoão ao lado outros obreiros.

— Deshumanos cessai : nem no sepulchro  
De hum miseravel leito ao pobre he dado

Contar co'a triste posse, e nem do eterno  
Somno se lhe concede a paz tranquillã

Para erguer fastuosa, immensa mole,  
Que talvez não a acabe hum par de seculos,  
E varias gerações miserias faça?

Oh ! sacrilegas mãos! què vos fizerão  
Os miseros, que aqui mudos jazião  
Porque turbar este unico descanso

ieib

ieib



De que gozão talvez depois do berço?  
 Potque?... — *A caridade, assim o pedras*  
*E com ella o quer PEDRO, e DEOS o manda.*  
 Responde huma outra voz, que de mil vozes  
 Forte, e unico som surge do fundo  
 Da aberta valla. Ao retumbar nos ares  
 Essas palayras, de Ezechiel dirias (18)  
 Renovar-se o portento, e n'hum instante  
 Resurgir de ossos mil, cem e cem corpos,  
 Não a ouvir, mas de Deos a erguer a fallar  
 Estremece o terreno; o mar visinho  
 Ronca tempestuoso; de huma nuvem  
 Que apparece no céu hum raio parte  
 C'o relampago soa hum forte estrondo,  
 E de hum gigante o monstruoso corpo  
 Estendido alli jaz. Eis o piedoso  
 Que inda ha pouco fallava. Olha que formas  
 Sob o mais bello traje! olhos de tigre,  
 O peito he de lião, de harpia o ventre,  
 As unhas de milhafre; infernal cheiro  
 A boca exhala na pintada face  
 De postição cabello os louros cachos  
 De mil cobras sipós a coma encobrem  
 O conheces, THEODORO? O iniquo Demo  
 Da hypocrita censura he este monstro,  
 Que o bem não soffre, e que de inveja rõe-se  
 Se alguém o faz, ou se com alma activa  
 Trabalha alguém para o alcançar e os homens  
 Felicitar com seu talento e zelo  
 Castigado elle está. Nessa ampla valla  
 Jaza seu corpo, e pedras mil sepultem  
 Com elle o mal, que da virtude as grandes



C'o seu impuro bafo, obras transtorna.

Mas quem sois vós, que tão fulmineo grito  
Erguestes dessa valla, e qual vos toca  
Cuidado deste mundo, almas que iradas  
Viestes do outro anniquilar o iniquo?

« Eu t'o direi por todos, que aqui jazem.

Responde em pé direito hum alto espectro, (19)

Que, qual columna de vaporeo fumo,

Ergue-se dessa valla, e cujo aspecto,

Como nuvem no céo, de neve e d'ouro

Veste admiravelmente o sol c'os raios. »

Infelizes nós fomos, que a miseria,

Que os males perséguição. No visinho

Hospitaleiro albergue hum pio asylo

Vimos demandar : os nossos peitos,

Ao pôr o pé no limiar sagrado

Da caridosa casa, alto conforto

Sentirão dentro em si, e bello e caro

Brillhou-lhes n'alma de esperança hum raio.

Mas, vã consolação ! vã esperança !

No recinto em que o halito da vida

Vieramos buscar, outro de morte

Nos veio accommetter : dos que jazião

Neste campo a pestifera sentina

Com más exhalações os varios males

Exasperar nos veio. Em vão luctarão

Da arte salutar, para salvar-nos,

As multiplices armas. Atra idéa

Aggravava ainda mais do mal os golpes,

E, quando algum descanso este nos dava,

Ou applicado de nós se despedia,

O cemitério ahi estava, á nossa vista ;

ieb

ieb



E a cova, a cova sempre, e dos extinctos  
Os horribeis cadaveres, que mesmo  
Do misero lençol em que jazia  
Nossa enferma existencia, os nossos olhos  
Do dia ao decahir alli tragados  
As duzias vião pela immunda terra.  
Assim nos enterrou antes do tempo  
Dos mortos a influencia: assim a nossa  
Tem a muitos tambem custado a vida,  
Mesmo às vezes ao filho, ao mano, e amigo.  
Christãos nascemos, e christãos, a morte  
Nos vio cahir sob'o seu ferro: ainda  
Vive em nós esse amor dos semelhantes  
Ao qual de CHRISTO já pregou na terra  
O labio, e o santo exemplo: he filho d'elle  
O sentimento, que a estimar nos leva  
Deste descanso a interrupção, que aos vivos  
Segura a vida, e que liberta os mortos  
Do triste fado de homicidas serem  
Involuntarios dos que ainda vivem,  
E que caros lhes são. Almas sublimes  
E caridosas já sentido tinhão  
Tão deploravel sorte, e mil idéas  
Desejos mil nas generosas mentes  
Volvêram de hum remedio a tantos males.  
Mas embaraços mil, e desse monstro  
Que estendido alli jaz, as venenosas  
Palavras, e a maligna e nunca quieta  
Intriga, tudo emfim baldado haviaão;  
Quando hum genio surgio, (20) cujo illustrado  
E vigoroso esp'rito herculeo clavao  
Empunhando animoso, sob o escudo

De hum alta protecção, todos por terras avoua  
 Lançou esses obstaculos, e aos gritos  
 Do despeitoso monstro, obras ingentes  
 Oppôz como resposta. Em outra parte  
 Aberto foi á pobre humanidade  
 Do sepulchro o jazigo. (21) Alli remotos  
 Da bulha e do tumulto em puros ares,  
 Sem aos vivos causar danos e mortes,  
 Mais á larga estarão seus frios restos  
 Em hum amplo jardim, onde ornamento  
 E companhia deleitosa e bella  
 Lhes fação com o cedro, e c'o cipreste  
 Da casuarina, e do salgueiro os ramos,  
 E aonde d'huma lousa, ou d'huma urna  
 Possa o mármore erguer-se, e dos jazentes  
 Aos seculos levar o illustre nome.  
 Aqui, como tu vês, outro destino  
 Já vai tendo esta terra, onde aos milhares  
 Jazemos, onde biennial repouso  
 Concedido não era aos nossos corpos,  
 E do Coveiro a enchada a cada instante  
 Nos vinha o leito revolver, e ainda  
 De carne humana os nao despídos ossos,  
 Para dar a outro morto hum asqueroso  
 Putrido leito. Magestoso e grande  
 Hospicio aqui para quem soffre, e geme  
 Surgirá, que de longe o nauta aviste,  
 E que ao entrar de Nytheroy nas aguas  
 Lhe mostre aqui da caridade o templo  
 Dêste de PEDRO a mão augusta hum dia (22)  
 A primeira lançou pedra sagrada,  
 E já cresce de pressa a vasta mole,



Que de hum alto favor, de huma acção viva  
Ao publico pasmado o influxo atesta.  
Abençoada seja aquella mente,  
Aquelle coração a cujo zelo  
Se deve esta mudança; a ella o céo  
Gostoso applaude, e nós com elle, e o mundo. »

Calou-se o branco vaporoso espectro,  
Que douravão do sol os vivos raios:  
E subindo da terra ao céo se eleva,  
E nas nuvens se perde, e tudo entorno  
De celeste prazer brilha, e festeja.  
Ouviste, ó THEODORO? o ledo aspecto  
Viste tu como eu vi? Não me respondes!  
Que! talvez illusão?... Não, não me illude  
Meu pensamento, e da verdade o cunho  
Tem essa, que eu ouvi, sublime falla.





Tem esse, que em oír, supprime falta  
 Meu pensamento, e da verdade a culpa  
 Que, talvez illusão?... Não, não me ilude  
 Viste tu como eu vi? Não me respondes!  
 Quante, ó THEODORO, o todo aspecto  
 De celesté prazer, d'illuzão, e festa!  
 E nas nuvens se perde, e t'nde encontre  
 E subindo de terra ao céu se eleva,  
 Que do lavazo do sol os vivos raios  
 Calou-se o branco vaporoso aspecto.  
 Postoso applaude, e nós com elle, e mundo,  
 Se deve esta mudança; a ella o céu  
 Aquelle cotacao a cujo zelo  
 A bençõada seja aquella mente,  
 E o publico chamado o influxo attento  
 Que de hum alto favor, de hum alto favor



**OS SEPULCHROS.**



**VI.**

ieb

eb

ieib

ieib



OS SEPULCHROS.

IV

GAR

D. I.

1773

f.

cuja an

ma, subl

tu do sabe

u meu cop

caso FELIX

desios tens a

gusto, e i

sto com o

des versos e

italica lin

eu verti

presso estylo

## OS SEPULCHROS.

### CARME EPISTOLAR

DO  
DR. LUIZ VICENTE DE-SIMONI,

SOBRE

CLAUSULA DE OTIO DE JAVIERO.

Felix Emilio Tannay.

*Plurima mortis imago.*

*VIRG.*

O' tu, cuja amizade antiga, e sempre  
Purissima, sublime, e esclarecida  
Pela luz do saber, pela das Musas,  
Tem no meu coração hum doce reino :  
Tu, caro FELIX, (1) que communs comigo  
Os affectos tens sempre e os pensamentos,  
E cujo gosto, e inclinação conformes  
Tanto são com os meus, que, emquanto os fortes,  
Serrados versos do difficil Persio (2)  
Para a italica lingua, ou para a lusa  
Sollicito eu vertia, apreciando  
O vigoroso estylo, a moral summa



Desse estoico cantor, que n'alma infunde  
 Da virtude a paixão, do vicio o odio;  
 Tu de Racine (3) co'a linguagem pura,  
 E de Delille (4) c'o sagaz esp'rito  
 Os fazias soar da patria tua  
 No pouco livre idioma, ardua tarefa  
 Em que a Noble, e Radier a mão falhara: (5)  
 Tu que interprete igual foste da mesta  
 Latina Musa de teu Mano, e as tristes  
 Imagens, os sublimes sentimentos,  
 Que dos britannos tumulos no campo  
 Pathetica inspirava, arguto, e terno  
 Fizeste resoar em outras cordas:  
 Tu companheiro meu agora sejas;  
 E ajuda-me a seguir a começada  
 Triste visita das funereas casas,  
 Que reclamão do vivo o pranto, e as preces.

Do novo hospicio da miseria enferma  
 Ahi parou, n'hum limiar sentado,  
 Meditabundo, o teu sensivel mano;  
 E do campo da morte, e das abertas  
 Vallas, dos ossos, e caveiras olha  
 O luctuoso aspecto, e depois volta  
 Os olhos para o mar, para o surgente  
 Novo edificio; a mão direita ao peito  
 Leva, e faz com a outra apoio a frente;  
 Depois suspira, a humedecida face  
 Levanta para o céu, e alli parece  
 Achar consolação, e de admiraveis  
 Imagens contemplar a bella vista.  
 Não o perturbes, não: com a celeste  
 Musa seu pensamento está fallando;

Novo apprehendo vai sublime canto,  
 Que elle soar fará na virgiliana,  
 Agreste avena seu deleite e nosso.  
 Deixemo-lo: condiz com o seu génio  
 Este lugar mais solitario: a bulha,  
 O tumulto do povo ao seu tristonho,  
 E pensativo espirito he pouco grato:  
 Sempre em mui altas concepções serrado  
 De toda distracção ás causas foge:  
 Dir-se-hia que sempre anda a sua alma  
 Desapegada da matéria, e sempre  
 No mundo só da intelligencia absorta.  
 Mas tu, cujo tambem sublime espirito  
 Das bellas-artes o divino culto  
 Acostumado tem a conchegar-se  
 Co'a terrena materia, e com as fórmãs  
 Artísticas a dar-lhe espirito e vida;  
 Tu gostas contemplar a terna parte,  
 Que essas artes tambem tomão de hum povo  
 Nas tristes affecções, e dos extinctos  
 Na sempre cara e salutar memoria.

Se só quizesse consultar das urnas  
 A linguagem sublime, e alli da morte  
 Aprender as licções, eu solitario  
 Continuara o caminho, e não quizera  
 Condiscipulo algum em essa escola;  
 Pois minha alma teria então certeza  
 Que só da mestra ella escutava os dogmas.  
 Mas hoje outro he meu fito: hoje hum tributo  
 De amor e gratidão eu vou das urnas  
 Levár aos pés com doloroso pranto;  
 E na dôr, e no pranto he mui suave

O ter hum companheiro, hum doce amigo  
Que comnosco partilhe o lucto, e as magoas,  
E que diga a quem chora: eu tambem choro,  
E razão de chorar ambos, sim, temos  
Neste dia, que a nós trazia memoria  
De tanta gente, que nos era cara,  
E que a morte roubou a nosso affecto.  
Nós, sim, hiremos visitar ao menos  
Os seus restos mortaes, que inda do tempo  
A mão destruidora a nós consente;  
E pascer a saudade onde só ficão  
Da vida, que já foi, imagens mortas.  
Aos miseros já dado hoje foi longo  
E caridoso pranto: outros como elles  
Nossas lagrimas pedem; pois miseria  
Não ha só da pobreza entre os andrajos,  
Ella tambem ao lado da fortuna  
Se assenta; e oh quão grande! Acostumado  
Com ella o pobre, entorpecido ás vezes  
Ou pouco a sente, ou companheira ingrata  
Em paz a soffre, como em paz supporta  
Quem com elle nasceu mal ou defeito,  
Que grata como aos mais não deixa a vida  
Mas quando, com o pé da negra morte  
Ou dá cruel desgraça, ás portas bate  
Do homem costumado ao doce gozo  
De commodos, riqueza, honras, delicias,  
Oh quão dura ella chega, estranha, e horrenda  
Mas nunca tão cruel ella se mostra  
Como aos bons corações, que mais sensiveis  
Tornou de huma alta educação o culto  
Onde, FELIX, ah sim, aonde visten

ieib

ieib



Mais lagrimada huma mãe terna, e duas (7) de  
Virtuosas irmãs na flor dos annos  
Ceifadas, ai! pelo implacavel ferro,  
Que não respeita idade, e que da mesma  
Virtude ao esplendor nunca perdoa?  
Foi, sim, aonde a conhecer o prego  
De huma mãe, de huma irmã, bella ensinara  
Sublime educação, que dos mais ternos  
Affectos cultivara a diva planta.  
Oh que pranto foi esse! inda nos soão  
N'alma os gemidos, os crueis soluços  
Da terna tua afflicta esposa: as nossas  
Lagrimas, ai, corrérao com as della  
No luctuoso dia, e ainda correm;  
Que extincta inda não he nas nossas mentes  
Da virtude a memoria, e a da celeste  
Escola, que c'ò exemplo, e c'os conselhos  
Á optima das mãis, a mais divina (8)  
Alma, a todos abria ingenua e pura  
De violas eu quero e de saudades  
Adornar-lhe hoje a urna, e tu, de rocho  
Amarantho huma flor com amoroso  
Gemido, e mão tremente ahí largando,  
Eterna requie implorarás do céo  
Ao virtuoso espirito: ambos hum ramo  
De angelica depois nós plantaremos  
Junto das cinzas virginaes das filhas,  
Que hoje, esposas de Deos, com santo abraço  
Apertão lá no céo a mãe querida.  
Já não he esteril desolado campo  
D'ossos juncado o que correr c'os olhos  
Vanos, querido amigo; vastos templos

E claústros são com triste pompa ornados,  
Aonde negros véos dos tumulares  
Nichos, no solo, ou na parede abertos,  
Encobrem piedosos dos recentes  
Finados ao parente, ao terno amigo  
O feral aposento, e só c'o nome  
Provocão n'hum cartél a dôr e o pranto.  
Ardem ao pé dos enluctados nichos  
Funéreas tochas: duplice dos lados  
Fileira sepulcral ergue-se d'urnas  
De madeira ou de pedra alli dispostas  
Com ordem pintoresca e discordante.  
Differente he o tamanho, e varia a fórma,  
Dessas funebres arcas, onde os ossos,  
Que habitarão de hum nicho hum anno a casa,  
Amorosa afeição, ou vão orgulho  
Já despídos da carne emfim encerra;  
E do finado o longo nome, e os annos,  
O fatal dia, os titulos, e as prendas  
Em lusa lingua os epitaphios narrão;  
E da saudade, que deixou nos vivos,  
Em varias partes dão noticia os versos.  
Modesto e tosco he das antigas urnas  
O aspecto; e as letras, c'o pincel traçadas,  
Ou abertas na madeira, o nome apenas  
Cuidão dizer-te do finado: he outro  
Das modernas o estylo: estas das artes  
Revelão o progresso, e ao mesmo tempo  
O do luxo vaidoso: argenteas chapas  
Já não querem que só saibas do nome,  
Mas tambem da riqueza e da vaidade  
Do morto, ou de quem pôz-lhe o monumento:

E mais o querem elevados fustes,  
Que, orgulhosos surgindo em varias urnas,  
De insignias e brasões erguem o alarde.

FELIX, eu sempre estimarei que as artes  
Dos extintos honrar venhão piedosas  
A querida memoria, e de hum sepulchro  
Co'as producções do genio ornem a casa:  
Mas nunca louvarei que outra linguagem  
Que a da estima e da dôr fallem, e aos olhos  
Da riqueza ou do fausto a imagem mostrem  
Aonde a morte da miseria humana

Escreveu com seu ferro a triste proya.  
Riqueza eu quero, sim, mas só de idéas  
Não de materia; pois he só do homem  
A mente o que não morre, e da desgraça  
Não succumbe ao flagello. Ah, se a materia

He necessaria a revelar do espirito  
As altas concepções, só de virtude  
Falle ao lado de hum tumulo: no marmore  
Mostre, e no bronze, duradoura e firme,  
De hum culto perennal o sentimento,  
E aos pósteros o leve co'a memoria

Das prendas do finado: atteste o escuro  
Jacarandá lustroso o negro lucto  
De hum limpo coração cuja saudade  
A urna consagrou ao seu amado.

Mas o ouro o que diz? que diz a prata  
Sobre hum sepulchro? Da virtude emblemas  
Forão elles hum dia? e quem os olha  
Lembra-se della, ou de saudoso affecto  
Sente no coração o terno toque?

Mais huma flor, ou de cipreste hum ramo,

Que mão afflicta ahí largou chorando,  
Ao esp'rito me falla; e mais huma urna  
Em que na mesma pedra, ou na madeira  
Entalhados eu vejo o caro nome,  
E as virtudes do extincto: entao comigo:  
Assim, eu vou dizendo, estão gravados  
No coração do author do monumento,  
E destruidos só serão com elle:  
Pois postiga nao he a dôr e o lucto  
Como a chapa, que alli brilha visinha  
Em urna magestosa, ondê pregada  
Foi só por outro artista; ondê arranca-la  
Virá talvez p'rfida mão; tentada  
Pelo rico metal, e então os ossos  
Sem nomes deixará, sem elogio.

Mal haja o vate, que dizer não ousa  
As verdades ao povo, e que o adula  
Como faz com os reis, c'os poderosos  
A gente que os rodêa: eu com tal crime  
Jámais profanárei a minha lyra,  
E o Fluminense povo ouvir-me-ha sempre  
No meio do lóuvor, dizer-lhe ás vezes  
Mui franco: aqui já da virtude a face  
Não brilha; aqui pisão do vicio as plantas:  
Quem ama não engana ao seu amado,  
E caro nos he muito este bom povo,  
O' FELIX, p'ra que nunca o atraioemos  
Occultando-lhe assim a nossa mente.  
He terra americana, he brasileiro  
Este solo, que tu e eu pisamos:  
Mas quem nos veda amar hum doce estranho,  
Que benigno nos honra, e nos affaga?

Outrem, que em outro cómo nós nascera,  
Amou este paiz e a gente sua,  
E de bém lhe deixou signaes eternos.  
Esta aura, que nos cerca, estes amenos  
Morros, que a natureza esmalta e veste  
De perpetuo verdor e de mil flores,  
Selvaticos hum dia, hoje amanhados  
Pela mão da cultura, e de elegantes  
Edificios em varia ordem cobertos ;  
Esta grande cidade, e o florecente  
Seu immenso commercio ; este das artes  
Admiravel progresso, á nossa mente  
Trazem de huma grande alma hoje a lembrança ;  
Dessa alma, que na vida aqui pizando  
Com benefica planta, abriu a fonte  
De toda esta grandeza, e os duros ferros  
Quebrou desse commercio hoje tão vasto.  
Desse principe eu hoje desejára  
Com grato coração honrar os manes,  
E do brasilio louro (9) huma corôa  
Pendurar-lhe no tumulo, dizendo :  
Tu vieste ao Brazil, elle foi grande.  
Mas busco em vão a lamentavel urna  
Desse benigno rei, que tanto amava  
Este ameno paiz, onde seu sceptro  
Só de excesso peccou de alta bondade.  
Á força, desta terra, os inimigos  
Della, arrancárão do amoroso velho  
O já cadente corpo, e não a alma,  
Que aqui ficava em lagrimas desfeita,  
E do filho na mão pondo huma espada :  
« Salva, tu, lhe dizia, este, que eu amo



« Bello, e rico paiz, que será grande,  
« Hum dia entre as nações: ah seja teu  
« Se meu já ser não pôde, e a sorte o vedar  
« Salva, ó filho, o Brazil; eu t'o confio: »  
Assim fallava o afflicto velho. Os olhos  
Fitava-nos do pae o Grande Pedro;  
E nelles fuzilar vio nesse instante  
O fulgor, que depois lá no Ypiranga  
Nos delle fuzilou, quando, irritado  
Pelo lysio furor, brandio a espada,  
E a fez nos ares rutilar bradando:  
*Viva o Brazil: independencia, ou morte!*  
E lançou de hum imperio os fundamentos.  
O mar passaste, infeliz rei, presago  
Dessa sorte fatal, que te esperava,  
E constante e amoroso inda sellaste  
Com gosto inda além mar o sacrificio,  
Que a bem deste paiz nas mãos fizeras  
Do teu querido filho; e satisfeito  
Com trazer do Brazil o caro nome, (10)  
A paz, e o filho, e tudo o mais nos deste.  
Mas que he dêsse filho, esse a quem deve  
O Brasileiro povo a gloria, e o nome  
De imperio, e de nação? aonde as cinzas  
Jazem do GRANDE FUNDADOR? A duradoura  
E terrivel lembrança! ai fatal sorte  
Desditoso Brazil! hum só dos ossos  
Não tens em tí de quem a tí fez grande:  
Não os do pai, não os do filho: os guardas  
Em seu seio outra terra; essa que tanto  
Vivos t'os invejou; essa que nelles  
Da liberdade e da grandeza tua

Disputava o palladio, e que sómente  
Mais te não perseguio porque os augustos  
Seus peitos paternaes entre as fraternas  
Espadas se puzerão, e co' as vozes  
Do amor, da humanidade, ambos gritarão:  
Pazes, pazes irmãos; eis os pais vossos;  
Abraçai-vos, ah sim, como amorosos  
Neste dia de paz nos abraçamos.  
E a paz foi feita, e não correu mais sangue:  
E o Brasileiro, e o Portuguez se amirão  
Como irmãos: cada hum teve seu throno:  
Ambos forão nações, ambos felizes.  
Mas toda a Portugal fica o legado  
Das cinzas desses reis, que também forão  
Teus monarchas, teus pais ó Brasileiro  
Heroico povo, ao qual pôde hum momento  
Illudir da maldade a seductora  
E mentirosa voz, mas cujo senso,  
Cuja alma generosa, amante, e pia  
Jâmais poderão ser anniquillados  
Pela astucia e furor do rei das trevas.  
E hum só não pedirás desses illustres,  
E preciosos ossos, que no teu  
Seio acolhas com grato animo, e ao menos  
Cada anno neste dia honres com pranto  
Desgraçado do povo em que perece  
Da gratidão o affecto, em que das urnas  
Esfria o culto, e dos avós, dos grandes  
Bemfeitores da patria as cinzas morrem,  
Que com elle viver sempre deveram.  
Desgraçada a nação, que monumentos  
Não tem, não os erige, ou que os despreza.

Sem elles não ha patria, ou não tem vida,  
E com elles a patria eterna vive.

O Brazilio Monarcha em vão a urna  
Procura do seu pai no patrio solo.

Elle saudoso, como quem ão céu

Sóbe a buscar o que não ha na terra,

Vai no dia fatal (11) de hum elevado

Morro no templo suffragar sua alma,

Que virtude maior de qualquer culpa

Já talvez collocou junto de Deos

Aonde seus avós estão sentados

De louros immortaes cingida a fronte,

Ufanos huns de haver a independencia

Restituído a hum povo, outros de haver-lhe

Da justiça e saber aberto o templo.

Do santo altar de Deos ao pé prostrado

Repete o Augusto em seus crescidos annos

Esse grito de dôr, que da orphandade

Lhe arrancava na infancia o sentimento,

E que ao papel, no estudo, confiava

Em lagrimas banhada a sua penna: (12)

« Ah meu querido pai, elle chorando

« E soluçando exclama, e alli com elle

« As Augustas Irmãs, eu para sempre

« Te perdi duas vezes, e a mim dado

« Não foi o conhecer o que perdia

« Quando a mim e ao Brazil abandonavas

« Para dar-nos a paz, e conservar-nos

« Com alto sacrificio o Imperio e o Throno:

« E dado me não foi em os meus braços

« Acolher o teu ultimo suspiro,

« Quando a morte cruel a mim e aos Lusos;

« E ao mundo de teus feitos assombrado  
« Roubava-te implacavel; e hum sepulchro  
« Abria antes do tempo a quem por vezes  
« Da liberdade abriu o templo, e duas,  
« Para o sangue poupar, para ser grande,  
« Corôas abdicára, de dous filhos  
« Dous reis fazendo, e de hum dous grandes povos.  
« Acolha no seu seio o Ente eterno  
« A sublime tua alma; e se benigno  
« Já da presença sua abre-te o gozo,  
« Pede-lhe tu que sobre mim, que sobre  
« Este povo, que eu amo, e que o merece,  
« Volva olhos de clemencia e piedade  
« E da paz nos conceda o doce reino  
« Livre de dissensões, guerras, e sangue.  
Ah consola-te, ó PEDRO: as tuas preces  
E as do Brazil inteiro o céu escuta:  
Já melhores nos dá serenos dias  
E a paz florece neste, que a dextra  
Do Eterno abençoou, Eden segundo,  
Onde do seu favor mil cada dia  
Altas provas nos dá a fertil terra.  
O vigente commercio, a de seus filhos  
Ilustração crescente: elles tem brandão  
O genio, e o coração, e viva a mente,  
E amar sabem as leis e ao seu Monarcha,  
E felizes serão com taes virtudes.  
Mas triste inda eu te vejo!.. é lagrimando  
Procuras outro templo: ah terno, e grato  
Amantissimo filho, inda te resta  
Razão de novo inexgotavel pranto  
Ai dolorosa vista! ai qual sepulchro

Ahi descansa em paz a Mulher santa, (13) os  
Que do teu pai ao thalamo fecundo  
Estranha veio do Brazil ás praias,  
Mas não estranha ao brazileiro affecto,  
Que unanima a chorou, que ainda a choram!  
Oh se visses que dôr, que ardeptes votos  
Exhalavão do povo os assustados  
Peitos por toda a parte nos escuros  
Da preciosa vida ultimos dias,  
Quando já de ninguem, della sómente  
Cada hum aos amigos perguntava,  
E luctavão de balde os impotentes  
Da arte salutar zelosos braços!  
Se visses essas continuadas ancias,  
Esse morrer de dôr a cada instante  
Co'a idéa de perder o caro objecto  
Do mais sublime amor! ai! se tu visses  
O pranto universal de huma cidade  
Mergulhada no luto, e compungida  
Da mais terna piedade! ah! tu dirias,  
Que bello he o coração dos Fluminenses,  
E que o de tua Mãi era divino.  
Sim celeste era em tudo o seu espirito,  
E o seu peito, que manso e virtuoso  
Só clemencia e bondade respirava,  
E ensinava a soffrer com doce exemplo  
Tua mãi era, ó PEDRO, essa que tanto  
Affecto mereceu, lagrimas tantas  
Ao teu povo fiel, que das virtudes  
Apreciar sabe o valor, e o brilho  
E que como em seu lar no throno as honra.  
Vil lisonja de lingua adúladora

Estas vozes não são ; pergunta, ó Filho,  
De tão digna Princeza ás testemunhas  
Desse amor, desse pranto : ainda muitas  
Vivem ; ainda a historia em suas folhas  
Repete as vozes, que dos tristes peitos  
Exhalava o clamor desconsolado  
De quem cousa perdia excelsa e cara,  
Ainda esse sepulchro o lastimoso  
Caso reconta a quem das sacras urnas  
A linguagem entende. Ah chega ó PEDRO,  
Chega a elle a tua alma, os teus sentidos,  
Pergunta, ah sim, pergunta aos santos manes  
Dessa, que te gerou, que nove mezes  
No seu seio te trouxe, e que as primeiras  
Virtudes te ensinou, como do povo  
Ganhava os corações, como qual anjo  
De todos sempre apparecia aos olhos.  
Pedro, tu choras, e contigo chorão  
Tuas ternas Irmãas ; desfeito pranto  
Rompe do peito entre soluços : basta  
Surge ; já ouviste do sublime espirito  
A ternissima voz ; já na sombria  
Religiosa aura, que o cerca, todavia  
Inhalaste a doçura, o sentimento  
Que animava os agora inertes ossos :  
Della aprendeste a ser humano e brando,  
E a lagrimar sobre os humanos males,  
A socorrer piedoso os infelizes,  
A perdoar clemente, a do teu povo  
Seres pai extremo, a ser rei justo,  
Ditoso, tu, que na cruel desgraça  
De misera orphandade ainda podes

De hum de teus pais, com amorosos braços,  
Serrar a cara urna, e suas cinzas;  
Regar com o teu pranto, interroga-las,  
Com ellas conversar, e todo abrir-lhes;  
O terno coração, a alma nobre!  
A quantos nega o céo esta suave  
Consolação, que o animo recrea  
No meio da afflicção e da saudade!  
Oh quão triste e cruel he a fatal sorte  
De quem pais não conhece, e, repellido  
Do seio maternal, foi n'huma roda  
Lançado sem piedade, e que, da morte  
Escapando á gram ceifa, hum dia chega  
No seio a entrar da sociedade humana!  
Da multidão no meio elle se acha  
Solitario, e debalde perguntando  
Anda aos vivos, e aos mortos onde durma  
O corpo de seus pais: muda dos homens,  
He para elle a voz, muda a das urnas;  
E o cemiterio os infinitos ossos  
Mostra-lhe indifferente, e: aqui, lhe grita,  
Procura, e escolhe a quem tributes pranto.  
A quem elle o dará? confuso e triste,  
Retira-se chorando amargamente,  
Não o dos paes, mas o seu proprio fado.  
Não menos infeliz he aquelle filho,  
Que seus pais conheceu, que grato, e justo  
Ternamente os amou, e que na ausencia  
Em remoto paiz ambos perdeu.  
Ai! triste minha sorte! Em vão procuro  
O tumulo d'aquelles, que me derão  
A existencia, que ternos me criarão (13.a)

ieb

ieb



À virtude ao saber, com mil cuidados,  
Com bons conselhos, com melhor exemplo,  
Em vão dos meus irmãos, de outros queridos,  
Parentes, que me deu a patria amada,  
Com a delles procuro, entre milhares,  
Que accumula este dia em sacros claustros,  
Com luxo piedoso, as caras urnas,  
Separados de mim pelo Oceano.

Aridos sempre clamão os seus ossos,  
Pelo pranto do filho; e deste o pranto  
Cae sobre hum solo estranho, humedecendo  
Ossos de amigos, de innocentes filhos,  
Quaes flores ao nascer por mão impia  
Arrancadas á planta, que pomposamente  
De tão bello ornamento os alentava.

Oh céos! he ahí nesse pequeno espaço,  
Que moras encerrada, ó minha cara,  
Minha bella Paulina, (14) anjo do céo,  
Que o céo a si chamou, quando as primeiras  
Graças no teu semblante, como raios  
Do matutino albor em limpo céo,  
Brilhavão já, e no risonho labio  
As primeiras soavão deleitosas  
Tuas vozes, que pai me nomeavão  
Oh! quanto eras bonita e amavel sempre  
Aos olhos de tens pais! quanto era bello  
Teu sorriso infantil! Quão doces erão  
Os teus castos beijinhos, os abraços  
Com que serravas de teu pai o colo,  
E prendias minha alma! Oh! quantas vezes  
Me encheste de prazer! quantas de susto  
Pelos teus tenros dolorosos dias,



Que á final, ai, cörtou invido ferro  
Da cruel morte ! E bem não foi contente  
A tiranna do mundo : outro querido  
Desejado penhor, desapiedada,  
Ao nascer me roubou. Ahí descança  
Quem me não conheceu, quem os seus olhos  
Abriu apenas e os fechou p'ra sempre ! (15)

Feliz quem nunca de seus filhos vió  
Arder o funeral, e nunca a terra  
Comer-lhe em hum sepulchro a carne sua,  
E voraz disputar-lhe os secos ossos.  
Ai ! quaes lagrimas ! ai ! queridos filhos,  
Já não sou eu o unico que chora :

Vossa mãi com o meu une o seu pranto,  
Amados filhos, e chorados sempre  
De candidos jasmíns, de castas rosas  
Huma nuvem vos cubra, e felicite  
Vosso placido somno : ainda hum dia  
Nos veremos ; ainda eu de abraçar-vos  
O prazer doce esperançoso aguardo.

Santa religião, só tu consolas  
A minha dôr, e enxugas o meu pranto,  
Só por ti estes tumulos me fallão  
Á alma, ao coração : elles contigo  
Me dizem, que eu verei ainda aquelles  
A quem tanto estimei, filhos, parentes,  
Amigos, cara gente, que fazia  
Doce o da vida amargurado curso,  
E que na terra huma ligeira idéa  
Me dava d'esse amor puro e divino  
Com que se ama no céu ; dessa delicia  
Que se goza em amar e em ser amado.

ieb

ieb



Pelo summo dos bens, em cujo seio,  
N'hum incessante amor, feliz e grata  
Toda se funde do creado a mole.

Sacras urnas, fallai-me, aos olhos meus

Abri o vosso seio; os caros restos

Mostrai-me desses que do sangue os laços,

As civicas virtudes, as dos lares,

O talento e o saber neste meu peito,

Do brasileiro solo hospede grato,

Com o mais doce dos buris gravarao.

Surdas ao meu pedido as mudas campas

Immotas pesão sobre as mestas casas,

Que os meus caros encerrão: não as toca

Meu pranto não, mas penetra-las podem

Do vivo amor, e da saudade os olhos.

Sim, meus caros, vos vejo: eu vos contemplo

Em toda a luz desse divino aspecto,

Que vos dava a virtude, e que dizia

Ao coração: amai-me; eu o mereço.

Pai da minha querida e casta esposa, (16)

Outro pai para mim tu tambem eras:

E o teu affecto só roubou-m'o a morte.

Ah! não, não m'o roubou; inda no céo

Tu me amas, e comigo amas a filha.

Tu nos vês, e comnosco as tres filhinhas (17)

Com angelico rosto andar brincando,

E perguntar á mãe, com innocente

Bella simplicidade, aonde moras;

Se eras como seu pai; se lhe trazias

Brinquedos como eu trago: ella hum suspiro

Solta; nos olhos lhe desponta o pranto;

Mudas olhão as filhas; no meu rosto



ieb

eb

Brilha hum triste prazer; tu as bênçãos  
Tua Mana (18) também que ao nosso affecto  
Associava o seu, e que no enfermo  
Corpo inda forte conservou por longa  
Serie d'annos o espirito, e nas tollidas  
Mui habeis mãos das artes e da industria  
O genio productor de obras mui bellas;  
E de teu mano a sempre lastimada  
Com todos amorosa, a todos caralosa  
Ingenua companheira, (19) que co'as doces  
Maneiras bellas captivar sabia  
A estima, as affeições; juntas cõtigo  
Se alegrão de nos ver, pois nos amava  
Ah, se ainda hum prazer vindo da terra  
Tocar pôde no céu almas felizes,  
C'o perfume do incenso, e c'o das flores  
A vós nossa saudade, e o nosso pranto  
De hum zephiró benigno ás azas levem  
Digão-vos elles como os nossos olhos  
Já não largão o pranto, acostumados  
A nunca descançar do triste lucto, (20)  
Que a cada instante a contristar-nos surge  
Do ataude do amigo e do parente,  
E ora nos faz chorar hum jovem primo (21)  
Na flor dos annos do talento aos louros  
Já proximos roubado, ora a innocentes  
Filhos, com duro e deploravel golpe,  
Arrancada huma prima, (22) ora hum crescentó  
Pimpolho da familia; (23) e até de longe  
Gemer nos faz c'o paulistano povo  
Pela sorte do sabio, e valeroso,  
Que no fundo de hum rio (24) a illustre vida

ieb

ieb



Findou horrivelmente. O fado adverso  
Porque persegues tanto huma familia,  
Que inimiga não he nem da virtude,  
Nem da pátria e que amor liga na terra  
Como liga no céo anjos com anjos?

Que? tu choras tambem, Felix? tu choras!  
Tocao-te minhas lagrimas?... Ai triste  
Lembrança! O rio... essa terrivel morte!  
Entendo, entendo: hum teu querido mano  
Assim tambem, oh lamentavel fado!  
No Guaporé profundo (25) o mais brilhante  
Talento sepultou; que ás bellas-artes  
E ás musas promettia immensa gloria,  
Inda n'alma me sôa o doloroso  
Canto da lyra, que alta dôr tangia  
C'os dedos de Theodoro. (26) Elle a linguagem  
Patria fallou quando a rapace, e horrenda  
Mão da Parca invadia-lhe os caros lares;  
Pois sempre vive ahi da patria o esp'rito  
E forte grita a quem o offende: eu vivo,  
E posso.... mas que vale o generoso  
Zelo da patria contra a dura morte?  
Elle chorou, e foi francez seu pranto;

Mas o pranto francez, e o brasileiro  
Correu por igual caso ha poucos annos.  
Eis huma urna com modestas letras,  
GESTAS, (27) nos diz; só este nome oh quantas  
Virtudes não nos lembra, e quão horrivel  
Deplorada desgraça! Ambos dessa alma  
Toda doçura, humanidade, e rara,  
Angelica virtude a inenarravel  
Belleza apreciar nos consentio

Longa amizade. Elle ao Brazil amava  
 Quanto ao paiz em que nascera, e todo  
 De zelo ardia em promover das artes  
 Nelle o progresso. Mui maligna estrella  
 Raiou no céo, e tempestade horrivel  
 No mar, nos ares suscitou, como essas,  
 Que com sopro infernal, lá nos desertos  
 Da malfadada Arabia, os movediços  
 Montes de aréas abrazadas volve  
 Em furibundos turbilhões, que o céo  
 Confundem com a terra, e transportando  
 Desta a congerie, em sempiterna tumba  
 Sepultão de homens mil as caravanas,  
 E mudão do paiz a face e a sorte.  
 Já começava no oriente a noite  
 A estender sobre o mundo o escuro manto,  
 E em pequena canoa o mar fendia  
 O virtuoso Conde. Elle voltava  
 Do leito de hum mesquinho a quem levara  
 Soccorros contra o mal, contra a miseria;  
 E as doces, inda mais a quem padece,  
 Consolações de hum coração amigo.  
 Com hum remo na mão hum velho escravo  
 Guiava o leve barco, e hum pequenino  
 Crioulo, a quem como bom pai tratava,  
 Seu amo acompanhara. Eis de repente  
 Turvão-se o céo e o mar: a impetuosa  
 Refega do tufão a debil quilha  
 Com tal força inclinar faz sobre as ondas  
 Que o pequeno em o mar tomba e se some  
 Cresce o perigo; e a quasi sosobrada  
 Canôa, cá e lá por espumosas



Vagas lançada, e a submergir-se prestes,  
 He preciso fugir, diz a quem rema:  
 Mas o não soffre o caridoso Condé,  
 E a mão quer extender ao innocente,  
 Que ao mar cahira: elle parar do remo  
 Os golpes manda, e todo se debruça  
 Com ancia affectuosa sobre a borda  
 Da ligeira canôa: o peso, e a vaga  
 A fazem entornar, e os embarcados  
 No mar despeja a revirada quilha.  
 Do velho remador mais se não ouve,  
 Nem voz nem bulha. De nadar perito  
 Emerge o Condé, e com os braços luctans  
 Contra as vagas, que rotas, e bramindo  
 Com espumante furia, a cada erguer-se  
 Da boiante cabeça hum monte d'agua  
 Arroja-lhe por cima. Elle coberto  
 De hum undoso lençol desaparece:  
 Depois a boiar torna, e já cansado  
 Pelo muito luctar, o remo avista  
 Entre a espuma fremente andar boiando.  
 Reanimado então a mão-lhe deita,  
 E d'elle faz deseão, e com a outra  
 Os esforços redobra, e da visinha  
 Ilha em que, no seu lar, huma luz brilha,  
 Rompendo com o peito as grossas vagas,  
 À praia se dirige: mas da praia  
 A corrente veloz mais longe o arrasta,  
 E lá o impelle onde horroroso flanco  
 De escolhos se apresenta, onde estrondoso  
 Bulha, como trovão, que ao longe ronca  
 Do confrangido mar narra o despeito.

Então dos olhos a esperança foge, e a luz que  
 Ao nadante infeliz, e a luz que  
 No conhecido lar languido olhando  
 Ah minha esposa! ah meu querido filho!  
 Exclama, nunca mais nós nos veremos  
 Eu vou morrer! misericórdia ó Deos!  
 Misericórdia! Huma pancada horrenda  
 Ouve-se no tufão ao pé da rocha  
 E nada mais se ouviu senão das ondas  
 Tumulto, e sibilar de tempestades.  
 Na seguinte manhaa ao lacerado  
 Cadaver n'huma praia entre os rochedos,  
 Inda afferrado ao remo que apertára  
 Colheu a mão piedosa dos escravos  
 Com lagrimas de amor: Chorou a esposa  
 Com o innocente filho, e consternada  
 Com elles lagrimou toda a cidade.  
 Tal foi do forte e bravo ARARIGBOIA  
 Também o triste fim nas fundas águas  
 Dessa ilha, que seu nome a ellas deve.  
 O mar tragou o valor, que das batalhas  
 Resistira á tormenta, e do Brasilio  
 Solo expulsára o usurpador estrangeiro.  
 Ah Felix, se tal he dos virtuosos  
 A sorte neste mundo, eu estremeço  
 Mas que digo?... Peor não foi a morte  
 Do filho alto de Deos sobre o Calvário?  
 E a de tantos, que martyres cahirão  
 Sob a raiva e o furor de mil tyrannos?  
 E o céo não defendeu sua virtude?  
 E deixou que cahisse em holocausto  
 Nas aras da desgraça ou da maldade!



O decretos de Deos, quem perscrutar-vos  
Póde na excelsa, occulta origem vossa?  
D'elythropia, de croco, e de jacynthos  
Adornemos est'urna, e nossas préces  
C'os amigos da industria (29) ao céo erguendo,  
A' virtude infeliz digamos: *vale*  
Feliz sejas no céo, se aqui não foste  
Estes affoga n'agua hum fado adverso,  
Outros no fogo abraza, ou nas ruinas  
Sepulta horrivel sorte. O generoso,  
E sabio PEREGRINO, (30) infeliz moço  
A quem o amar ao pai custou a vida!  
Tu desse caro pai o amor e a doce  
Esperança maior eras na bella  
Flor dos annos, qual planta, que viçosa  
Já de lindos botões cheios os ramos  
No seio estende das vivaces auras,  
Cujos halito lhe affaga, e lambe a comata  
Frondente, esperançosa. Altos talentos  
Apurados no estudo e no trabalho,  
Coração excellente, e todo acceso  
De nobre ardor de fama, e de amor santo  
Pelo bello paiz, que a luz te dá;  
Tudo em ti promettia ao pobre velho  
E ao crescente Brazil jubilo e gloriante  
E toda essa esperança he do sepulchro  
Tragada pela fauce! Hum fim terrivel  
Rouba-te a tanto amor a tanta gloria;  
E o mesmo fogo, que o vivaz teu genio  
Patentear devia, e temperado  
Com arte, e com saber, em leda noite  
Nos ares derramar mil maravilhas.



Festejando de PEDRO a santa e roa,  
 Da sepultura a ti abre a caverna,  
 E jazes esmagado entre os fumantes  
 Combros de pedras, que as sulphureas chaminas  
 Com horrenda explosão ao solo arrojão  
 Sobre ti, que amoroso o par salváras.  
 O' lamentavel moço, abra-te o céu  
 As portas de adamant, e com eternas  
 Violas e jasmims, e eternos louros  
 Dos anjos te coroe o diva bando,  
 E as virgens, que de Deos lá são esposas,  
 Te levem pela mão d'elle á presença.  
 Nós oramos por ti, e de caduceas  
 Flores ornamos hoje o teu sepulchro,  
 Que eterna incensará nesta lembrança.  
 E vós, que sepultou de igual desgraça  
 O tremendo successo, e que á familia  
 Deixastes com o lucto atroz miséria,  
 Consolai-vos do pai com a virtude,  
 Que da beneficencia em vossos filhos  
 Todo o effeito reflecte, e generoso:  
 « Eu tenho, diz, com que os amargos dias,  
 Que me restão, em magoa e pranto arraste;  
 Ah! de quem precisa erguem-se os gritos:  
 Tudo delles pois seja, e a dor lhes mingue. »  
 O' desditoso pai, digno bem d'outro  
 Destino! se meu canto o teu desgosto  
 Lenir pôde co'a voz das santas Musas,  
 As lagrimas abranda, e nestes versos  
 Vê da immortalidade o sacro louro.  
 E tu que tambem d'outro unico filho (31)  
 Cheio d'alto talento, e já de Themis, (32)



E de Smith, e de Say (33) douto na sciencia,  
Na cadente velhice, apoz de muitos  
Cuidados e trabalhos, n'huma cova  
Acabar viste a esperançosa vida ;  
Consola-te nas lagrimas com estes  
Poucos versos, que eu, pai que tambem chora  
Por filhos que perdeu, as cinzas honro  
Desse teu sabio filho, a muitos caro,  
E da vida na flor mestre entre os mestres.  
Ah, FELIX, eu de hum pai muito respeitou  
A dôr, que geme por perdida prole,  
Depois que tambem eu dentro de hum túmulo  
Os ossos tenho de queridos filhos ;  
Quando o vejo chorar com elle choro  
JULIO (34) encontra-me hum dia, e lagrimando :  
« Perdi, mêm diz, o meu pequeno filho,  
O meu caro INNOCENCIO, esse que os vossos  
Cuidados outra vez já me salváráo ;  
E mais não o verei : jazem seus ossos  
Humedecidos de paterno pranto,  
E daquelle da mai e de meus manos ;  
Mas das Musas o pranto os não conforta.  
Vós cuja lyra ás sepulturas sacra  
O terno som da piedade ergueo,  
Nestes da minha patria amenos valles,  
Ah da innocente victima da morte  
Tende dôr e de mim, e dos que choráo  
Comigo, e sempre : ah consolai-nos todos :  
Hum nenia ao meu caro, ao meu perdido  
Filho, entoaí sobre as sonoras cordas,  
Sua doce harmonia em nossos peitos  
Derramará de hum balsamo divino

A lymphá salutar, que a chaga sané. »  
 Assim dizendo e'os convulsos braços  
 Apertava-me o corpo, e nos seus olhos,  
 Das gotejantes lagrimas no meio,  
 De amor brilhava enternecido hum raio.  
 Eu suspirei, e renovar-se toda  
 Senti no peito essa afflicção, que, como  
 Pesada mão de ferro, ahi pousou-se  
 No segundo de Abril horrivel dia, (35)  
 Quando a minha Paulina.... Ah! não voltemos  
 Á lembrança cruel. Chorei com elle  
 E das Musas pedi ao santo coro  
 Que me ajudasse a mitigar do triste,  
 E desolado pai o sentimento.  
 Era *Innocencio* mui vivaz, e esbelto,  
 Qual passarinho, que de ramo em ramo  
 Salta sem descançar, sempre das flores  
 Debicando o primor, ou das maduras  
 Fructas a poípa succulenta, e brinca  
 Com as folhas cá e lá, e canta, e dança,  
 E d'huma arvore em outra alegre vòa.  
 Já dos annos cumpria o oitavo curso,  
 E dos amantes pais era a delicia,  
 Quando a mão lhe chegou a fera Parca;  
 E como flor, que do camponio a fouce  
 A terra com hum golpe, e de repente  
 Da tempestade austral a chuva a molhá,  
 Tal da familia elle cahio banhado,  
 Pelo pranto, que a dôr, como procella,  
 Nas almas suscitou. O frio corpo  
 A mãi nos braços apertando: « O filho,  
 Dizia, meu caro filho, a que servirão



Tantas dôres, emfim, tantos cuidados,  
Que a tua me custou cara existencia?  
Eu te perco e contigo a minha doce,  
E mais bella esperanza. » — Oh desgraçada!  
Exclamava da avó a voz afflicta,  
Não basta que hum esposo (36) amado, e sempre  
Chorado me roubasse ha pouco tempo  
A inimiga cruel da humana vida?  
Inda mais, inda mais dores e pranto! —  
E o pai clamava: « Oh meu querido filho  
Qu'eu do caro meu pai criava á gloria!  
Tu que da perda de tao cara vida  
Consolavas meu peito, e me dizias:  
Eu como elle serei, humano e habil  
Nessa arte salutar, que ao homem vale,  
Contra os males crueis, que ao leito o prendem,  
Tu morreste, e de dôr contigo eu morro: »  
Eis, ó FELIX, a urna, que do esbelto,  
Lagrimado menino os restos serra.  
Eis as flores, que ahi dos pais saudosos  
A mão triste espalhou entre soluços.  
Mas ai! d'outra innocente eu vejo a urna, (37)  
Que d'outros pais vem recordar-me o pranto,  
E que a mim de afflicção o peito corta,  
Porque com elles estimei, com elles  
Chorei o que perdêrão tão querido  
Unico fructo de seu terno affecto;  
Que tres lustros em vão muito almejárã  
A mãe affectuosa, e que seus longos  
Suspiros acalmar grato viera,  
Como em arido campo as frescas gotas  
Da fecundante chuva; e no materno

Peito já com angelico semblante,  
 De incognito, até então, suave affecto  
 Viva ateára inexprimivel chamma.  
 Sim eras, **MARIQUINHA**, anjo celeste  
 Do rosto nas feições; eras mui viva,  
 Alegre, carinhosa, e graças tinhas  
 Infantis como nunca em outra eu vira  
 Em idade tão tenra. Oh como cara  
 Eras a todos! como o pai ao ver-te  
 Se enchia de prazer! como extremosa  
 A mãe de ti cuidava, e nos seus braços  
 Te apertava contente, e mil nas faces,  
 E na fronte, e nas maos, no tenro seio  
 Amorosa estampava ardentes beijos,  
 Quasi o caro penhor em si quizesse  
 Todó metter, toda aspirar sua alma  
 E já crescia a idolatrada vida,  
 Cultivada com mimo e mil vigílias;  
 Já de pai e de mai soar se ouvião  
 As syllabas primeiras, quando a morte,  
 (Ai dura morte!) qual botão de rosa  
 A cortou sem piedade, e solitario  
 Deixou os tristes paes, deserto o berço;  
 E o jubilo mudou em dôr e em pranto.  
 O' desditosa mãe, que mãe tão tarde  
 Foste para chorar de hum filho a morte,  
 E conhecer de mãe o prazer doce  
 Sem podê-lo gozar, tendo sómente  
 N'alma e no coração, nunca nos braços  
 Do maternal amor o caro objecto  
 Ah! Deos do pranto teu se compadeça,  
 E com outro penhor cedo o console.



Eu de flores aqui terno punhado

Saudoso espalharei, e compungido

Pela dôr, que te afflige, atormentando

Quem he da minha esposa, e de mim mesmo

Terna mãi, que a não deu a natureza,

Mas só tua virtude, e nossa sorte.

Ai! outros como tu chorão seus filhos.

FELIX, não vês hum pai, que ahi suspira

Dous tumulos olhando, ambos chegados,

( Oh céos! ) ac em que jaz a minha filha?

Meu caro companheiro elle dous anjos

Perdeu como eu perdi; tres catacumbas

Eis na mesma fileira ahi conjunctas

Os filhos encerrar de dous amigos. (38)

Mas oh! infeliz amigo! outros sepulchros

Reclamão o seu pranto. Eis nessa urna

De seu pai, meu collega, eu leio o nome;

E em outra catacumba o nome eu leio

Da esposa, que elle amava; ambos chorados

Por quem os conhecem, e das caseiras

Virtudes n'huma venerava o brilho,

Em outro, co'a honradez, a habilidade

Na medica tarefa. Eu de saudosas

Flores, que minha mão colheu no monte,

JERONYMO, e PULCHERIA hum duplo ramo

Aqui vos deixarei: elle vos mostre

Que não morre em olvido a minha estima.

Chora, JOÃO, esse teu pranto he justo,

E bello he ver reconhecente filho

Em lagrimas banhar paternos ossos,

E de huma esposa as adoradas cinzas

Hum esposo inundar com largo pranto.

Assim eu vi dous talentosos moços (39)  
 Chorarem de seus pais a dura perda ;  
 E mais os estimei por esse bello  
 De optimo coração seguro indicio.  
 Assim chorar eu vi outro illustrado  
 Collega a quem da Parca o cruel ferro  
 Já duas arrancou ternas esposas ; (40)  
 E ás vezes lagrimar o vi contando  
 Que com ellas sonhára. Compungido :  
 Amigo, eu lhe dizia, ah te console  
 Essa doce visão, que piedoso  
 Sonho te trouxe. Ella te vem do céo,  
 Que de ti se condõe, e que te mostra  
 Que inda além do sepulchro os mortos vivem.  
 Mas de quem he esse marmoreo vaso (44)  
 Cercado de floríferas ramagens,  
 Que, como a esphera do terraqueo globo,  
 Meio na luz está, meio nas trevas,  
 E da negra parede ao ar sabindo,  
 Como baixó relevo, esconde e mostra  
 Seu funebre volume, e quasi teme  
 Todo mostrar seu luctuoso aspecto  
 A quem tem de o banhar com o seu pranto ?  
 Nome não traz, e de quem passa aos olhos  
 Falla só de constancia, de saudade,  
 E de amor : sim de amor a mão conheço  
 Nessas flores, que o cercao ; nesses versos,  
 Que a chorar nos convidao sobre as cinzas  
 De eximia mãe, de eximia esposa, e filhos.  
 Amor mui terno, e dôr muito profunda  
 Esta tumba enfeitou : com as saudades,  
 Com o perfeito-amor, co'a sempre-viva.



Com a cruz, que, no cimo, he das angustias,  
E da religião symbolo sacro,  
Tudo nos disse quanto no seu peito  
Tinha, mas para si guardou sómente  
De quem elle adorava o caro nome.  
Ah! sim, só pranto elle nos pede; e pranto  
Derramemos aqui como o vertemos  
D'Elisa sobre o tumulo, sem nunca  
Ter visto essa infeliz, que o consternado  
HYPPOLITO chorava. Ah! quem eu vejo  
Ahi perto chorar? he outro amigo.  
Ouve-o contar, a lastimavel perda  
Ao amigo, que em lagrimas desfeito  
Nos seus braços o serra: Ah tu vieste,  
Lhe diz: chorar o amigo: eu humá esposa  
Querida e quatro pequeninos filhos.  
Quatro vezes, sim dentro do meu peito  
Mettera a cruel morte a mão gelada,  
Mas não se saciou emquanto vivo  
Que eu tinha a quem amar, e quem me amasse:  
E MARILIA roubou, que aqui no centro  
Do coração eu tinha, e nessa tumba  
Do meu amor quiz escondê-la aos olhos.  
Mas de MARILIA, e dos queridos filhos  
A imagem aqui fica; essa não pôde  
Arranca-la da morte a mão impia.  
Ah! FELIX, olha; de outra tumba ao lado  
Prantea humá innocente: (42) ella inda hum lustro  
Não mostra pelo aspecto: e quem o objecto  
Será desse seu pranto? Ella nomêa  
Sua mãi!... — Tua mãi, bella pequena,  
He pois quem ahi jaz? e tu já sentes



A perda de huma mãe? quantos, oh quantos!  
 Crescidos já!... mas, dize, conheceste  
 Essa mãe que tu choras? do seu peito  
 Chupaste o leite, que teus tenros annos  
 No berço alimentou?—Só minha mãezinha  
 Teve essa sorte: mamãezinha enferma,  
 Tempo só teve para dar-me a vida:  
 Só beijou-me, e expirou: mas eu n'hum quadro  
 Vi seu semblante: he mesmo como o meu!  
 E eu tenho o seu nome: aqui 'stá elle!  
 Lêde, eu me afasto, lêde.—Oh céos que!  
 Ah deixa, ó FELIX, que eu tambem acate  
 C'o respeito de hum filho este sepulchro,  
 Já no leito da dôr tolhido eu hia  
 Do proximo hymeneo, ha nove annos,  
 Com cipreste feral trocar as flores;  
 E dessa, que ahi jaz, o caridoso  
 Providente cuidado, a tudo attento,  
 Sempre consolador, sempre benigno  
 Valeu-me, e me salvou. Eu, grato, o nome  
 De mãe-lhe dei, e mãe ella foi sempre,  
 Com o amor, c'os conselhos, com o exemplo,  
 Antes que a natureza a mim fallasse  
 Dos filhos com a angelica presença,  
 Eu já della aprendêra a amar os filhos  
 Com ternissimo affecto, a fazer delles  
 Meu primeiro prazer, minha ventura.  
 E no amor, que ella tinha ao caro esposo,  
 As delicias previ, que de huma esposa  
 Derrama em hum marido o vivo affecto;  
 E aborreceu-me a solitaria vida,  
 E busquei quem me amasse como amava



Ella ao consorte: e mais afeiçãoado  
 Lhe fiquei quando vi que o pensamento  
 Ella me penetrára, e de hum'ebeste  
 Prazer lhe fulgurou no rosto o lêmê,  
 Quando vio que eu buscára outra que fosse  
 Para mim o que ell'era ao seu esposo,  
 Nem era eu só que, além do esposo, amasse  
 Tão candida virtude: ella querida  
 Era de todos: terna, mui prendada,  
 Affavel, caridosa, ah quem podia  
 Não estimar ALBINA! (43) Oh cruel morte,  
 Que c'hum golpe enluctaste a tanta gente!  
 Pensas ter triumphado? em vão o pensas.  
 Inda dura, e perenne inda a memoria  
 Della nos ficará em quanto a vida  
 Sabes tu como ainda o fido esposo  
 A chora a cada instante? Eu muitas vezes  
 Correr lhe vejo do prazer no meio  
 Lagrimas ternas, e lembrar-se dellas  
 Quando c'os filhos brinca, e quando brilha  
 Mais festivo o banquete entre os amigos,  
 Quando a musica, e a dança os seus encantos  
 Derramão n'alma. Com divinos modos  
 De joven bella os torneados braços  
 Tangião docemente hum'arpa aurada,  
 E casava outra nympha ao som mavioso  
 De lugubre modinha a terna letra  
 Mal começára o lamentoso canto  
 E dos olhos as lagrimas corrião,  
 E hum soluço do peito arrebrandando  
 ALBINA, oh minha ALBINA! ahi gritava  
 E fugio desolado, e sobre o leito

Foi rapido cahir quasi sem vida,  
ALBINA, repetindo, oh minha ALBINA!  
E chorava, e tambem chorei com elle. (44)

Dá-me, ó FELIX, de rosas e saudades;  
E de perfeito-amor mil e mil folhas  
Para as fazer chover sobre essa urna,  
Como da cara mão, que ahi descança;  
Sobre mim, sobre a minha amada esposa  
Huma nuvem choveu dellas no dia  
Em que, do templo em santo laço unidos  
Tornando, como mãi nos recebeu (44 a)

E : amai-vos, nos dizia, e Deos vos benza  
Nós nos amamos, sim, mas não quiz Deos  
Que por mais longo tempo nos amasses;  
E para si chamou-te ó minha terna,  
Minha segunda-mãi! Ah! se do meu  
Affecto, e do meu pranto inda te toca  
O sincero tributo, aceita nelle  
Toda a minha alma; e a Deos pede que, quando  
Me tire deste mundo, e me não separe  
Da mãi, que me gerou, dado o sentar-me  
Ao lado como anhele, hum me conceda  
Assento junto áquelle em que te acolhe  
Sua excelsa bondade; e perto d'elle  
Haja outro tambem para o teu caro  
Consorte, meu amigo; e nunca, nunca  
Nos separemos mais na eternidade.

Mas o esposo não só, não só aos filhos  
E a mim teu terno coração amava:  
Qual virtuoso havia a quem teu peito  
Com sublime affeição se não abrisse?  
O' ALVARES, (45) ó nome venerando

ieb

ieb



Ondequer que prezada e san ta seja  
A candura, e a benefica virtude,  
Tu nesse coração sempre o mais alto  
Lugar tiveste; e verdadeira filha  
Ella sempre te foi c'o vivo affecto,  
Com o summo respeito, e tudo quanto  
Huma filha de hum pai prende á pessoa.  
Mas quanto tu a choraste! e com o esposo  
Quanto muita a chorou gente saudosa!  
Mas tu mesmo, ai! depois da irada Parca  
Ao golpe succumbiste: oh dia infausto  
Para quem te estimava, e para o pobre  
De quem eras o pai, a quem valias  
Nos males com tua arte, e na miseria  
Com a beneficencia! mas de gloria  
Assignalado dia a ti, que toda  
A cidade chorou, e cujo esquife,  
De mil pobres e mil acompanhado  
Chorando-te, louvando-te nas vias,  
Ao tumulo desceu quasi em triumpho.  
Amor na vida, e lagrimas na morte  
Tu tiveste do pobre, e da querida  
Fiel esposa: oh! sim, grande, e sincero,  
ALVARES, foi da tua Esposa o pranto,  
Nem como leve pirajá, que molha  
Das hervinhas a ponta, e logo passa,  
E o pobre agricultor deixa illudido;  
Eu mesmo vi sobre a funerea lousa,  
Com a face cahir banhada em pranto,  
A tua CAROLINA a ti chamando;  
E não lhe respondia o teu affecto  
Como elle antes soia; e mais afflicta

Dobrava ella o clamor; e commovido  
Lagrimava com ella o povo entorno.  
Quaes flores lancarei sobre teus ossos  
O venerado amigo, que tão puras,  
E tão gratas a ti sejam como essas,  
Que com a viuva mão ella gemendo  
Offerece aos teus manes? Quem tão pouco  
Delicado será, que de huma esposa  
Associar-se queira aos santos actos?  
No lar já foi hum dia, hoje he na lousa  
O thalano do amor, que inda vos une.  
Respeitemo-lo; agora he mais sagrado.

Mas de outro bemfeitor da humanidade,  
Collega e amigo meu, eis o sepulchro. (46)  
Probo e habil na arte, este de JENNER  
Medrâr fez no Brazil a descoberta,  
E muitas conservou vidas a patria  
Com assiduo trabalho em longos annos.  
E pobre succumbio, e da familia  
Fôra a sorte fatal, se mãos Augustas  
Não se abrissem beneficas e pias.  
Est'outro os dias seus sobre os fedentes  
Cadaveres gastou com o scalpello, (47)  
E com a penna trabalhou de noite  
Para instruir aos jovens Brasileiros  
Na textura admiravel deste corpo  
Que vive, que se nutre, e aonde tudo  
Tende a certas funcções, onde a hum fim certo  
Todas estas funcções mirão, e hum plano;  
Hum fito, huma sublime intelligencia  
Auctora d'elle tudo mostra aos olhos.  
Outros, como estes, ao paiz fizeram

O ALVAREZ

ieb



ieb



Serviços, que esqueceu desprezo ingrato,  
Ou que mesmo, com lingua venenosa,  
Em causas converteu d'odio e de raiva,  
E de perseguição atroz calúnia;

O amor da humanidade, o amor da patria  
Das nossas afeições são as mais nobres:  
E deste a chamma se traduz naquelle,  
Porque sem homêns, não ha patria; e nellês  
Esta toda se cifra: o clima, o solo  
São aos brutos communs, communs as plantas,  
Mas o teu semelhante, o teu patrio  
Ao homem, sim, sómente elles pertencem.

Só elle os pôde amar, e ama-os juntos.  
Mas os que deste amor ardem, que, cheios  
Desta chamma sublime, altos, e mui tos  
Benefícios derramão, poucas vezes  
Retribuidos são pelos amados,  
Pelos que desse amor gozão o fructo;  
Olvido, ingratião, eis o seu pago;  
E quem outro esperar nunca bem faça.

Assim destes heróes beneficentes  
Muitos jazem aqui entre a das urnas  
Multidão esquecidos, e sem tocha  
Intreprete de grata alma saudosa.

Onde estão, onde estão as vossas urnas,  
Vós, que regestes desta terra a sorte  
Quando ao de Portugal antigo sceptro  
Fiel obedecia, e valorosa  
Pugnando por seus reis, vós que mil modos  
Buscastes como pais para torna-la  
Feliz, e gloriosa, e aqui da morte  
No meio vos ceifou do vosso zelo

A inexoravel foice? Ah quem as cinzas  
Allumia-te, sim, ó tu, que de aguas  
Com obra collossal abasteceste (48) nos abastou  
Desta cidade o povo? Ah se não fôra  
A piedade e gratidão das santas  
Virgens, ás quaes ergueste o sacro claustro,  
Igual fôra á de ESTACIO (49) a tua sorte.  
Por indio arco lançada a este a face  
Ferio mortal envenenada seta,  
E aos Lusos o roubou, que prantearão  
Nelle hum heróe da patria, e as caras cinzas  
Lhe honrãõ: solitario hoje lá dorme  
N'hum templo do Castello, e só de PEDRO  
Ha pouco o visitou o pé piedoso.

Qual tocha hoje allumia as vossas urnas,  
O' vós, que no Brazil aqui lançastes  
C'o amante Dom JOÃO os fundamentos  
Da grandeza actual e da futura?  
Tu Dom RODRIGO (50) de Ypanema ao ferro,  
Que, sem uso, da terra antes jazia  
Sepultado nas visceras, ergueste  
A primeira officina; e tu FERNANDO (51)  
Os altos tribunaes ao Brazil dayas,  
Que proba, e amigo do talento, e sempre  
Com cuidados de pai antes regeras.  
E tu, de toda illustração amante,  
Benefico ARAUJO (52) o templo ergueste  
Das artes bellas, que ás nações eternas  
Monu mentos levantão, e do esp'rito  
Imprimem na materia os pensamentos;  
E ao templo grangeaste os sacerdotes,  
E da China o cultor da China á planta,

ieb

ieb



Que próspera em S. Paulo onde a cuidosa  
De AROUCHE (53) a propagou mão, que a levára.

Mostra-me ó Felix onde jaz a cinza  
Desses, que do caffè, do chá, da cannã  
Trouxerão ao Brazil as úteis plantas,  
De que a riqueza vem, de que a fartura  
Do paiz, do commercio, e os avultados  
Rendimentos do Imperio : estes da patria  
Bemfeitores, sim, forão : mas aonde  
Estão os nomes de JOÃO ALBERTO, (54)  
E de LUIZ DE ABREU ? argentea chapa  
Não os conhece, nem madeira incisa.

Mostra-me então os que o brasilio solo  
Honrãõ com a penna e c'õ talento,  
E das Musas a voz soar fizerao  
Neste novo hemispherio, onde sómente  
Do selvagem se ouvia o rude canto,  
E o de aves bellas, sim, mas não canoras,  
Como essas que da Europa as selvas enchem  
Com doce melodia encantadora.

Ahi, FELIX, está quasi esquecido  
O tumulo do sabio infatigavel,  
Que a Flora ergueo hum templo magestoso  
No solo fluminense, e preciosas  
Sobre materias mil folhas encheu.  
Qual sabio de VELLOSO (55) ao nome illustre  
Não tributa respeito além dos mares ?  
E aqui seus ossos ignorados jazem  
Sem huma dessas mil brasilia flores  
A's quaes elle deu nome, e ás quaes dos bosques  
Inhospitos com mão douta, e cuidosa  
A brilhar trouxe dos jardins na pompa.



Ahi PIZARRO (56) e BALTHAZAR (57) descanção,  
Que os fluminenses fastos illustrarão,  
Com diligente penna, e o venerável,  
Doutissimo CAYRU (58), que em sabias folhas  
A sciencia politica, e os direitos  
Do commercio, e seus bens esclareceu,  
E probo e firme trabalhou com zelo  
Da primaria instrucção para o progresso,  
E para ao seu paiz fazer ditoso,  
Destes os ossos a mais tarda idade  
Venerará dizendo: « A vós a Patria  
« Não deu em vão o ser, nem o talento  
« Nem ingrato com ella o vosso peito  
« Dos seus dons descuidou o uso e o culto,  
E o mesmo exclamará quando o sepulchro  
Avistar desse vate a quem as Musas  
Do Pindo, e de Siao a lyra enchião,  
Com maviosos sons, que em doces versos  
Fallavão a do céu alma linguagem,  
Sim no lodo e no pó torpes bellezas  
De CALDAS (59) não buscou a alma nobre,  
Para ornar o seu canto, ou dar-lhe o thema;  
Mas elevada ás regiões mais altas  
Com os anjos fallou, fallou com Deos;  
E foi sublime e mui divino o canto,  
Assim dirá tambem quando a modesta  
Letra ella vir da lousa, que esquecida  
Os restos cobre do cantor da Virgem, (60)  
Que, co'a religiosa alma de KEMPIS, (61)  
E de MILTON (62) c'o estro, além das nùvens  
Acompanhou de Deos a Mãe e Esposa,  
E ao mundo revelou do céu a gloria.

ieb



ieb



Ah porque procurar foste na França  
O modelo do rhytmo ao doce canto  
Na bella de CAMÕES rica linguagem,  
O' eloquente cantor, em tão sublime  
E tão extenso assumpto? Alta importância  
Tem no canto as feições, que tomã o canto;  
E, sem a da harmonia, em vão se eleva  
Da mente só co' a poesia o vate.

Não de DIRCEO (63), nem de TERMINDO (64) as urnas  
E nem a de DURÃO (65) aqui procures,  
O' FELIX: outra terra os ossos cobre  
Do brasilio Camões, que, com os feitos  
Do gram Caramurá, do novo mundo  
Cantou a descoberta: o lysbio solo  
Do cantor do Uruguay as cinzas guarda;  
E quando sobre o mar turvado ronca  
Tempestuosa mais em Moçambique (66)  
A da monomucata horrivel furia,  
De Marilia o cântor, eu muitas vezes  
Vi da noite no horror surgir da terra,  
E ainda todo amor, todo doçura,  
Acalmar com a lyra a tempestade,  
E serenar-se o céo, e das estrellas  
Scintillar de prazer mais viva a face.

— E de AMERICO ELYSIO (67) onde, perguntas,  
A urna está? mui venerada e cara  
Ella foi ao Brazil.—Aqui sobre ella  
O pranto derramei n'hum dia triste (68)  
Mas mui grande tambem quando em triumpho  
Pela terceira vez e derradeira (69)  
O levava do povo o enthusiasmo,  
Que nelle respeitava o patriarcha



ieb

eb

Da patria independencia. Ás Musas caro  
 Era o nome do velho, e o mundo culto  
 Do seu vasto saber prezava o peso.  
 Mas o que não se acaba em volver d'aunos?  
 Murchou desse talento a flor mui bella  
 Em magoas mil, e por alhea culpa  
 Talvez bebeu de fel mui funda taça:  
 E a gloria só brilhou sobre seu frio  
 Corpo, que já seu esplendor não via.  
 Aqui ficou depois mui solitário  
 Do olvido entregue aos ferrugentós braços;  
 Até que dos avós o transportáram  
 Os seus parentes a jazer c'os ossos;  
 E dorme lá na paulistana Santos.

Lá alguém enfeitará talvez a urna  
 Do illustre velho: nossas mãos as flores  
 Lancem aqui sobre outra, que hum illustre  
 Cidadão nos esconde. Este co'a penna,  
 Com a voz, c'o talento, e co'a virtude  
 O throno e a liberdade ao mesmo tempo  
 Defendeu corajoso, desprezando  
 Da calumnia e da intriga os mil embustes,  
 E as mil perseguições. Douro, eloquente,  
 Filho das Musas, (70) fez soar o canto,  
 Que da patria desperta o enthusiasmo;  
 E justo, e sabio, e sempre honrado, os altos  
 Destinos do paiz tendo em seu punho;  
 Só da patria tratou, e os santos dogmas  
 Pregou da ordem, do perdão, da mansa  
 Tranquillidade; e o turbilhão furente  
 Da atroz rebellião só no seu seio  
 O vio para acalmar-lhe a raiya, e a furia;



E o throno existe, e a liberdade vive,  
E aqui do GRANDE PEDRO o Filho reina.  
Sim d'EVARISTO em grande parte he a gloria  
De tamanha ventura, e de EVARISTO  
Deve sempre o Brazil ser grato aos manes  
Mas quem hoje lhe honra as cinzas frias?  
A patria grata? d'huma viuva Esposa,  
De hum Mano amante a viva dôr sômente!  
Destes ah, sim, o amor nunca se acaba.  
Mas eis em outra urna hum nome eu leio  
Veneravel a mim, e d'Esculapio  
A' illustrada brasilica familia.  
Quando ingrata contigo, ó CARAVELLAS, (71)  
Teus serviços esqueça a patria tua,  
Jámais as sciencias callarão teu nome  
Nos annaes gloriosos, porque hum templo  
Abriste nesta côrte ás que do homem  
A vida conservar por mil maneiras  
Esmerão-se, estudando as leis obscuras  
Da natureza em todos os seus reinos,  
E do organismo as intrincadas têas,  
E os phenomenos mil e variados,  
Que ora em normal, ora innormal estado  
Ao seu indagador olho apresentam.  
De COLBERT (72) com o esp'rito e as grandes vistas,  
Tu da semestral noite em que jazia  
De temores cercado e de suspeitas,  
Do medico instituto o novo germen  
Generoso e magnanimo tiraste,  
E sobre elle por ti raiou dô throno  
A benefica luz, que lhe deu vida.  
Eis o mais bello, e verde dos teus louros.

Emquanto elle viver sempre seus ramos  
Honrãrão tuas cinzas, e como elles  
Do mundo os sabios bẽmdirão teu nome.

Ah! basta, ó FELIX; eu já vejo as urnas (73)  
Onde parar teu consternado esp'rito  
As azas deve, e com sincero affecto  
Todo e perenne consagrar seu pranto.  
Contigo eu aqui choro, e flores lanço;  
Mas a lyra te cedo: a ti sómente  
Cantar pertence a quem ahi descança:



2 —  
pre seus ramos  
como elles  
dirão seu nome.  
eu já vejo as urnas (7)  
do espirito  
pero affecto  
ar seu pranto.  
e flores lanço;  
samente  
a ahí descansa.



## OS SEPULCHROS.



VII.



ieb

eb

ieb

ieb



OS SE

abito de

branco e

zafre

EMITTE

IDYLIC

neg o de

alho e

Tha

TRAD

Dr. LUIZ V

Trouxe a Aurora

na cesarea quinta

combeta já tocou.

frutas, pelo mo

rra a terra, á cid

s conduzindo vá

Brazilio e do Ne

os do geral cuida

do toca a matinal

pedos na morte,

em hum seio do p

Tudo he mudo;

primeira cizarr

cabras, que má

o o funereo gra

## OS SEPULCHROS.

### ① GEMITTERIO DOS INGLEZES.

#### IDYLIO BRAZILIANO

DE

Theodoro Caunay,

TRADUZIDO DO LATIM

PELO

Dr. LUIZ VICENTE DE-SIMONI.

Trouxe a Aurora do sol a luz estiva: (1)  
E na cesarea quinta a pretoriana  
Trombeta já tocou. (2) Da zona ardente  
As fructas, pelo mar, e os aureos pomos,  
Terra a terra, á cidade agrestes barcos  
Eis conduzindo vão, e d'altos gritos  
Do Brazilio e do Negro os ares soão.  
Mas do geral cuidado, que madruga,  
Não toca a matinal bulha aos Britannos  
Quedos na morte, e aonde tambem dorme  
Em hum seio do porto o mar, descansão.  
Tudo he mudo; e na relva apenas geme  
A primeira cigarra, emquanto affoutas  
As cabras, que não veda a mesta cerca,  
Vao o funereo prado tosqueando.



ieb

eb



E entre os mesmos sepulchros escondido,  
Berrando, a errante mãe chama o cabrito,  
Imitando co'a voz humanas queixas.

Eis o zephiro, as roridas seguindo  
Pontas das hervas, aos sepulchros vóa.

Ah! sim, dos ventos todos rodeado,  
Mais suave o repouso he nestes campos,  
Que em hum grande edificio, e sob o peso  
De urbano templo dos mortaes na bulha,  
E entre o vulgo profano, nos campos  
Solitarios tambem anda presente  
A divindade, e aos solitarios manes  
Mais percebido assim rodea o pranto.

Mas se ás cinzas, que cobre a muda terra,  
E se aos finados resta algum cuidado,  
Ai! o sepulchro á patria nao lhes sabe.

E não os acolheu a natureza,  
Regressados, no seio em que os gerára.  
Ah! da prisca nutriz não tem nos braços,  
Nem no concorde seio o extremo pouso;

Não o nortico frio dos ares priscos,  
E não do escuro polo as tempestades  
Perennes, e o do céu fugaz engano, (3)

Ventosa sede das sombras, aonde  
Cada huma, se diz, mente da vida

De novo as fôrmas e as accões: aonde  
Aereo caçador, aereos gamos

Persegue, e com o traje em que fugira  
Novamente Hymeneo á esposa volta.

No ignivomo seu curso as brancas pedras  
Aqui o sol abraza, e hum rutilante,  
E ceruleo vapor nas ondas brilha

ieb



ieb



E do mar mudo o espelho arde, e do Lethes  
Dirias tremular o lago em chammas,

O carissimo aqui ás quedas urnas  
Alamo não suspira; ou de Dodona (4)!

O carvalho com fremitos de guerra  
Mas, sob hum ótro sol, ótra delecto!

Linguagem tem; com as escuras folhas  
Em circulo cahidas; as mangueiras,

E o mesto cajueiro; encapotado  
De musgos, e lá com rubras folhas;

E variegado de velhice aspecto  
Outra flor, outra planta; ave diversa;

E a quem cantou na infancia o natalicio  
O rubro pisco, e affectuoso o berçol;

Lhe visitou co' a costumada penna,  
Septicolor agora hospede ignoto;

Lhe visita o sepulchro. Só no alto  
A companheira antiga alli se mostra

Do gemido europeu não esquecida,  
A viajante andorinha, e mui palreira;

Do sagrado frontão pousa no cimo,  
Pergunta ella talvez do seu sussurro;

E tambem onve, mensageira prestes  
A partir p'ra além mar? E porque aos mudos

Pergunta o que dirá nos patrios lares?  
Que? a hum passaro? e qual necessidade?

Tem os manes de interprete? Elles mesmos,  
Sim, elles mesmos quando o vento surge,

E em procellosa noite escura nuvem  
A lua esconde, cavalgando os ares,

Do veloz turbilhão montão nas azas,  
Tornando a visitar longinquas plagas,



ieb

eb

A patria, e o lar paterno; e á solitaria  
 Dos amigos velhice, depois de annos,

Gostão de novo esvoaçar entornop

O' patria! ó margens do nativo rio!

Relva, que mestra dos primeiros passos

Já foste á tenra planta! ó quedo dia

O' vida mais fugaz que hiberno rio,

E da bruma vernal languido raio!

Tumba, não vida, além do mar se muda.

Este o alegre o mandou dos frios campos

Humber, (5) est'outro do Tamisa (6) a *nymphæ*

Com a primeira luz vio este os muros,

Que aos Cesares de Roma albergue derão

Hum dia, ou de Westminster ós castellos (7)

Ora sacros aos reis, e de hum augusto

Sepulchro a cumieira. Este guerreiro

Intrepido em seu curso em varias praias,

Ligeira mais que a voadora quilha,

A morte interceptou; e está sentada

Sobre elle.... O mercador, que jaz vizinho,

Com revezantes náos o mundo todo

De seu enchia acreditado nome.

Hum moço eu vejo, que a Britanna Musa,

Instruido até agora em os seus templos,

Aqui fragrante de parnasio louro,

E de palmas mandára ha pouco tempo

Ao novo mundo: e já do aurifero terreno

Na voragem desceu, já de *VIRGILIO*,

E do agradável fallador *HOMERO*

Esquecido, e da vida, que suave

No limiar primeiro o convidava;

E sahe agora com funereo véo



Sob os olhos dos pais, Da patria, ai, longe, ou  
E do filho, e do irmão, eis-aqui, fica a esposa  
Do fulmineo varão (8) o companheiro, e avô  
O batavo HOGUENDORP, já antes do tempo  
Envelhecido, emfim achou descanso.

Eis cahe de repente huma da morte  
Victima preciosa, e na dos annos  
Primavera melhor, recente esposa: (9)  
YOUNG he seu nome virginal: ai digna  
Que em longas noites outro YOUNG a cante.  
Pois pranto não poupou a mesma fama,  
Tão bella á gente em seu andar pasmava.  
Toda a familia a esta flor perdida

Lastima em vão; de balde a bella esposa  
Do britanno varão, que com a prompta  
Do mar egida ha pouco o Brazil cobre, (10)  
Orvalha com seu pranto as caras cinzas.  
Assim rosa, que pallida no ramo  
Quebrado pende, restaurar não póde  
A Aurora, que com lagrimas a banha.

Ah Deos se digne, amavel sombra, ao menos  
Juntar-te ao sacro coro, e aos seus ditosos,  
Compenso eterno á diva fórma extincta.  
E vós todas, ó sombras, quer o rico  
Marmor conserve os nomes, quer a vida  
Brilhe na inscripta imagem, ou no verde  
Terreno huma commum pedra os esconda,  
Já, se dos pais fê nos merece a crença,  
Mais vos he leve em molle terra o somno.  
Hum yate vos cantou, não (e elle mesmo  
O confessa) como esse Caledonio (11)  
Junto das ondas do nevoso rio,

Que das trevas da noite, com o canto,  
Os antigos amigos evocava,  
Ou o vate de que ufana hoje  
Mas vós, longê da patria, os que hum terra  
Hospitaleira cantos vos offreceis,  
Destes quaesquer poeticos sussurros  
(Melodia sympathica), dignai-vos  
O presente aceitar; pois isso he justo  
Inda deste hemispherio a nova terra  
A' qual Deos tantos dons fez com mão larga,  
Passaro não ouviu tão mavioço  
Nem tão canora musa; (13) e faltão ambas  
Neste mundo nascente as philomelas.



ieb



ieb



NOTA  
Verbal he cado  
uma só e d'outra  
Segunda e Tercia  
que erguido no m  
e, e qual com a  
se justarem e co

...da influencia da musica e da poesia, nos povos selvagens  
e no desenvolvimento da civilizacao.

## NOTAS.

(1) He o cavallo do autor da celebre tragedia, *Alzambora*, que  
foi para representada, e de que trata o *Cabo Girasol*, *Maria*,  
e outras poesias sobre diversos objectos, e o *melhor e mais*

exato traductor italiano da *Ilíada de Homero*, e das outras de  
Pezho. He o nome da cidade de *Alzambora*, e das outras de  
o *melhor e mais exacto traductor italiano da Ilíada de Homero*, e das outras de

## ADVERTENCIA.

Como talvez algumas das pessoas a quem dedico esta  
pequena obra possam não estar bem informadas dos pontos  
geographicos e mythologicos a que se referem ou alludem  
varias das passagens dos carmes, que a compõe: desejeo de  
que isto não sirva de obstaculo a sua leitura, e possa ella ser  
entendida por todos que estiverem na circumstancia, que  
faz objecto da minha dedicacão, julguei acertado por aqui  
as seguintes notas illustrativas, cujo maior numero eston  
persuadido seria desnecessario para hum grande parte dos  
leitores, no meio de hum publico geralmente illustrado.  
como o desta capital e outras cidades do Brazil.

## NOTAS À PREFACÇÃO.

(1) Verona he cidade do norte da Italia no reino Lombardo-  
Veneziano, sob o dominio da Austria.

(2) Segundo a fábula os muros da cidade de Thebas da Grecia  
haviaõ sido erguidos no som da lyra de Amphyão, filho de Jupiter  
e Antiope, o qual com a sua musica havia atrahido, e obrigado as  
pedras a se juntarem e collocarem humas sobre as outras. He hum

allegoria da influencia da musica e da poesia, nos povos selvagens, e no desenvolvimento da civilisação.

(3) He o cavalheiro *Vicente Monti* hum dos mais insignes poetas italianos modernos, o autor da celebre tragedia *Aristodemo* que foi aqui representada, e de outras, taes como *Cajo Graccho*, *M Manfredi*; de muitas poesias sobre diversos objectos, e o melhor e mais exacto traductor italiano da *Iliada* de Homero, e das satyras de Persio. Ha oito volumes das suas obras, e mais cinco de obras raras e ineditas que forão depois publicadas em 1832. Hum dos seus merecimentos principaes he ter hum estylo esplendido, e magnifico sem turgidez, e muita habilidade em vestir italicamente e á grega qualquer pensamento, e ter reivindicado a honra de Dante menospresado e infamado pelas criticas de Bertinelli, e pelos poetas turgidos e vãos da escola do Frugoni, havendo elle feito gostar e apreciar o estylo do autor da *Divina Commedia*, que elle mesmo imitou e apurou na sua *Basvilliana*, *Mascheroniana*, *Bardo da Selva Negra*, etc. Sua variedade e inconstancia em opinioes politicas, que o fez cantar em todos os sentidos, diminuo muito da estima geral de que teria gozado com outro procedimento. Comtudo, ninguem lhe pode negar a gloria de grande poeta do seculo. Ha huma circumstancia da sua vida, que merece ser mencionada. Tendo fallecido hum seu grande amigo mandou offerecer a sua mão á filha d'elle sem conhecê-la, só por ser filha de hum homem celebre: e esta aceitou sem conhecer a elle, só por saber que era o auctor do *Aristodemo*. Nasceo em 19 de fevreiro de 1755, fa leceo em 9 de abril de 1826. *Foscolo* nasceo na ilha de Zante em 1772, e falleceo em Londres em 11 de setembro de 1827. Tinha pois 3 annos quando publicou o *Carme dos Sepulchros*.

(4) He hum romance, ou historia de hum joven que se suicidou por huma paixão amorosa, junta a adversidades, que contrariavão o seu espirito.

(5) De todos os poetas italianos he *Silvio Pellico* aquelle em

cujas poesias transpira mais frequentemente, ou para melhor dizer, sempre hum doce sentimento melancholico e religioso que, toca o coração com huma suavidade verdadeiramente divina. Ha delle publicadas oito tragedias, entre as quaes a mais celebre e popular, he a *Francisca de Rimini*, representada com geral e sempre crescente successo em todos os theatros da Italia, e cuja traducção em verso, que já conclui, publicarei a seu tempo. Ha tambem varios canticos ou pequenos romances, e muitas outras poesias lyricas, e em prosa o seu celebre Discurso dos deveres dos homeas, traduzido e publicado nesta corte pelo Sr. João de Deus e Silva, e finalmente a obra, que o tornou celebre em toda a Europa, intitulada — *Le malin Prigioni* ou *los vintias prisionos*, que he a historia do seu cativeiro de 10 annos na fortaleza do Spielberg na Moravia, onde gemeu nos ferros do carcere duro a que fora condemnado por 15 annos, commutação da pena capital por hum decreto do imperador da Austria Francisco I, como carbonario, sendo-lhe depois perdoados 5 annos pelo mesmo imperador, obra esta ultima, que já foi traduzida em varias linguas, e publicada com notas de *Maroncelli* seu companheiro de carcere, condemnado pelo mesmo motivo. A noticia recente da sua morte, não he certa.

(6) No poema italiano, a *Jerusalem libertada* do *Tasso* Rinaldo ou Renaldo, valentissimo guerreiro do exercito dos crusados estava preso e entretido pelos encantos e atractivos da maga Armida em hum jardim delicioso, onde passava huma vida lasciva e effeminada. Ubaldo, enviado pelo general do exercito christão para o tirar desse lugar, invendo podido penetrar nesse jardim, apresentou-lhe hum eseuado adamantino no qual elle se viu como em hum espelho, e ficou tão envergonhado de si e do seu estado, que atirou ao chão todos os ornamentos effeminados com que estava enfeitado, e desprezando as delicias d'aquelle lugar, e o pranto de Armida voltou ao campo christão onde obrou prodigios de valor.

- (7) Prologo das Satyras de Persio.  
 (8) *Novi* ou *Nove*, *Novae novarum* (peço que alguns a confundam



dem com a cidade de Novara da Lombardia) he huma cidade de 10 mil almas nos confins da antiga Republica, hoje Ducado de Genova, com o Piemonte, e tem ao sul fertéis morros cobertos de vinhas, e as montanhas do Apenuino ligustico, e ao horte huma planicie immensa, que vae até os Alpes. He insigne na historia moderna, pela derrota que ali soffrêo o exercito francez no fim do seculo passado, combatendo contra os Russos e os Austriacos. Ali nasci, aos 24 de setembro de 1792, e em 1817 vim para o Brasil.

### NOTAS AO CARME PRIMEIRO.

(1) Allude ás epistolas e poesias campestres de Hyppolito Pindemonte insignes por essa qualidade de estylo.

(2) Dites nome de Plutão o Deos dos infernos, filho de Saturno e Ops, irmão de Jupiter e de Neptuno; raptor e esposo de Proserpina.

(3) Templos acheronteos são os lugares infernaes proximos do rio Acheronte: expressão imitada dos antigos, que assim os denominavão como Lucrecio, lib. 111, v. 85. *Prodiderunt vitare acherusia templa petentes.*

(4) O celebre PARINI, insigne pelas suas odes e pela sua satyra ironica contra o luxo e moleza dos Senhores Lombardos intitulada *il Giorno* ou o dia, na qual descreve miudamente com o mais sagaz pincel a vida effeminada e ociosa daquelles grandes. Esta satyra he dividida em quatro cantos intitulados: *a manhã*, *o meio dia*, *a tarde*, e *a noite*. Para dar huma idéa do estylo desse bello poema, aqui insiro alguns versos do seu começo, com a competente traducção quasi literal:

Giovin signore, o a te scenda per lungo  
Di magnanimi lombi ordine il sangue

Portuense,  
Emendado  
E le adunato  
Dal genio  
Me prece

Jovem nobre  
De magnanimi  
Portuense,  
Emendado  
E le em ter  
Per genitor  
De amarel

(3) Allude a satyra

de Horacio sobre o Grande effemina-  
do, ultimo rei dos A-

ria lasciva e effemina-  
da a sorte de indol-

lentes, deitro fingo  
seu timba de rico e

(4) Adda e Ticio  
minimato Alda-

dos Grécicos, an-  
a autor talia em re-

(5) O pequeno bo-  
nal do reino Lomb-

Austria.  
(6) Os cemiterias sa-

(7) Allude á cidade  
de representação ope-

com prejuizo da pe-  
quella cidade. Le e

dos quasi simla  
e autor das chas  
e da propoganda  
essa paltra



Purissimo, celeste, o in te del sangue  
Emendino il difetto i compri onori,  
E le adunate in terra e in mar ricchezze  
Dal genitor frugale in pochi lustri,  
Me precettor d'amabil rito ascolta.

Jovem senhor, ou a ti desça por longa  
De magnanimo rins ordem o sangue  
Purissimo, celéste, ou em ti do sangue  
Emendem o defeito honras compradas,  
E as em terra e no mar juntas riquezas  
Por genitor frugal em poucos lustros;  
De amavel rito preceitor me escuta.

(5) Allude á satyra acima citada. Sardanapalo Lombardo chama o autor ao Grande effeminado da Lombardia por ter sido Sardanapalo, ultimo rei dos Assyrios, mui celebre na antiguidade pela sua vida lasciva e effeminada. Este rei, á final, depois de se ter entregue a toda a sorte de infamias, vendo-se sitiado no seu palacio pelos seus subditos, deitou fogo ao mesmo e morreo nelle queimado com tudo quanto tinha de rico e precioso.

(5 a) Adda e Ticino são dous rios da Lombardia: o primeiro denominado *Abduas*, em latim, tem suas nascentes nas montanhas dos Grisões, onde ha muitas cavernas; e he por essa razão que o autor falla em *antros abduanos*.

(6) O pequeno bosque de tilias, no suburbio oriental de Milão, capital do reino Lombardo — *Veneziano*, na Italia, sob o dominio da Anstria.

(7) Os cemiterios suburbanos de Milão.

(7 a) Allude á cidade de Milão e seu famoso *theatro della scala*, onde se representão operas em musica, e á demasiada importancia que, com prejuizo da poesia tragica e comica, dão os grandes e ricos daquella cidade ás representações em musica, e aos cantores; muitos dos quaes ainda naquelle tempo erão eunucos ou *evirados*, como o autor lhes chama com termo latinado, proveniente de *vir* homem, e da preposição *e* ou *ex*, indicante privação. Conservei na traducção essa palavra por ser mais decente e mais grave do que

qualquer outra. Parim tinha também satyrizado os cantores eunucos sobre o tablado na sua ode que principia;

*Aborro in sulla scena*

*Un canoro elefante,*

*Che si strascina appena*

*Sulle adipose piante.*

Aborreo na scena

Hum canoro elefante,

Que arrasta-se com pena

Sobre adiposas plantas.

(8) Allude aos vasos lacrymatorios, alampadas sepulchares e ritos tenebros dos antigos.

(9) Os supplicantes e os enojados sentavão-se antigamente perto das aras e dos sepulchros, como se vê do verso de Tibullo, lib. 11, eleg. viii:

*Illius ad tumulum fugiam supplexque sedebo,*

*D'elle ao tumulo irei, e ahi sentado*

*Supplicarei.*

(10) Allude aos perfumes de que os antigos rodeavão os cadáveres e os túmulos com o intuito de fazer ditosos aos finados. Em huma das inscripções, illustrada pelo abbade Marini, sobre huma urna sepulchral, lê-se;

EN ΜΥΡΟΙΣ

ΣΟ ΤΕΚΝΟΝ

Η ΨΥΧΗ.

Em unguentos.

Tua filho

A alma.

Isto he como se se dissesse: em perfumes o' filho a tua alma.

(10 a) Allude aos cemiterios que em certas cidades e villas de Inglaterra, havendo nellas muitos ornamentos e muita amenidade, servem de passeios publicos.

(12) O almirante Nelson que tomou no mar do Egypto aos Fran-  
cezes a não *Oriente*, cortou-lhe o mastro grande, e de seu fuste  
mandou fazer o seu esquife, que trazia sempre consigo.

(12 a) Orco he o mesmo que os infernos dos antigos.

(13) *Macchiavelli* ou Machavel, celebre escriptor politico e his-  
torico mui conhecido, de cujo nome provém a palavra *machavelismo*.

(14) Miguel Angelo Buonarotti, architecto do Vaticano, pin-  
tor e poeta.

(15) Galileo, precursor de Newton, na astronomia e physica  
celeste.

(15 a) Apennino ou Apenninos, cadeia de montanhas, que corre  
dividindo a Italia no seu comprimento em oriental e occidental.

(16) O poema intitulado *La divina Commedia* foi, segundo al-  
guns escriptores, principiado antes do desterro de Dante, seu autor.  
Este poema he dividido em tres partes, que são: 1ª, o Inferno;  
2ª, o Purgatorio; 3ª, o Paraíso; cada huma das quaes com 30 e  
tantos cantos em tercetos. Dante deve ser considerado como o pai  
da lingua italiana, e da poesia christã e cormental. Em variedade e  
riqueza de imaginação; não ha poeta que o iguale, assim como em  
força de expressão, e em traços breves, salientes e fortes. Seu estilo  
e linguagem são sempre graves e austeros, e mostram hum espirito  
sombrio, profundo e irritado pela injustiça, mas que sente tambem  
profundamente a desgraça, e a sabe pintar com as côres mais for-  
tes, e os traços mais tocantes. Xavier Bettinelli, nas suas cartas,  
que elle finge escriptas por Virgilio, dos campos Elysios, foi muito  
injusto e excessivo na sua censura para com este genio verdadeira-  
mente grande e original. Monti reivindicou os seus direitos. O poema  
de Dante he o mais difficil de interpretar, não só pelos factos his-  
toricos, como pelos conhecimentos scientificos em muitos ramos do  
saber humano com que joga a cada passo. Os Guibellinos erão huma  
facção opposta á dos Guelfos, e pugnãvão huns pelos interesses dos  
imperadores, e outros pelos dos papas, huns pela escravidão, outros



ieb

eb

pela liberdade italiana. Dante desgostou-se, á final, com ambas estas facções, subdivididas em outras, que se guerreavão, e que com elle forão injustas.

(17) *Calliope* huma das nove musas, que preside á poesia heroica e sentimental. **CAMÕES** a invocou para cantar a exposição historica do Gama ao rei de Melinde.

Agora tu *Calliope* me ensina  
O que contou ao rei o illustre Gama.

**HORACIO** a invoca para cantar o que elle deve ás musas, e para ter occasião de louvar a **Augusto**,

*Descende caelo, dic age tibia  
Regina longum, Calliope, melos,  
Seu voce nunc navis acuta;  
Seu fidibus cytharæque Phœbi.  
Desce do Céu, eia co'a tuba,  
Regia Calliope, grande hymno canta,  
Ou, se o preferes, com voz aguda,  
Ou bem de Phœbo co'a lyra e as cordas.*

(18) O **PETRÁRCA**, cantor de **Laura**, poeta erotico e sentimental, aperfeicou a lingua italiana, dando-lhe toda a belleza e doçura possivel. Nasceu no exilio de progenitores florentinos. O amor nos versos de Petrarca he hum sentimento verdadeiramente puro, nobre, divino, isento de toda a sensualidade, em huma palavra, he huma paixão angelica; por isso, pôde-se dizer que esse mesmo amor, que nas poesias gregas e latinas sempre apparecia nú e sensual, nos versos de Petrarca achá-se coberto de hum candido véo, que o torna mais bello. O amor em **Ossian**, he tambem mui casto, de maneira que, como nota o seu traductor Cesarotti, não ha em todas as suas poesias huma expressão amorosa que diga respeito ao tacto, mas o Bardo, marido de **Malvina**, não tinha nem os estudos nem hum coração cultivado como o cantor de **Laura**.

(19) Os antigos distinguão duas **Vênus**, huma terrestre e sensual, outra celeste e espiritual, as quaes tinham ritos e sacerdotes diferentes.

(20) Os mausoleos dos homens mais illustres da Italia.

(120 a) as Montanhas altissimas que separão a Italia da França e da Alemanha.

(21) O celebre conde VICTORIO ALFIERI, principe dos poetas tragicos Italianos, austero e forte no caracter e no estylo. « Alfieri, diz Maroncelli nas suas notas ás *Le mie prigioni* de Silvio Pellico, he o primeiro poeta quer entre os antigos, quer entre os modernos, que tenha executado a dramatização do *Eu*, isto he do homem interno. A forma que escolheo, he pois a consequencia exigida, immediata e mui necessaria da sua concepção; he forma sua, he original e logica. Quiz depois dramatizar outra cousa que o eu: quiz dramatizar o homem no tempo e espaço, e tomou outra forma: esta a não inventou, porque Guarino neste modo de dramatização externa o havia precedido, e elle não fez senão imprimir-lhe hum caracter especial a elle.

(21 a) Conservei ao verbo *fremere* o sentido activo, que tem no original, por me parecer mais expressivo: quem se não agrada disto lêa.

E de amor patrio fremem os seus ossos.

(22) *Marathona*, lugar distante dez milhas da cidade de Athenas, e onde Miliciaes derrotou, com dez mil homens da Grecia, o exercito de Dario rei dos Persas, commandado por Datis e Artaphernes, e forte nessa occasião de cem mil homens de infantaria e dez mil de cavallaria.

(23) *Eubœa*, ilha ao oriente da Attica e da Beocia, hoje denominada *Ilha de Negroponto*: ella está separada da terra firme sómente por hum pequeno braço de mar denominado *Euripo* coberto por huma ponte.

(24) Fiz toda a diligencia de conservar neste lugar a bella onomatopea do original, em que a bulha e o correr dos cavallos são expressados, e pela cadencia do verso, e pelo som das palavras; e para que os leitores possam comparar a versão com o original neste lu-



ieb

eb

gar, aqui dou os versos do autor, dos quaes se verá que, se não exprimí tão vivamente com o movimento do verso o andar dos cavallos, o som das pegadas destes sobre corpos armados de ferro he mais vivamente expressado pela palavra *capacetes* no lugar, que ella occupa no verso, do que pela palavra *elmi* do original, ganhando-se assim no portuguez com aquella o que se perdeu com a palavra *api-soando*, para se verter a palavra *scalpitanti*. Eis os versos do original:

Il navigante

Che veleggiò quel mar sotto l'Eubea,  
 Vedeà per l'ampia oscurità scintille  
 Balenar d'elmi, e di cozzanti brandi;  
 Fumar le pire igneo vapor; corrusche  
 D'armi ferree vedeà larve guerriere  
 Cercar la pugna; e all'orror de notturni  
 Silenzi, si spandea lungo ne campi  
 Di falangi un tumulto, e un suon di tube,  
 E un inezalzar di cavalli accorrenti  
 Scalpitanti su gli elmi ai moribondi,  
 E pianto ed inni, e delle Parche il canto.

(25) Segundo a crença dos antigos pagãos, as Parcas vaticinavam cantando as sortes dos homens, que nascião e morrião. Temos em Catullo, nas nupcias de Tethys, o verso.

*Veridicos parcae coeperunt edere cantus.*  
 Cantos certos as Parcas entoarão.

(26) Como se deprehende de huma passagem do livro XXIV da *Odyssea*, o tumulto de Achilles foi erguido perto do Hellesponto, em hum dos lugares mais elevados, e os herões do exercito grego devião ser sepultados nessas paragens para os seus tumulos serem vistos pelos navegantes. O Hellespento he o hoje denominado *Estrito dos Dardanellos*, que separa nesse ponto a Asia da Europa, e communica o archipelago da Grecia e Turquia com o mar de Marmara.

(27) O escudo de Achilles foi, com injusta sentença, adjudicado a Ulysses, e não a Ajax a quem competia pelo seu valor no qual era tanto superior a Ulysses quanto este o era a elle em siso e astucia. Porém, o mar o roubou ao mesmo Ulysses na occasião do seu naufragio, e conta-se que o levava não á Ilha de Itaca, patria



e reino de Ulysses, mas sim ás praias aonde existia o tumulto de Ajax. O Promontorio Recio ou Retéo he hum cabo do Bosphoro Thracio, e he celebre entre os escriptores antigos pelo dito tumulto.

(28) *Pimpleas*: assim se denominavão as Musas, do monte Pimpla da Thracia, que a ellas era consagrado.

(29) *Troade*, o paiz aonde existia a celebre cidade de Troia, assim denominada de Tros, rei da mesma, filho de Dardano e pai de Ganymedes, o copeiro de Jupiter.

(30) Os viajantes modernos descobrirão na Troade as reliquias da sepultura de Ilo, antigo Dardanide, que dera á cidade de Troia o nome de Ilio. Veja-se LeChevalier. Voyage dans la Troade, e as noticias de huma viagem a Constantinopla, do embaixador inglez Liston, de Mr. Hawkins, e do Dr. Delaway.

(31) Segundo dous escriptores Gregos, o Scholiastes antigo de Licophrão verso 19, e Appollodoro, Biblioth., lib. 3, pag. 12. Dardano nasceo de Jupiter, e Electra, filha de Atlante; geneologia seguida por Virgilio e Ovidio.

(32) Dardano, filho de Jupiter e Electra, nasceo em Coritho, cidade da Tyrennia, hoje Toscana, ainda que, segundo Diódoro, seja oriundo de Arcadia. Tendõ-se passado para a Phrygia, casou com a filha de Teucro, rei desse paiz, e lhe succedeo no reino, e edificou no pé do monte Ida huma cidade que denominou Dardania, e depois foi chamada Ilio e Troia. Por isso, os Troianos forão tambem denominados Dardanos, Ilios.

(33) *Assaraco*, segundo filho de Tros, que foi pai de Capys, do qual nasceo Anchises, e deste Eneas.

(34) *Cincoenta thalamos*: allusão aos 50 filhos de Priamo rei de Troia, que estavam casados.

(35) A familia de Julio Cesar reputava-se descendente da familia real de Troia pelo ramo de Julio filho de Eneas, e se isso não



lho mostrava a historia e a arte heraldica d'aquelles dias filho persuadia muito o amor proprio e a lisonja da adulação.

(36) *Electra* filha de Atlante, amada por Jupiter, da qual teve Dardano.

(37) *Olympio*, epitheto dado a Jupiter, porque morava no cume do monte Olympo, aonde tinha a sua côrte celeste. O *Olympo* he hma montanha da Grecia mui alta; o seu nome foi tambem applicado para designar o Céu.

(38) *Erictonio* Troiano filho de Dardano, ao qual succedeo no reino da Phrygia.

(39) Era costume entre as mulheres da antiguidade o soltarem os cabellos em occasião de luto e afflicção.

*Stant manibus arae*  
*Et circum iliades crinem de more solutae.*

Aras aos manes s'erguem e as rodeão  
Co'a do costume solta coma as Ilias.

(40) *Cassandra* filha de Priamo, amada por Appollo, a cujos desejos prometteo ceder com tanto que elle lhe desse o dom da prophesia, e ao qual ella faltou á promessa depois de se achar revestida desse dom prophetico. Appollo, irritado da sua deslealdade, não podendo mais tirar-lhe o dom da prophesia, fez com que ninguém jámais, acreditasse o que ella dizia. Havendo predicto males mui grandes a Priamo, e Paris filho d'elle, quando este ia para a Grecia, foi encerrada em huma torre, aonde não deixou de cantar os males futuros da sua patria. Na noite da tomada e incendio de Troia foi deshonrada por Ajax e cahio depois em sorte a Agamemnon, que a levou consigo como escrava e teve grande paixão por ella, o que deu causa a que Clitemnestra, mulher de Agamemnon fizesse assassinar a ambos.

(41) *Argos*, cidade e paiz do Peloponeso ou Morea, huma das principaes do reino de Agamemnon.

(42) *Tydides*, nome patronimico de Diomedes, filho de Ty-



deo, alumno do celebre Chirão e favorito de Minerva, o qual ferio a Venus e a Marte em huma batalha no sitio de Troia. He preciso não, o confundir com outro Diomedes, rei de Thracia que, dizem, sustentava os seus cavallos com carne humana.

(43) *Ulyssês*, rei da ilha de Itaca, a quem attribuem a fundação de Lisboa: o mais acisado e astuto dos Gregos que combaterão no sitio de Troia, e cujas viagens cantou Homero na sua *Odyssêa*.

(44) Os muros com que Laomedon ou Laomedonte fez cercar a cidade de Troia erão tão fortes que huma opinião popular os attribuiu á mão de Phebo ou Apollo.

(45) Os *Penates* erão os Deoses tutelares da patria; as vezes tambem dava-se este nome aos deoses domesticos ou tutelares da familia: neste caso não differião dos deoses Lares.

(46) HOMERO, poeta grego, pai da poesia epica, que, segundo a fama, era cego e andava mendigando pela Grecia, cantando os varios livros ou passagens dos seus poemas, cuja reunião forma hoje a *Iliada* e a *Odyssêa*, celebrando no 1.º a ira de Achilles, ou a morte de Heitor e as guerras, que a precederão depois do enfado de Achilles com Agamemnon, commandante em chefe do exercito Grego; e no 2.º as viagens, aventuras e astucias de Ulyssês. No 1.º destes elle nos dá a noticia do tumulo de Ilo. Houve e ha quem nega a existencia real de Homero, attribuindo estes dous poemas, e outros que como o da *Batracomyomachia*, ou guerra das rãs com os ratos, o *Hymno a Ceres*, &c., lhe são attribuidos aos diferentes cantores, que corrião pela Grecia com o nome de *rapsodes*; e crendo que a sua reunião em corpo de poemas he posterior e devida a collecção que fez delles Pysitrato, tyranno de Athenas. Veja-se a este respeito *Cesarotti*, *Loyer* e outros que sustentarão a opinião contraria, refutando a Perrault e outros. Homero he superior a Virgilio nas descripções, nos caracteres e em tudo o que pertence á imaginação, mas o segundo he muito mais superior a elle em tudo o que respeita ao oração, e em alguns livros da sua *Enei-*

da nos deixou cousas admiraveis, e as quaes não ha na iliada cousa alguma que se lhes possa comparar.

(47) Troia tambem denominada Ilio, foi destruida duas vezes antes da ultima e 3.<sup>a</sup> sua destruição feita pelos Gregos; a primeira vez por Hercules, e a segunda pelas Amazonas. Veja-se Pindaro Istmica V. epod 2. Iliada liv. III. v. 189.

(48) Achilles, e Pyrrho, hum filho e outro neto de Peleo, marido de Thetys, deusa do mar: ambos forão fataes a Troia, o primeiro, porque além de grande destroço, que fez dos Troianos, matou ao valeroso Heitor, e o segundo porque destruiu essa cidade.

### NOTAS AO CARME SEGUNDO.

(1) Lugar ou pequeno rio onde morava Hugo Foscolo, quando escreveu a sua epistola sobre os sepulchros. Havia hum rio d'este nome na Pamphilia, o qual hoje chama-se Alavasui.

(2) Homero.

(3) Ulysses. Pindemonte estava traduzindo a Odyssea. Monti, que traduzio a Iliada, deixou de fazer a traducção da Odyssea para não desgostar, como elle dizia, ao bom Pindemonte.

(4) O salgueiro choroso ou choradeira.

(5) Patroclo amicissimo de Achilles e por este amado no excesso, no tempo em que Achilles, enfadado contra Agamemnon general em chefe dos Gregos que sitiavão Troia, vivia retirado do campo, não querendo tomar parte nos combates, obteve com muitos rogos permissão d'elle para soccorrer os Gregos derrotados por Heitor animado pela retirada de Achilles. Nessa occasião, Patroclo, depois de muitos prodigios de valor, encontrou-se no combate com Heitor e foi por elle morto. Achilles chorou amar-

gamente a sua perda, e o desejo de vingá-la, venceu a repugnância a congratular-se com Agamemnon, com o qual fez as pazes e tornou aos combates em hum dos quaes matou a Heitor.

(6) Prometheo, filho de Japeto, segundo a fabula fez huma estatua, outros dizem o homem com barro, que elle animou com hum facho tirado do sol por intervenção de Minerva, que para isso o levou ao céu. Jupiter para punir este roubo da luz celestial, o fez amarrar por Mercurio sobre o monte Caucaaso, aonde hum abutre

lhe roia o figado a cada instante. Esta fabula parece huma allegoria, ou alteração da historia de Noé, querendo alguns que Prometheo não seja senão o mesmo que Japhet, filho deste, com o qual foi confundido. Noé salvou o genero humano pela sua providencia, e esta qualidade fôrma o mesmo nome de Prometheo, que significa em grego, *consulta antes de obrar*. Noé fez descer o fogo do céu sobre o sacrificio que offereceu a Deos depois do diluvio. O Caucaaso, ao qual Prometheo está amarrado, he huma allegoria do facto de haver a arca de Noé ficado em secco sobre huma montanha, e quanto ao abutre que roe o figado, he huma traducção da palavra *Magog* nome do filho de Japhet, a qual significa huma viscera que se dilacera.

(7) Siciliano. A Sicilia foi tambem denominada Sicania.

(8) Os Cyclopes, segundo a fabula, erão gigantes monstruosos com hum só olho na testa, que habitayão a Sicilia, e erão os trabalhadores das forjas de Vulcano, estabelecidas no interior do monte Etna: os principaes erão *Steropes*, *Brontes* e *Pyracmão*.

(9) O monte Etna, vulcão da Sicilia, que lança lavas, pedras e chammas nas suas erupções, e ordinariamente fumaça.

(10) Arethusa era huma fonte da Sicilia na peninsula Ortygia aonde havia o palacio dos reis de Syracusa. Segundo a fabula, Arethusa filha de Nereo e de Doris era huma das nymphas companheiras de Diana, mui amada e perseguida pelo rio Alpheo da Arcadia, e ella para se livrar d'elle implorou o soccorro de Diana,

que a converteu em huma fonte. Alpheo reconhecendo a sua amada, debaixo da nova fórma, misturou suas aguas com as da fonte Arethusa; e entre o vulgo corria opinião que o rio Alpheo atravessava subterraneamente o mar, que separava a Sicilia da Grecia, para vir misturar suas aguas com as da mesma fonte. Esta creença era fundada sobre huma observação, que se dizia haver sido feita, de que objectos lançados no rio Alpheo tinham ido apparecer na fonte Arethusa. A esta creença popular allude o poeta na sua epistola.

- (11) Rio de Arcadia. Veja-se a nota antecedente.
- (12) Thetys era a deusa do mar, esposa de Peleo e mãe de Achilles. Aqui he tomada metaphoricamente pelo mesmo mar.
- (13) Esta repetição da palavra *branco marmor* no fim do verso existe tambem no original, e nós a conservamos no mesmo lugar para dar huma idéa das repetições da mesma palavra de que se falla com censura na epistola seguinte de Torti, denominando-a « *soverchio vezzo, e vagheggiar di ripetute voci* », e *nimio jogo*, e *embellezar-se em repetidas vozes*.
- (14) Quem não se agradar do sentido neutro dado a este verbo, poderá fazer-lhe preceder o pronome *se* fazendo então *rio* de huma só syllaba, como no italiano.
- (15) A lua he o astro mais visinho da terra.
- (16) Como no original italiano, tomamos este verbo em sentido activo, e longe de julgar isto hum erro, pensamos ser nesta occasião huma belleza: primeiro, porque imitamos o original; segundo, porque he muito mais animada e poetica a idéa de attribuir á lua huma intervenção activa do que neutra na emissão dos raios. As regras geraes sempre tem suas excepções, e só o bom gosto he o juiz dos casos em que estas devem ter lugar: elle e o genio sabem quando lhes he licito, deixar o trilho commum, e como na musica, sahir da escala sem faltar á harmonia.
- (17) Carrara he celebre na Italia pelas suas pedreiras de bellos marmores brancos e alabastros.

(18) Escripitor e poeta celebre ao qual, além de outras obras, deve-se hum poema em versos latinos sobre a syphilis ou molestia gallica.

(19) Scipião Maffei, autor da celebre tragedia *Merope* que, na opinião de alguns, e especialmente de M. Marré, que della fez o confronto com as de Voltaire, e Alfieri sobre o mesmo assumpto, he em muitos pontos superior a todas ellas, e acha-se em todas as colleções classicas.

(20) A Escultura, denominada a arte de Phidias, porque este foi hum dos esculptores maio celebres da Grecia.

(21) Mereceu de acha-las pelo estudo e diligencia, que empregou para isso, ou pelo grande desejo, que teve, e patententeou a este respeito: *in magnis voluisse sat est.*

(22) Deve-se aqui notar huma delicadeza do autor o qual sendo elle poeta poz os poetas em ultimo lugar depois de haver fallado dos outros homens grandes e dignos de honra de hum tumulo no panteão publico.

(23) *Genebra* he a capital de hum dos Cantões da Suissa, situada sobre o lago do mesmo nome. Como os Francezes lhe dão o nome de *Genève*, muitas pessoas entre nós a confundem com *Genova*, cidade marítima da Italia, no Mediterraneo á qual os Francezes dão o nome de *Gènes*. O rio que atravessa este lago e de que o autor falla he o *Rhodano*, que os Francezes chamão *Rhône*. Elle nasce na Suissa na montanha da Forca ou *Fourche*; banha o Valez, atravessa o lago de Genebra, separa da Suissa o departamento do Ain, atravessa hum desfiladeiro entre os montes *Jura* e *Voluche* aonde o seu leito se estreita de maneira que de 80 a 100 metros, que tinha de largura na sua sahida, do lago de Genebra, se reduz a 15 e 30, e desapparece até debaixo dos rochedos, e torna a apparecer a 60 passos de distancia do lugar onde se sumira, e continuando o seu curso na direcção de norte a sul, passando por Lyon, vai desaguar

no Mediterraneo, por varias bocas. He hum dos nós mais impetuosos da Europa.

(24) *Mycenas* era a capital dos estados de Agamemnon, no paiz denominado a Argolida, donde havia a cidade de Argos, tambem mui consideravel. Hoje Mycenas está completamente destruida.

(25) *Novare* deve ser nome proprio, e talvez o de alguma casa de campo de Elisa, ou do agro de Novara. Na Italia, e principalmente na Lombardia, as casas de campo tem hum nome proprio como qualquer villa, o qual muitas vezes he derivado do apellido do proprietario. No original, que tenho, a palavra *Novare*, acha-se escripta com a primeira letra majuscula, por isso a tenho como nome proprio: se a letra majuscula fosse etra typographic, então significaria renovar ou innovar, e deveria traduzir-se do modo seguinte:

..... Com o ousado pensamento  
Do seu bello innovar,  
isto he com a idéa da renovação do seu corpo.

(26) He esta a inscripção do tumulo de Elisa.

(27) Aqui temos no original outra das já mencionadas repetições, que conservei na versão.

### NOTAS AO CARME TERCEIRO.

(1) *Delia*. Nome pastoril de João de Cristoforis, ao qual o poeta escreve.

(2) *Clitarco*. Nome pastoril, ou anagrammatico da pessoa, que censurou os versos de Hugo Foscolo, e de Hyppolito Pindemonte.

(3) *Pyndaro*. Insigne poeta grego, natural de Thebas, o qual em suas odes celebrou os vencedores dos jogos olympicos.



(4) *Flacco*. Horacio Flacco, natural de Venus, que por isso também chamado *o venusino*, o primeiro dos poetas lyricos latinos. Compoz muitas bellissimas odes em varios metros, varias satyras e epistolas, e se celebra arte poetica imitada depois em italiano pelo *Menzini*, e em franceza por *Boileau Despreaux*. No estylo he o mais sublime, no gosto o mais delicado, na linguaagem o mais puro, na satyra o mais jocoso, si esgragado, na moral o mais indifferente e variavel. O fundo da sua philosophia era o epicureismo. Não he difficil achar em Horacio o pro e o contra para qualquer cousa; a sobriedade, a intemperança, o vicio e a virtude tem ahi igualmente quando queirão o seu panegyrista e o seu preceitor. Não he pois de admirar que o celebre abbade *Galiani*, que delle fazia as suas delicias, achasse nelle materia sufficiente para compôr, como elle tencionava, hum tratado de politica, segundo se collige das suas cartillas. Como poeta e escriptor latino, deve andar sempre nas mãos de todos; como philosopho e moralista não deve passar daquellas dos quem tem bastante juizo e mui solida virtude.

(5) Esse *Clitarco* era hum filologo puritano, ou purista, dos que pretendem negar ao genio, e ao gosto o direito natural, que a sua superioridade lhes dá de se expressarem do melhor modo, que elles entendem, e os querem obrigar a fallar como os mais fallão, isto he, como o vulgo dos escriptores; como se os espiritos superiores devessem fallar como os do mundo. Contrarios a esta seita são os philologos neologistas, que, apaixonados furiosos pela novidade, achão rançosas, inspidas e rudes as palavras, phrases e estylo dos antigos; e não sabem fallar senão á estrangeira, ou huma linguaagem, que só elles lá entendem, como a de Plutão no inferno de Dante, admittindo a torto e direito quaesquer termos e expressões sem consultar o genio da lingua, a harmonia do termo, a conveniencia de força, de tom, e de lugar. Hum destes sujeitos vos dirá *budget* em lugar de orçamento; *bill* em lugar de lei ou resolução. *Ancone* em lugar de Ancona, *Anvers* em lugar de Antuerpiã, ou chamará de *brando* ou de *alfange* a huma catana ferrugenta na mão



de hum camponez. Os primeiros são em philologia o que na politica são os fidalgos puritanos, os nobres da gemma, e os absolutistas; e os segundos, o que na mesma politica são os demagogos, os sansculotes e os farrapos. Huns matão o genio com a mania da conservação, outros com o furor da innovação; ou, para melhor dizer, da destruição. Deos dê juizo a quem d'elle precisa, e bastante coragem á gente de bom senso para deixar gritar a huns e a outros destes miseráveis de ambos os lados, que *nesciunt quid faciunt*; e para fazer sempre o que ella entende.

(6 a) Esta passagem he no original hum pouco equivocca, porque presta-se igualmente a dous sentidos. Eis as palavras do original:

*Tal che le partì ad una, ad una, e il tutto  
In lor vero scorgiam.*

As palavras *in lor vero* podem ser interpretadas por *na sua verdade*, ou *no seu verdadeiro todo*; duvidoso de ter acertado, preferindo esta ultima versão, aqui ponho a outra, como variante, para que o leitor escolha a seu gosto:

De maneira que o todo, e huma á huma  
As partes, e a verdade ahi vejamos.

(6) *Vindicador de Amor.* O Petrarca de quem já se fallou nas notas antedecentes.

(7) *Sorga e Valchiusa*: a primeira he hum rio da França, e a outra huma fonte d'oude nasce, a primeira, em francez, chamados *La Sorgue e Fontaine de Vaucluse*. Correm no territorio de Avinhão, hoje Departamento de *Vaucluse*. Conservei os nomes italianos por serem mais harmoniosos, e porque, como estas palavras se referem á doçura do canto do Petrarca, isto he, ao som que estas palavras produzião na sua lyra, julguei acertado o conservar esse mesmo som.

(8) A philosophia toda physica, ou material exclusiva, tende a



aniquilar o sentimento e a imaginação, faculdades integrantes e inseparáveis do homem, tal como elle sahio das mãos da natureza.

(9) Allude aos herões de humas peças em musica em que cantavam na scena Arbaces, Demetrio e Cyro, e que, sendo representados por homens *evitados* não podião fallar ao coração dos expectadores quando devião exprimir paixões amorosas de que elles não erão susceptíveis, ou tambem quiz o poeta alludir á menor impressao que as representações em musica fazem no coração do espectador comparativamente com a que pôde produzir huma peça recitada. Prefiro a primeira interpretação, porquanto senão pôde negar que a musica toque de per si profundamente ao coração de quem a ouve. O desejo que tenho de ver prosperar e adiantar-se a poesia comica e tragica recitada, não me levará jámais a renunciar ao divino encanto do drama em musica. A poesia recitada por mui bella e sublime que seja, por muito alto que ella eleve o homem sempre o deixa entre a humanidade: a poesia cantada o leva fora desta com sensações extraordinarias, e o eleva ao prazer dos deoses. O mal parece-me pois existir no excesso das cousas, e não nas mesmas cousas.

(10) *Adria*. O mar adriatico, ou golfo de Veneza, entre a Italia e Grecia Illyria, Dalmacia e Ilhas Jonicas, he celebre pelas suas tempestades, Horacio chamava-lhe de *inquieta*. *Dux inquieti turbidus Hadriae*.

(11) *Pierius* ou *Pierides* são as Musas, assim chamadas, de huma montanha da Beocia, a elles consagrada. Dá-se tambem este nome as nove filhas de Piéro que se atrevêrão a disputar com as Musas, e que, por castigo desse atrevimento, forão, segundo a fabula, transformadas em pegas: mas não he destas que o auctor falla.

(11 a) Parece-me que a palavra *rubeja* derivada do latino *rubeo* *rubes*, he bella, harmoniosa, expressiva e conforme ao genio da lingua posigueza, e por isso admissivel e preferivel a huma e qual-

quer periphraze para verter a palavra *rosseggiu* do original. As periphrazes diluindo sempre a expressão a tornão mais fraca; sempre que eu possa nunca deixarei de as evitar parecendo-me só bellas e toleraveis quando indicão objectos, e não o modo de ser ou de obrar desses objectos. Cada objecto sendo sempre unico de sua natureza, nunca he fraccionado pela multiplicidade das partes que representam essa unidade: elle não he modificavel nem pelo espaço, nem pelo tempo; existe, ou não existe, e não conhece grãos nem modificações. *Horacio, o Venisino, o Pyndaro latino*, são sempre o mesmo homem; antes parece que dizendo-se o Pyndaro latino se diz alguma cousa mais que com a simples palavra Horacio. Mas o modo de ser e obrar não tem unidade natural e não são determinados; por sua natureza: elles tem varios grãos de intensidade, que he preciso determinar. Ora, a intensidade está em razão inversa do tempo e do espaço, e por isso quanto mais tempo e espaço se emprega em expressar huma acção e hum modo de ser, a expressão, que he a imagem fiel delles torna-se naturalmente menos intensa, e por isso mais fraca. Parece que a unidade ganha quanto mais ella se estende e dilata, e que a multidão perde quanto mais isso lhe acontece, e ganha mais quanto mais ella se concentra, e torna, para assim dizer, mais proxima da unidade. Assim *lázir, avermelhar e rubejar*, serão sempre as melhores expressões do que *ter luz*, ou *deitar luz, tornar vermelho, e ter cor vermelha*. Talvez algum preferisse neste caso a palavra *rubejar*: a quem assim quizer, deixarei a escolha: mas farei sempre reflectir que neste lugar a euphonia de pronunciação e de circumstancia, parece inclinar-se para a outra, porque *rubreja* he menos aspero á lingua, e mais tetro para o espirito em razão do seu som, e por isso conveniente para hum objecto funebre.

- (12) *Euclito*: he o nome pastoril, ou ideal de hum autor que affectava atticismo, ou sal atticio em seus escriptos. O autor emprega aqui tambem no italiano o verbo *atticizar* tomado em sentido substantival.



(13) *Atticiar vasio*: he hum atticismo chocho sem substancia, e sem sabor: *Nulli inristo, id est facejar de bengração*.

(14) *Filargo* he o nome pastoril ou ideal de hum escriptor mui baixo quer no estylo, quer nas idéas, o qual, por assim dizer, vive, pensa e escreve no lodo; motivo pelo qual o autor lhe chama de palustre. A classe destes animaes poeticos a sangue frio, que paixão a sua vida nos paues, he muito numerosa e variada, e poder-se-hia estabelecer nella quasi os mesmos generos, como em historia natural na familia dos *Batracianos*: e haver assim depois *rãs*, *pererecas*, *sapos poeticos*, como no tempo de Persio já havia *corpos poeticos* e *pegas poeticas*.

(15) Este phantasma, he a falsa poesia, ou poesia monstruosa e exagerada. A descripção delle, que se segue, he huma bella pintura do romantismo monstruoso, exagerado e extravagante, que não quer reconhecer que

*Est modus in rebus, sunt certi denique fines  
Quos ultra citraque nequit consistere rectum.*

Ha em tudo hum termo, ha enfim limites certos,  
Além, e aquem dos quaes não pisa o justo.

(16) *Chromi*: he o nome pastoril, ou ideal de hum escriptor assanhado e declamador, desses que, como diz Persio:

*Grande locuturi nebulas Helicon legunt.*  
No Helicon pr'a voz grossa as nevoas buscao.

(17) *Adige*: he hum rio do norte da Italia, em cujas margens está situada a cidade de Verona.



ieb

eb

## NOTAS AO CARME QUARTO.

(1) He huma imitação da seguinte passagem da *Bosvilliana* de Monti.

*E si fè del color che il cielo è, quando  
Le nubi immòte è rubiconde a sera  
Par che piangano il dì, che va mancando.*

E tornou-se da còr que o céu he, quando  
A tarde, as nuvens rubidas e immotas  
Quasi chorão que o dia vai finando.

O 1º destes versos pôde-se vertei tambem assim :

E tornou-se da còr que o céu tem, quando

(2) VIRGILIO, natural de Mantua, príncipes dos poetas epicos latinos, autor da Eneida, das Georgicas e das Bucolicas. Em outra nota já fallei do character e merecimento deste grande poeta comparado com Homero.

(3) O Sr. Manoel Odorico Mendes deleita-se muito de Virgilio, cujo estylo e linguagem sabe apreciar optimamente. Já traduzio algumas das Eclogas da Bucolica e varios livros da Eneida, em bellos versos e em boa linguagem portugueza, com muita fidelidade. Algumas destas traducções já foram publicadas na — *Revista Nacional e Estrangeira* desta côrte. He tambem mui habil em tanger a lyra de Anacreonte e de Horacio, como o tem mostrado algumas de suas odes e hymnos publicados em jornaes ou avulsos; taes como o *Hymno á tarde*, o *meu retiro*, o *Sonho*, &c.

(4) A castanha do cajú he o verdadeiro fructo do cajueiro: o que vulgarmente se chama fructo ou cajú, e tem parecencia com as fructas pulposas succulentas he o pé, ou *pedunculo* do mesmo fructo, ou, para melhor dizer, o receptaculo deste. A casca da castanha de caju tem huma propriedade eminentemente caustica, e produz ulcerações nos labios dos que a mordem; por isso ninguem a mor-



de impunemente. A grumichama pelo seu pé, pela sua forma e cor he mui semelhante á cereja, da qual differe no caroço, e por quatro folhinhas, ou sepalos do calix da flor, que permanecendo formão ao fructo huma especie de corôa.

- (5) PINDARO de quem já se fallou em outra nota.  
(6) Veja-se a respeito de *Amphyão* huma das notas á prefacção.

(7) *Orpheo* segundo a fabula arrastava atrás de si as feras, as selvas, e os bosques, isto he, obrigava os homens a se unirem em sociedade sahindo dos bosques e deixando a vida de selvagens para formarem villas e cidades. Tendo elle perdido Eurydice sua esposa, a chorava dia e noite, e á final desceu aos infernos para a hir pedir a *Plutão* rei desses lugares, o qual, enternecido pela sua dor e pelo som de sua lyra, lhe concedeu outra vez a esposa com a condição de que elle não olhasse para ella senão depois de ter sahido dos mesmos infernos; condição que elle impaciente violou no caminho, perdendo assim outra vez para sempre a cara esposa.

(8) HOMERO de quem já se fallou nas notas ao 1º Carme. Aqui he tomado como synonymo de paganismo. Fallando-se dos deoses dos pagãos costuma-se dizer os deoses de Homero e de Hesíodo: o céu de Homero e de Hesíodo.

(9) Para ir aos campos Elysios, Enéas, segundo Virgilio, passou primeiro pelos infernos. Homero collocava os Elysios nas ilhas do oceano atlantico. Todos os antigos collocavão estes campos da bemaventurança da outra vida, em hum lugar da terra: comparativamente ao paraíso dos christãos ficavão estes assim em huma região muito baixa.

(10) Allude-se ao cantico de Moyses: *Cantemus Domino gloriose enim magnificatus est*, com o qual os Israelitas agradecerão a a Deos; depois de ter passado o Erytreo, ou Mar Vermelho, por os ter salvado das mãos de Pharaó, que neste havia ficado sepultado em todo o exercito Egypcio com que os perseguira.

- (11) Allude-se aos Psalmos de David.
- (12) Allude-se ao cantico *Benedictus es Domine patrum nostrorum*, com que os tres mancebos *Ananias, Azarias e Misael* louvavão sãos e salvos ao Deos de Israel, no meio das chammas da grande fornalha em que Nabucodonosor, rei de Babilonia, os fizera lançar por não terem querido adorar a sua grande estatua de ouro.
- (13) Allude-se ao cantico *Benedictus Dominus Deus Israel*, com que *Zacharias*, que ficara mudo, por não accreditar a predicção do anjo, que lhe annunciou que sua mulher teria hum filho, agradeceo a Deos quando, ao nascer de S. João Baptista, recuperou a falla.
- (14) Allude-se ao cantico *Nunc dimittis servum tuum Domine*, com que o summo sacerdote Simeão agradeceo a Deos o ter visto o Redemptor, que Nossa Senhora lhe foi apresentar no templo.
- (15) Allude-se ao cantico *Magnificat* de Nossa Senhora.
- (16) Allude-se ao verso da *Magnificat*: *Deposuit potentes de sede, et exaltavit humiles.*
- (17) A maneira porque tento aqui explicar o conhecimento que Deos e os bemaventurados celestes tem, ou podem ter das acções boas ou más deste mundo, e mostrar como estas podem influir para o perdão e suffragio das almas, que ainda não podem gozar dessa bemaventurança, deve ser considerada como hum epiciente poetico, e não como hum ponto de exacta doutrina religiosa e catholica. Deixo aos theologos todas as disputas a este respeito, e adoptando aqui, como poeta, a opinião de que os bemaventurados no outro mundo vêem tudo em Deos, e só por meio de Deos, não entendo com isto decidi-la. No meio de todas as idéas exaradas no meu Carmé ha huma verdade innegavel e eterna, que certos philosophos não tem visto ou querido ver; e he que as acções dos homens, e os modos e fórmãs com que as praticão, o devem ser sempre pesadas e julgadas; não pelo que os actos e modos são em si mesmos, isto he, pela materialidade do acto ou da fórmula, mas, pelo fim moral a que

se dirigem, e com que foram feitos. Attendendo-se á isto cessa todo o ridiculo, e o absurdo, que á primeira vista certos actos expiatorios ou suffragantes apresentão aos olhos do philosopho, e a idéa do *purgatorio* dos catholicos deixa de ser repugnante ao raciocínio. *Fichte*, com o seu idealismo, chegou quasi a estabelecer esta mesma doutrina, e a justificar, sem o saber, com a philosophia a idéa do suffragio das almas tão combatida pelos Protestantes e pelos philosophos, quando elle na sua obra *Die Bestimmung des Menschen* ou a *Destinação do homem*, estabelece que toda modificação moral, que succede no mundo visivel, produz outra modificação correspondente no mundo invisivel. *Schützenberger* e outros, que criticão o idealismo de *Fichte*, deverião explicar-nos como he que a moralidade pôde ter Deos por principio, e ser neste mundo huma realidade, sem hum meio de communicação e de acção entre o mundo visivel e o invisivel, e sem haver huma linguagem facil e prompta, que exprima exactamente todos os grãos e modificações possiveis dessas idéas e acções moraes, para o que certamente não chega a linguagem syllabica. Tirai ao homem a sua immaginação, elle ficará logo incapaz de conceber a idéa de Deos, do bom e do máo, do justo e do injusto; e não poderá mais conversar com Deos, porque he só por ella que elle o concebê, e com elle se entretém. Como o coração he nelle o intérprete, e o meio de communicação entre a mente e a materia; ou por outra, entre o moral e o physico, assim a immaginação he o intérprete e o meio de communicação, que ha, entre a mente humana e a mente divina, a qual, para me expressar com phrase mathematica, está a aquella quasi como a materia ao espirito do homem. As crenças e os cultos, que proscrevem, ou limitão nimmamente a immaginação, em lugar de espiritualizarem mais, como pretendem, a religião, tendem a mais materializa-la: e este he certamente o erro dos inconoclastas e dos protestantes, que tem abraçado as idéas desses miseraveis, que querem que a mente do homem suba immediatamente de hum salto ao céu sem o intermedio, ou meio ascensorio da escada vista por Jacob, a qual, a meu ver, he hum bellissimo emblema da necessidade dos objectos materiaes



para o espirito do homem elevar-se com o pensamento até o céo, e formar huma idéa da Divindade. A mente humana não deve ficar presa pela materia, sim, mas tem necessidade de correr sobre ella como sobre huma ponte, para, do mundo visivel e physico, passar ao mundo invisivel e moral. Digo mais: para effectuar essa passagem ella precisa ordinariamente de hum intermedio, que não seja nem todo materia nem todo espirito, e que participe tanto daquella como deste, sendo, em certo modo, hum composto de ambos. Isto he justamente o que lhe offerecem as imagens, nas quaes a materia que, de per si só, nada expressaria de espiritual ao seu intellecto, existe já combinada á idéa do espirito do homem, a qual lhe dá huma especie de alma e de nova existencia. Progredindo por este intermedio, a imaginação humana não passa de hum salto, mas gradualmente, de hum mundo ao outro, e do physico ao moral. Nesta passagem, para ella não tornar-se idolatra, cumpre-lhe só tomar cuidado de não confundir o meio com as cousas com que elle joga, e não fazer de huma simples imagem huma verdadeira divindade: cumpre-lhe tambem lançar essa escada de ascensão para hum objecto real, para huma divindade verdadeira, e não, como fazião os pagãos, para divindades ficticias e entidades allegoricas, meramente immaginarias, porque he n'isto e não na veneração do simulacro do verdadeiro Deos e dos seus verdadeiros santos, que consiste a idolatria. Não ha doutrina mais inconsequente e absurda daquella que admite, e costuma honrar e mostrar veneração a hum príncipe, a hum parente, amigo ou homem celebre, mandando fazer o retrato delle, e collocando-o com toda a decencia, pompa e solemnidade em hum lugar distincto, e que, ao mesmo tempo, recusa ao homem a facultade de praticar o mesmo a respeito da divindade e dos beaventurados celestes. Essa Allemanha, em grande parte protestante e iconoclasta, reunia-se ha pouços annos com enthusiasmo em huma cidade, para com toda a pompa e a solemnidade levantar a estatua de *Guttenberg*. Perguntarei agora o que era essa funcção senão huma especie de culto, e de veneração moral (idolatria no sentido delles) tributada ao inven-



tor da imprensa. A querer-se tomar as expressões da Biblia ao pé da letra e em todo o seu rigor, como elles querem, isso he cousa que se não deveria fazer de modo algum, e nenhum retrato ou imagem, se deveria consentir entre os christãos para qualquer fim que fosse, pois o antigo testamento não diz sómente não adorarás, mas tambem não farás para ti cousa alguma esculpida. *Nec facies tibi quidquam sculpsile, nec adorabis illud.* A vista disto nao sei se mais deva rir ou chorar a respeito das philosophias e religiões, que procrevem as imagens. O elogio, que no meu Catme eu faço a este respeito á religião catholica, he mui justo e merecido.

(18) Allude-se á camara escura para as experiencias opticas, na qual, pela introdução da luz exterior e da do sol, e por meio de combinações de varios vidros se produzem diferentes phenomenos maravilhosos taes como os do microscopio solar, &c.

(19) Allude-se ao *Daguerrotipo*, aparelho ao mesmo tempo optico, chimico e iconographico, inventado ultimamente em França por *Daguerre*. Neste aparelho, que he huma especie de camara escura, expõe-se huma chapa de prata aos vapores do *iodo*, os quaes produzem sobre a sua superficie huma ligeira camada de *iodureto* de prata, o qual tem a propriedade de alterar-se pela acção da luz nos pontos em que esta o fere; ficando assim nesses pontos alterados, huma côr differente, do que resulta huma imagem pefeitissima dos objectos, que são apresentados á lente objectiva do aparelho, e cujo tamanho he em ponto mais ou menos pequeno, segundo a gradação das lentes. Porém, como a luz á qual se expozesse depois esta chapa alteraria tambem os outros pontos da sua superficie e destruiria a imagem, antes de se tirar fóra do aparelho a mesma chapa, expoem-se aos vapores do *mercurio*, o qual formando nelles hum *iodureto de mercurio* de côr differente do *iodureto* de prata concorre assim a conservar a imagem. Emprega-se tambem em lugar do *iodo* para este fim o *chlorureto* de ouro. A *photographia*, ou arte de escrever e imprimir pela acção da luz, parte pouco mais ou menos dos mesmos principios.

(20) O *iodo* ou *iodio* he huma substancia combustivel, havida até agora como simples e indecomponivel, que se extrahê das plantas marinas, e de varias aguas mineraes salgadas: tem huma fórma lamellar, com esplendor metallico de huma côr azulada, e volatilisa-se pela acção do calor em hum vapor de huma bella côr violeta, da qual lhe veio o nome: de *iov* violeta, ou de *Ιοειδης* violaceo.

(21) Em huma descripção poetica não se pôde fallar com precisão technica, por isso *bafo do mercurio* e outras expressões devem aqui ser tomadas no sentido metaphorico da linguagem poetica.

(22) S. João, e S. Matheus evangelistas.

(23) Raphael, insigne pintor, e Miguel Angelo Bonarotti, insigne architecto, pintor e poeta.

(24) O Archanjo S. Miguel. Allude-se aqui ás palavras do ritual das exequias: *Signifer sanctus Michael representet eas in luceem sanctam*. O porta-estandarte S. Miguel as apresenta (as almas) na luz santa, isto he no céo, na presença de Deus.

(25) He o *conitus multarum aquarum* da Biblia.

## NOTAS AO CARME QUINTO.

(1) O Sr. Theodoro Taunay, consul geral de S. M. o rei dos Francezes nesta côrte, he autor de oito bellos *idyllios brasileiros* em elegantes exámetros latinos publicados aqui em 1830 pelos typos de Gueffier, juntamente com huma bella traducção dos mesmos em alexandrinos francezes por seu irmão o Sr. Felix Emilio Taunay, actual director da Academia Imperial das Bellas Artes. Havendo varias occurrencias retardado a publicação dos meus carmes, tive



tempo de verter o ultimo desses idyllios, que tem por titulo — *Britannorum tumuli*, ou *O cemiterio dos inglezes*, e o offerço ao publico juntamente com elles.

(2) A filha do Sr. *Guilherme Young*, antigo negociante inglez desta praça, era, no seu tempo, huma das mais lindas e prendadas donzellas do Rio de Janeiro, e morreu pouco tempo depois de casada. O Sr. *Theodoro Taunay* diz della, no seu idyllio, que era digna de que outro Young a cantasse em longas noites, alludindo ás celebres noites deste escriptor, e á identidade dos apellidos.

(3) O general *Hoguendorf*, hum dos ajudantes de campo de *Napoleão*.

(4) Hum moço inglez mui talentoso, e já insigne em poesia, filho de huma distincta familia de Inglaterra.

(5) O cemiterio inglez está situado na aba de hum morro contiguo á praia, da enseada do mar denominada *Gamboá*, e está exposto aos ventos do norte, patria de todos esses sepultados.

(6) Allude ás paixões que fallarão ao coração de *Henrico VIII* quando o levirão a declarar-se a favor do protestantismo, para estabelecê-lo como religião do estado. Se os homens meditassem sempre com sangue frio, e sem prevenções sobre a origem de muitos seysmas, facil lhes seria ver nelles bém outra cousa que a linguagem dos interesses do céu, e da verdadeira fé; e não percebendo nelles senão a historia do orgulho e de outras paixões contrariadas pela santidade do catholicismo, isso só lhes bastaria para conhecerem o erro em que a hyppocrisia dos astutos, e o furor dos perversos tem arrestado a elle e ás gerações inteiras.

(7) Neste e nos seguintes versos allude-se aos côstumes funerarios dos selvagens do Brasil, principalmente os da costa e provincia do Rio de Janeiro, e de Santos como pôde-se ver em *João Estádio* e outros escriptores.

(8) Allude ás moles colossaes das pyramides do Egypto e principalmente ás da antiga Memphys, hoje cidade do Gram Cairo, as quaes já Marcial denominava de barbaros prodigios, como se vê no seguinte verso :

*Barbara pyramidum sileat miracula Memphys.*

Calle Memphys os barbaros portentos  
Das pyramides,.....

As pyramides erão destinadas a servir de sepultura aos reis egypcios; e como se pôde ver nos escriptos e estampas publicadas por *Sonnini*, *Denon* e outros viajantes, ha no seu interior hum hum estreito corredor, que conduz a huma sala mortuaria, onde existia hum sarcophago monolitho ou de pedra inteiriça destinado a receber a mumia ou corpo embalsamado. Em humas daquellas, cuja entrada ha sido descoberta, já não existe mais o corpo que ahí jazia. Como hum monte de ostras toma de per si a conformação conica, parecida com a pyramide, pôde-se tambem dizer que os corpos dos indios repousavão tambem elles dentro de huma especie de pyramide.

(9) A maior parte das urnas he feita no paiz, e he de jacarandá, as de pedra são mui poucas, e vem já feitas de alem mar.

(10) A barca, que leva os defuntos da Santa Casa da Misericordia para o novo cemiterio da Ponta do Caju, he toda pintada de preto.

(11) Ha nesta passagem huma leve imitação ou allusão a Polydoro, filho de Priamo, morto por Pygmalião, para se apoderar dos setz thesouros, do qual falla Virgilio no terceiro livro da Eneida com o estylo pathetico, que lhe he proprio. Os ramos das plantas, que crescião sobre o lugar aonde esse infeliz estava enterrado, principiãrão a verter sangue, e á final, sabirão delles gemidos, e Enéas quivio huma voz que lhe contou todo o caso horroroso. Dante no seu *Inferno* imitou esta passagem fazendo fallar aos ca-



mos de huma arvore; e servindo-se da bella comparação de huma  
tuição verde, que geme na extremidade, que fica fóra do fogo, em ra-  
ção do vapor e da humidade, que d'elle sahe.

(12) A entrada da barra guardada pelas fortalezas de Santa  
Cruz, S. João, e da Lage, tendo de hum lado o Pão de Assucar, e  
do outro o pique sobranceiro á fortaleza de Santa Cruz.

(13) A fortaleza da Lage na entrada da barra, e a de Villega-  
gnon mais adentro; ambas cercadas do mar e edificadas sobre hum  
escolho, que apenas sahe da flor d'agua: o escolho de Villegagnon  
estende-se hum pouco do lado de sud-ouest, formando como hum  
recife. Eu chamo surda a bulha do mar, que ahi se rompe, atten-  
dendo á distancia em que supponho-me quando estou fallando.

(14) A praia de Santa Luzia fronteira á barra, e na qual está  
situado o hospital da Santa Casa da Misericordia, e o seu antigo ce-  
miterio contiguo ao mesmo hospital.

(15) Este caso tem tido lugar já não poucas vezes desde o tem-  
po que sou medico deste hospital. Hum dos escravos com que isto  
aconteceu, ha mais de vinte annos, foi mais feliz: denominava-se  
*Julião*, e tirado da valla onde já o havião lançado, tornou a si,  
restabeleceo-se, e ficou servindo por muitos annos no hospital.

(16) Isto acontecia principalmente com os enfermos, que erão  
tratados na enfermaria dos tísicos antiga, que está mesmo ao lado  
do cemiterio, e cujas janellas baixas permittião a vista de toda a  
superficie deste; e acontecia tambem ultimamente com a nova en-  
fermaria dos tísicos collocada na aba do visinho morro. Os doentes  
das outras enfermarias para avistar o cemiterio precisavão sahir de  
suas câmas e chegarem-se ás janelas do fundo da grande enferma-  
ria de S. João de Deos.

(17) No meio do cemiterio havia huma grande cruz sobre hum  
pedestal de pedra e cal, e com huma lapida onde se declaravão as

indulgências concedidas pelo Papa aos fieis que visitassem esse jazigo: foi tirada depois que principiáto os trabalhos da edificação do novo hospital.

(18) Allude ao milagre da resurreição de hum campo de ossos de que falla o propheta Ezechiel.

(19) Talvez pareça hum pouco extraordinaria e mui ousada a apparição de hum espectro em pleno dia, e ás barbas do sol; mas á poesia nada he impossivel; e como pela força da imaginação Homero, Virgilio, Tasso e outros formáto cintos de cousas que ninguém jámais vio sujeitas ao poder da arte e da industria, assim pôde-se fazer apparecer, e com menos contra-senso, hum espectro diurno, sobre tudo quando esse espectro he de vapor, e quando o vapor he mais visivel de dia que de noite.

(20) O Ilhm. e Exm. Sr. José Clemente Pereira, Provedor actual da Santa Casa, a cujo zelo e actividade e valiosa influencia, se devem todas estas, e muitas outras boas mudanças e emprezas tendentes ao melhoramento da dita Casa.

(21) O novo cemiterio da Santa Casa está situado na ponta do Cajú, em hum lugar denominado Ponte do Calafate. Elle foi aberto em 2 de julho de 1839, dia da festividade de Santa Isabel, padroeira da Casa; e desde esse dia se não enterrou mais corpo algum no cemiterio junto do Hospital. Os enterros nas catacumbas e carneiros proximos da igreja forão supprimidos mais tarde. Com esta mudança o Hospital ganhou muito a respeito da salubridade, e tambem lucrou muito a cidade.

(22) Esse acto solemne, o mais grande que tenha sido celebrado na Santa Casa, teve lugar no dia 2 de julho de 1840, assistindo a elle S. M. I. e o Regente, o Bispo e varios ministros de estado. S. M. I. ajudou a carregar procissionalmente a pedra benzida primeiramente na igreja pelo Bispo, para o lugar destinado a recebê-la, que he o que corresponde á porta da entrada do novo edificio. Em huma ca-



Actual director  
das diligencias, e  
esta casa  
em 1840, e de

(2) Perro he o m

e poeta latino. Dis

der entender, e a

fizermos mais ca

ere prologo. Era n

de Anes Carval, phi

lhera uma moço, e

no mesmo tempo um

virtudes renhidas h

sem ordinariamente

que, como diz Hypo

versos a virtude; e

ator della e o odo

em Horcio pela es

tancia, Perro pela

que cada hum dos

corras de goso, dia

vidade abenta na pedra forão depositadas varias medalhas com a effigie de S. M. I., e huma inscripção commemorando este acto: o

## NOTAS AO CARME SEXTO.

(1) Actual director da Academia Imperial das Bellas Artes, a cujas diligencias, esforços e talentos, ella deve em grande parte o seu estado florescente; habil pintor, poeta e litterato: pessoa de mui san juizo, e de aureas qualidades.

(2) *Persio* he o mais sentencioso, obscuro e difficil dos satyricos e poetas latinos. Dizem que S. Jeronymo desesperado de o não poder entender, o atirou ás chammas, dizendo: queimemo-lo para o fazermos mais claro. Ha delle seis satyras precedidas de hum breve prologo. Era natural de Volterra, na Toscana, e foi discipulo de *Anno Cornuto*, philosopho estoico, do qual seguiu os principios. Morreu ainda moço, e tendo sido mui rico e de bella presença, foi ao mesmo tempo mui modesto, sobrio, casto; emfim tinha todas as virtudes reunidas ás circumstancias, que nos outros jovens favorecem ordinariamente o vicio. Elle estava no caso daquelles poetas que, como diz *Hyppolito Pindemonte*, pozerão com direito nos seus versos a virtude, que trazião impressa no coração. Com effeito o amor della e o odio do vicio he o que mais ressumbra dos seus versos. *Horacio* pela sua graça e delicadeza, *Juvenal* pela sua abundancia, *Persio* pela sua moralidade e concisão, eis o que mais distingue cada hum dos tres grandes satyricos. « Quando procuro normas de gosto, diz *Monti*, recorro a *Horacio*, quando tenho precisão de bilis contra as malvadezas humanas, visito *Juvenal*; e quando diligencio ser honesto, vivo com *Persio*. » E em outra parte: « Ao tribunal de *Horacio* nenhum defeito está seguro; e a humana virtude, que nunca he destes isenta, está continuamente em



desconfiança de si mesma. Ao tribunal de Persio não treme senão o vicio — e continua depois. « O que proctrão pois os sábios no escriptor philosopho, indignação contra o crime, orgulho para com a fortuna, contumacia para com a ambição, acrimonia contra as paixões torpes, tudo isto ha sido prehenchido por *Persio* rigorosamente; e a sua philosophia a peito (á face) da horaciana he huma veneranda matrona ao lado de huma frizante e amavel cortezá. » *Persio* tem sido traduzido em muitas linguas. Em francez ha mais de vinte traducções, entre as quaes duas em verso de *Le Noble* e *Pradier*. As mais modernas são de *Le Monnier*, e *Setis* em prosa. Em italiano ha huma traducção em verso do *Salvini*, classica quanto á linguagem, agupé, e miseria quanto ao estylo e á interpretação: ha tambem outras do *Stellati* e *Silvestri* parafraseadas; e huma do *Monti*, que he a melhor e mais fiel. O celebre padre *Solari* traduzio tambem *Persio* verso por verso como fizera com *Virgilio* e *Horacio*, mas a sua traducção levou descaminho e nunca foi publicada. *Monti* só traduzio verso por verso a ultima satyra. Em portuguez eu tinha apenas noticia de huma traducção litteral em prosa por *Joaquim Menêcs da Fonseca*, impressa em Lisboa em 1785, e que existe na Bibliotheca Imperial. Empreendi pois o anno passado huma traducção em versos portuguezes, que já conclui, e que, depois de bem corrigida, publicarei a seu tempo. Ultimamente, ha poucos dias, soube pelo Rev. Sr. conego *Januario da Cunha Barbosa* que existe huma traducção manuscripta em versos por *Maximiano Pedro de Araujo Ribeiro*, que elle possuia, e que teve a bondade de confiar-me. Esta traducção já estava licenciada para se imprimir, e a licença he datada de 7 de outubro de 1784. O estylo he fraco, e a interpretação em muitos lugares paraphraseada: he acompanhada de muitas notas, e a orthographia não parece de escriptor versado no latim, e na boa linguagem. Desejarei podê-la imprimir quando publicar a minha; para o que não achei alheio o animo do illustre possuidor do manuscripto. A minha traducção italiana foi principiada ha muitos annos, porém não está de tóto concluida, O Sr. *Feliz Emilio Tannay* concluiu a sua em ver-

ieb

ieb



...os francezes; porém não tem querido por ora offercê-la ao público. *Persio* he hum dos livros da minha paixão: acho nelle não só tudo o que os seus admiradores tem achado; mas, além disso, se he licita a expressão, huma pequena biblia da philosophia pagã, porque não ha maxima dessa philosophia, que alguém queira expressar, para a qual não ache nelle hum texto conveniente. Talvez isto em mim o que era uo Abade *Galiani* a paixão por *cio*, no qual elle não só achava toda a philosophia, mas ti principios da economia politica, de maneira que tencionava ver hum tratado desta sciencia, quasi sómente com palavras ses de *Horacio*, mas he rara a vez que me lembra de expr guma sentença, e que logo immediatamente *Persio* me nã os termos com alguns dos seus versos. O que não acho, neste autor, e o que o paganimo não conheceu, he o sentia da caridade, que constitue a base da philosophia christã. Elle não conhecia e não admittia outra virtude que não fosse filha, ou descendente da razão; e havia como impossivel que sem esta existis tisse virtude, e houvesse ausencia de vicio. Elle dizia:

Nil tibi concessit ratio? digitum exere peccas:  
Et quid tam parvum est? sed nullo thure litabis.  
Hæreat in stultis brevis ut semuncia recti.

isto he: Se a razão não te assiste, hum dedo que movas tu peccas. E o que ha de mais insignificante? comtudo não ha incenso com que possas fazer em teus sacrificios que aninhe em hum estulto hum ceutil de rectidão. Do que bem se vê que elle desconheceu a virtude que he filha do sentimento, e filha muito mais terria e mais util para a humanidade, do que essa virtude filha da razão secca e fria como ella, e mui facil a degenerar em egoismo e misanthropia. E se eu fallo ou não verdade que o digão tantos monumentos, que, do verdadeiro amor dos homens, a caridade christã tem deixado por toda a parte, mesmo nos secuios de maior ignorancia, e por mãos de homens estultos, e baixos sim quanto ao intellecto, mas muito sublimes quanto ao coração. A philosophia da razão

quasi nada tem criado de semelhante, ou se alguma coisa tem criado, está isso em proporção mui diminuta comparativamente ao que ella tem destruido. *Persio*, *Horacio*, e outros poetas, e as Musas da antiguidade são excellente cousa, mas sem o evangelho, sem a moral de JESUS CHRISTO, e as Musas de São, nada pôde haver de mercedito, e verdadeiramente humanitário. He nisto que consiste o verdadeiro merecimento da poesia christã *Comental*, que se eleva ao *Persio* não pelo intellecto, como pelo coração, e que com ambos fallece vitorioso a Deos, quer aos homens.

*Racine* he dos tragicos francezes, aquelle cuja linguagem pura e castigada, e por isso classica. He tambem o mais natural: e se a lingua em que escreveo fosse igual á latina, o premio teria dado á França ontro *Virgilio*, do qual possuio toda a pureza e a ternura: mas o seu instrumento era muito inferior, não so ao de *Virgilio*, mas aos que andão nas mãos dos poetas de varias nações modernas, cujos idiomas são menos anti-poeticos, e mais naturais do que o da lingua franceza, que he todo facticio, convencional, e quasi sempre contrario á successão natural das idéas, como nao deixão de o conhecer muitos sabios Francezes. Quando eu publicar a minha traducção de *Persio*, tratarei mais diffusamente deste assumpto, e mostrarei quanto a lingua italiana e a portugueza são mais poeticas e philosophicas, e a incapacidade da lingua franceza para certas bellezas de idéa e de sentimento que nas ditas duas linguas se expressão mui facilmente, com muita felicidade, sómente com *iperbato* ou transposição variada das palavras, que o francez quasi não conhece. Eu mostrarei como sómente com a palavra *viunt* collocada em hum lugar apropriado expressou *Persio*, hum sem numero de idéas, que *Monnier* e *Selis* não poderão apreciar, e não apresentarão na sua traducção, porque, como Francezes, não tinham idéa da linguagem de successão e correlação dispositivas dos termos do latim, e que hum Italiano e hum Portuguez facilmente entendem porque estão a ellas acostumados nas suas mesmas linguas.



- (4) *Déville* hé o melhor traductor francez de Virgilio, (5)  
(5) As traducções de Persio, em versos francezes por *Le Noble*  
e *Pradier* não são fieis, e são antes humas paraphrases. *Momnier* e  
*Selis*, apezar des suas pretensões e da guerra que tiverão hum com  
o outro não fizeram em prosa cousa muito exacta e satisfactoria.  
(6) Allude-se ao dito de Horacio.

*Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas.*  
*Regumque turres.*

C'o mesmo pé pallida bate a morte

As cazebras do pobre, e ás regias torres.

(7) A Condeza d'Escragnolle, *Adelaide de Beaurepaire*, sogra  
do Sr. Felix Emilio Taunay, fallecida em 22 de setembro de 1840,  
e as suas finadas filhas *Amalia* e *Carolina*, fallecidas em idade nubil:  
a primeira, em 16 de outubro de 1841; e a segunda, em 6 de ja-  
neiro de 1838; ambas mui prendadas e virtuosas, e irmãs da  
illma. Srá. D. Gabriella, esposa do dito meu amigo.

(8) As pessoas que conhecêrão familiarmente a finada Condeza  
d'Escragnolle não acharão exaggeração alguma no que digo desta  
respeitavel e virtuosa senhora.

(9) *Brasilio louro*; o cafezeiro, planta das armas nacionaes,  
cujas folhas alguma parecencia tem com o louro, e que servem neste  
paiz para ornamentos e corôas como o louro.

(10) Allude-se ao titulo de Imperador do Brasil que *El. Rei*  
*D. João VI* assumiu e conservou na occasião do reconhecimento da  
Independencia do Brasil, e do qual muito se comprazia.

(11) S. M. I. o Sr. D. PEDRO II costuma ir todos os annos, no  
dia 24 de setembro, anniversario da morte de seu augusto pai, su-  
fragar a alma do mesmo na igreja de Nossa Senhora da Gloria, si-  
ta sobre hum morro, e á qual o mesmo seu augusto pai costumava  
ir todos os sabbados fazer oração e ouvir missa.

(12) Allude-se ás palavras de huma escripta de S. M. I. o Senhor D. PEDRO II, feita nos primeiros annos do seu tyrocínio calligraphico, e da sua menoridade politica, na qual se lê em bastardo: *meu querido pai, meu querido pai*. Esta escripta acha-se em huma collecção de escriptas do mesmo augusto Senhor, que existe no archivo da Sociedade Amante da Instrucção, á qual foi doada pelo Sr. Luiz Aleixo Boulager, mestre d'escripta de S. M. I.

(13) A imperatriz Leopoldina Carolina d'Austria, Augusta mãe de S. M. I. o Sr. D. Pedro II, fallecida em 11 de dezembro de 1826; e cujos restos mortaes existem na igreja de Nossa senhora da Ajuda: princeza de muita instrucção e de altas virtudes, e que realmente foi muito amada e chorada pelo povo Fluminense.

(13 a) Meus queridos pais João Baptista De-Simoni e Maria Cherubina De-Gasparis, e meus presados amos André Miguel Angelo De-Simoni e Clemente Patricio De-Simoni, todos fallecidos depois da minha ausencia da Italia. Os louvores de hum filho para com seus progenitores, ainda que tributo de gratidão devido, são sempre suspeitos; comtudo, eu não deixarei por isso fugir a occasião de honrar com elles a memoria dos que depois de Deos me derão o ser, e cujo amor e sacrificios me proporcionarão os meios para ser o que sou. Era meu pai natural de Genova, porém seu pai estabeleceu-se depois com toda a familia na cidade de Gavi, aonde teve officina pharmaceutica, e possuiu terras. Querendo elle dever sua fortuna sómente a si mesmo, foi se estabelecer em Novi aonthe casou e exercu a profissão pharmaceutica de seu pai. Elle é sua esposa, além de todas as virtudes domesticas e christãs, possuião as do bom cidadão e do verdadeiro patriota: amavam ao seu paiz e as suas velhas instituições, e não podião soffrer que a sua patria fosse por qualquer modo opprimida ou ludibriada pela influencia e jugo estrangeiros. Como acontecera ao sublime animo de Alfieri, hum bom senso natural os não deixara fascinar pelo falso esplendor de huma liberdade infrene e irreligiosa, proclamada por



armas estrangeiras, que rapinavão e devastavão o bello paiz que dizião ter vindo libertar. Por isso foi mal visto e perseguido durante a revolução franceza do fim do seculo passado, e no tempo do imperio napoleonico, como desaffectedo aos Francezes. Durante a guerra elle yio saqueada a sua botica pelos Russos, que tudo estragaram, e o deixarão sem nada. Decahido da fortuna por essas e outras circumstancias, ainda mais se arruinou para me fazer dar educação, manter-me na universidade e livrar-me da conscripção, pon-do em meu lugar substituto por alto preço superior ás suas posses. A morte de meu irmão André, primogenito da familia, acontecida pouco tempo depois da minha vinda ao Brasil, e a de minha mãe, que succedeu estando eu em Moçambique, acabarão de o acabrunhar, e elle arrastou por muito tempo huma existencia veletudinaria quasi até idade de 90 annos. Sejão estas linhas monumento da gratidão de seu filho, o qual nunca pôde mostrar-se grato quanto teria desejado.

(14) Minha querida filha *Paulina Adelaide*, nascida aos 25 de janeiro de 1840, e fallecida aos 2 de abril de 1841.

(15) Meu querido filho *Luiz Ignacio*, nascido em 27 de julho de 1841, e fallecido 22 horas depois.

(16) O tenente coronel *Luiz Ignacio de Araujo Azambuja*, meu presado sogro, cuja memoria será sempre para mim sacra e chorada, falleceu em 5 de março de 1836.

(17) Minhas prezadas filhas viventes *Thereza Cherubina*, *Maria Luiza* e *Placidia Clementina*, a primeira com 7 e meio, a segunda com 6, e a terceira com 3 annos de idade.

(18) Minha prezada tia *D. Anna Bonifacia de Araujo Azambuja*, irmã de meu finado sogro, fallecida em setembro de 1840. Esta senhora tendo ficado tolhida das mãos por hum ataque de nervos, conservou por muito tempo o seu antigo espirito e habilidade que tinha para fazer toda a qualidade de flores, desenhos e algumas

peças de escultura em que trabalhava admiravelmente mesmo com as mãos tolhidas.

(19) **D. Ludovina**, mulher do desembargador **José Bonifácio de Araújo Azambuja**, irmão de meu sogro. Nasceu em Portugal em 1<sup>o</sup> de março de 1793, e falleceu nesta corte em 18<sup>o</sup> de janeiro de 1835.

(20) Desde a época da morte de meu sogro a minha família tem quasi sempre andado de luto por algum parente.

(21) **João Carlos Nascentes de Azambuja**, filho do coronel **Manoel Theodoró de Araújo Azambuja**, irmão de meu sogro. Nasceu em 29 de setembro de 1813, falleceu em 16 de fevereiro de 1837, tendo quasi quatro annos de estudante do curso juridico de S. Paulo; e sendo joven talentoso e de muitas esperanças.

(22) **D. Maria Carolina Nascentes de Azambuja**, irmã do antecedente, nascida em 24 de junho de 1810, e fallecida em 28 de setembro de 1839; senhora de bastante merecimento, e cuja morte consternou muito a família por circumstancias que aggravão a perda.

(23) **Candido José Nascentes de Azambuja**, irmão dos antecedentes, nascido em novembro de 1827, e fallecido em 15 de março de 1839.

(24) O marechal **Daniel Pedro Muller**, natural de Lisboa, que residia ultimamente em S. Paulo; aonde casára com huma prima de minha mulher, e aonde falleceu em 1<sup>o</sup> de agosto de 1841; affogado em hum rio, no qual foi achado sem se saber como aconteceu semelhante desastre. Era homem de muito saber e valor, e alguns escriptos, que elle publicou, e as suas bellas qualidades lhe grangearão o conceito e estima dos Paulistas.

(25) **Adriano Taunay**, irmão dos Srs. **Felix, Emilio, Theodoró e Carlos Taunay**, affogado no Rio Guaporé, perto do Cutabá, em

5 de janeiro de 1828, joven de grande talento e habilidade na pintura, escultura e musica, e de mui grandes esperanças: era aggregado á expedição scientifica de M. Langsdorf, e havia acompanhado a expedição franceza á roda do mundo dirigida por M. Freycines.

(26) O Sr. Theodoro Taunay compoz, na occasião da noticia da morte do acima mencionado seu irmão, huma ode franceza, da qual possui huma copia manuscripta.

(27) Não ha membro da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e pessoa alguma, que de perto tenha conhecido ao finado infeliz *Conde de Gestas*, que possa achar exagerado o que eu digo delle no meu Carme. O caso de sua infeliz morte he veridico em todas as circumstancias, que refiro, e aconteceu em 28 de julho de 1837. Nasceu o *Conde de Gestas* em 1788, e emigrou da França sua patria, em pequena idade, no tempo da revolução do seculo passado, e á final veio estabelecer-se aqui no Rio de Janeiro com sua tia a condeza de Roquefeuil, onde foi bem acolhido por El-Rei D. João VI. Era mui humano, sobrio, frugal e castissimo, de bellas maneiras e de costumes angelicos; instruido, perito e habil na musica e nas artes mechanicas, de hum genio activo e trabalhador, e muito apaixonado pela agricultura e pela industria; varias plantas e hortaliças forão por elle introduzidos neste paiz, e plantadas em hum sitio que elle comprara na Tejuca, ou na ilha do Vizanna, que possuia, e aonde morava quando lhe aconteceu o fatal desastre. Desta, vinha muitas vezes affrontando o mar tempestuoso, e todas as intemperies, para nunca faltar ás sessões da dita sociedade, da qual era hum dos membros mais activos e zelosos. Veja-se a respeito delle o elogio necrológico, lido á mesma sociedade pelo Sr. conego *Januario da Cunha Barbosa*, impresso no jornal da dita sociedade.

(28) Nome indiano do celebre *Martim Affonso de Souza*, Indio natural da Capitania do Espirito Santo, fundador da Aldéa de S.



Lourenço, o qual veio com quatro mil flecheiros indios em soccorro de *Men de Sá*, para a expulsão de *Nicoláo Villegagnon*, e que depois de se ter assignalado por muitos prodígios de valor, morreu affogado perto da ilha do Fundão.

(29) Os membros da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

(30) O infeliz *Francisco de Assiz Peregrino*, filho do Sr. *Joaquim Baptista Peregrino*, ambos naturaes da provincia de Minas. O joven Peregrino, talentoso, activo e mui instruido na chimica, achava-se encarregado da composição do fogo artificial, que devia arder no dia 23 de julho de 1841, para solemnisar a sagração e coroação de S. M. I. o Senhor D. PEDRO II; e nisso havia elle empenhado todos os esforços e recursos do seu genio, e todos os seus conhecimentos chimicos. Assevera-se que o espectáculo pyrothecnico, que elle havia preparado, era de huma invenção inteiramente nova, e mui extraordinario. O fogo era preparado e guardado no denominado *Palacete do Campo da Acclamação*, onde havia sido acclamado o Imperador D. PEDRO I, pequeno edificio situado no centro dessa vasta praça; e que mesmo fora lembrado para esse fim, com a previsão da possibilidade de hum incendio e explosão, attento o seu isolamento. O fogo pegou infelizmente, não se sabe como, no dia 22, ás 10 horas e meia da manhã, em huma das peças pyrothecnicas preparadas; e deu tempo a que alguns dos trabalhadores podessem fugir incolumes. O jovem Peregrino tratou primeiro de pôr em salvo seu pai, que alli se achava, e este cuidado, retardando sua retirada, foi causa da sua morte; pois, apenas elle havia saltado por huma das janellas, huma violenta explosão, causada pela polvora e outras substancias detonantes, que existião no edificio em quantidade consideravel, arrojou sobre elle huma das paredes do mesmo, debaixo de cujas ruinas ficou sepultado e morto. Morrêrão tambem nessa occasião, queimados pelo fogo, ou sepultados pelas ruinas, alguns outros trabalhadores e outros ficarão mui maltratados; e succumbirão depois. Este suc-

cesso consternou toda a cidade, na qual foi muito lastimada a morte do infeliz e talentoso joven. Os directores da illuminação do Largo do Rocio, ou Praça da Constituição, condoídos da desgraça do infeliz pai d'elle, offerecêrão-lhe o *Templo Chinez*, erigido nessa praça para a dita illuminação: o afflicto velho declarou que o aceitava, não para si, mas para os filhos e viúvas dos outros infelizes que haviam ficado victimas da explosão, dizendo que a elle ainda ficayão meios para ganhar com que podesse arrastar os tristes dias de vida que lhe restavão, mas que aos infelizes e desvalidos orphãos e viúvas faltavão esses recursos. Quer o acto do filho para com o pai, quer o deste para com estes infelizes são bellos rasgos de generosidade; e a poesia faltaria á sua nobre e divina missão se elle não eternizasse com a linguagem das Musas. Esta nota poderá talvez parecer tolosa aos leitores desta côrte, aonde a memoria do deploravel successo ainda he muito fresca; mas eu não escrevo só para o Rio de Janeiro, nem sómente para a idade presente.

(31) O Dr. *Francisco Bernardino Ribeiro*, filho do Sr. *Francisco das Chagas Ribeiro*, nascido nesta côrte em 16 de julho de 1815, e fallecido em 15 de junho de 1837. O talento e instrucção desse joven brasileiro erão verdadeiramente extraordinarios: basta dizer que, na idade de 21 annos, era lente de direito criminal no curso juridico de S. Paulo. Elle publicou hum ensaio sobre a origem dos theatros, e escreveu varias memorias, artigos e poesias sobre differentes assumptos politico-litterarios, que se achão impressos na *Revista Nacional e Estrangeira*, que foi aqui publicada, e em varios periodicos de S. Paulo.

(32) *Deosa da justiça*, filha do Céu e da Terra.

(33) Auctores celebres, que escreverão sobre economia politica.

(34) Todas as circunstancias deste caso, que refiro, são reaes, e concorrem no Sr. *Julio Cesar Muzzi*, filho do meu finado collega e amigo *Heraules Octaviano Muzzi*, excepto a do pranto da mãe do

menino *Innocencio*, a qual já era fallecida, mas que para completar o meu quadro poetico, e torna-lo mais tocante, eu represento nelle como ainda viva.

(35) Dia do fallecimento de minha filha *Paulina*:

(36) O acima mencionado *Hercules Octaviano Muzzi*, cirurgião da Casa Imperial, Membro Honorario da Academia Imperial de Medicina, e da Sociedade Real Jenneriana de Londres, inspector do Instituto Vaccinico desta corte, homem cuja actividade e zelo em promover a propagação da vaccina neste paiz, no decurso de mais de 30 annos, o tinham tornado mui benemerito da sua patria e da humanidade. Nasceu em 10 de março de 1782, falleceu em 27 de setembro de 1840. Está sepultado em Santo Antonio.

(37) Humna menina de 10 mezes, de nome *Maria Luiza*, filha dos Srs. *Bernardo de Souza Dias* e *D. Theresza Mafalda Lopes Dias*. Esta Senhora foi mulher de meu finado sogro, do qual, em 14 annos de consorcio, nunca teve filhos, e educou, sempre tratou e trata com amor de verdadeira mãe a minha mulher sua enteada, e eu devo-lhe ser grato com o amor de filho. No 2º seu consorcio, tendo tido a dita menina, a morte cruelmente lh'a roubou em 13 de junho de 1839.

(38) Duas meninas do meu amigo e collega o Sr. *João Alves de Moura*, cujas catacumbas achão-se na mesma fileira de alto, abaixo, no claustro sepulchral de S. Francisco de Paula, aonde tambem existem a urna do finado seu pai meu amigo e collega *Jeronymo Alves de Moura*, antigo lente de clinica da velha Escola de Medicina, e cirurgião-mór da Santa Casa da Misericórdia; e a catacumba de *D. Pulcheria Cirne*, mulher do dito meu amigo e collega, vivente.

(39) Os Srs. Drs. *José Pereira Rego* e *Joaquim Marcos de Almeida Rego*.

(40) Este facto hé verdadeiro, e é o amigo e collega de que fal-



lo, he o Sr. Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles. Cumpre-me aqui assignalar a sensibilidade e amor conjugal de outros dous meus collegas e amigos, aos quaes com verdadeira e perenne dôr tenho visto chorar a perda das suas caras esposas. O meu coração folga todas as vezes que tem occasião de observar, honrar e louvar a virtude, principalmente nos seus amigos, e desmentir assim aos detractores do nosso seculo, e da nossa profissão. Os collegas e amigos de que fallo são os Srs. *Honorio José da Cunha Grugel do Amaral* e *Dr. José Bento da Rosa*. Ao primeiro vi muitas vezes no dia de finados derramar lagrimas mui copiosas sobre a urna de sua finada cara consorte, e o segundo pouco faltou não succumbisse, e não perdesse a razão com a intensidade e prolongação do desgosto que lhe causou igual perda. No homem de bem a sciencia e o habito nunca destroem a humanidade, antes a apurão em tudo o que ella tem de mais sublime e divino.

(41) Esta sepultura, de que fallo, distinguia-se no dia de finados de 1841, em S. Francisco de Paula, de todos os outros tumulos, pelo modo com que ella estava armada e enfeitada sem pompa de luxo mas com todos os caracteres de hum grande culto, filho de hum grande affecto e grande dôr. Soube depois que ella encerrava os ossos da mulher e quatro filhinhos de hum meu amigo e collega, cujas desgraçadas perdas eu ignorava, e que elle me contou com huma dôr e hum pranto que me enternecerão: e como ainda nessa época este meu Carne não estivesse concluido, tive tempo e occasião para consagrar a esse seu virtuoso sentimento estes poucos versos, tributo merecido, do qual sómente elle terá noticia quando os ler. Respeitando até certo ponto o anonymo, que elle quiz guardar no seu culto tumular, eu só darei aqui as letras iniciaes do seu nome, que são F. C. de V. Hum amigo seu que fôra visitar o tumulo de outro seu amigo, vendo-o triste e lagrimoso, perguntou-lhe a razão disso, pois elle tambem ignorava as suas perdas; elle, entre soluços, o informou dellas; ao que o amigo, rompendo em hum largo pranto, abraçou-o dizendo: *eu tambem vim ver a urna de hum*

meu caro amigo; e nomeando-o, as lágrimas e os soluços lhe embatacayão a voz, e ambos juntos choravão.

(42) Huma menina de muy pequena idade foi vista n'esse anno chorar ao pé da urna de sua mãe fallecida alguns annos antes. Aproveitando este facto e as suas circumstancias, fiz delles applicação á terceira filha do meu amigo e collega o Sr. Antonio Martins Pinheiro, a qual tem a mesma idade dessa que foi vista, e tem o mesmo nome de sua mãe, com a qual he muito parecida.

(43) A finada D. Albina Martins Pinheiro, mulher do mencionado meu amigo e collega o Sr. Antonio Martins Pinheiro. Tudo quanto digo desta excellente e virtuosa senhora, quer a meu respeito, quer de seu marido e mais pessoas, he verdadeiro em todo o rigor da palavra.

(44) Este facto he verdadeiro e foi presenciado não só por mim, como por muitas outras pessoas; assim como he tambem verdadeiro tudo quanto eu digo a respeito do dito meu amigo.

(45) O finado cirurgião João Alvares Carneiro, insigne pela sua caridade para com os pobres, dos quaes foi por muitos annos espontaneamente medico gratuito e esmoleiro, e que era geralmente estimado por essas e muitas outras bellas qualidades, e cuja morte acontecida em 13 de novembro de 1837 foi geralmente chorada por esta cidade, e principalmente pelas classes pobres. Está sepultado em S. Bento. Era tal o conceito de probidade que elle gozava, que, no meio das intrigas e caballas eleitoraes dos partidos, elle sempre sahia eleitor da sua freguezia quasi com a unanimidade de votos. Elle havia criado e educado a D. Albina como se ella fosse sua filha; e esta, sob o nome de padrinho, o amava como se elle fosse seu verdadeiro pai.

(46) O cirurgião Hercules Octaviano Muzzi do qual já se fallou na nota 36.

ieib

ieib



17) O cirurgião...  
18) O governador...  
19) D. Rodrigo de...  
20) D. Fernando de...

(47) O cirurgião *Joaquim José Marques*, lente de anatomia da antiga Academia medico-cirurgica, e da faculdade de medicina desta corte. Exerceu o magisterio por mais de 20 annos; e publicou aqui hum curso de anatomia. Falleceu em 28 de julho de 1841. Está sepultado no claustro do convento de Santo Antonio.

(48) O governador *Gomes Freire de Andrade*, depois conde de Bobadella. Governou 29 annos a provincia do Rio de Janeiro antes que seus governadores tivessem o titulo de Capitães Generaes e de Vice-reis: Edificou o Aqueducto da Carioca e o convento de Santa Thereza; a casa do Arsenal de guerra; e fez muitas outras obras e melhoramentos. O retrato d'elle foi, por ordem do governo de Portugal, collocado na casa da Camara Municipal desta corte, donde ainda existe, em memoria dos muitos beneficios, que fez a esta cidade durante o seu governo. Falleceu em janeiro de 1769 e está sepultado em Santa Thereza, cujas religiosas o considerão e honrão como seu grande bemfeitor, e conservão o retrato d'elle em huma das salas do convento.

(49) *Estacio de Sá*, commandante de huma expedição mandada de Portugal em 1565 para desalojar os Francezes estabelecidos no Rio de Janeiro: morreu de huma frecha dos Tamoyos, aliados dos Francezes, no combate que expellio a estes do lugar que occupavão. O seu corpo existe hoje na igreja, que foi dos Jesuitas, sita no morro do Castello, aberta novamente ha pouco tempo, depois de haver estado muitos annos fechada. S. M. I. o Sr. D. Pedro II. alguns dias depois da sua maioridade foi ver o tumulo deste illustre guerreiro.

(50) D. *Rodrigo de Souza Coutinho*, Conde de Linhares, Ministro de Estado de D. *João VI*; fundou a fabrica de ferro de S. João de Ypanema: falleceu em 26 de janeiro de 1817.

(51) D. *Fernão de Almeida Portugal*, Marquez de Aguiar. Foi governador da Bahia e Vice-rei no Rio de Janeiro, e depois

Ministro de Estado de D. João VI. Foi probo, amigo do saber e das letras, e muito concorreu para o estabelecimento dos altos tribunales nesta côrte.

(52) D. Antonio de Araujo Azevedo, Conde da Barca, Ministro de Estado de D. João VI: foi muito amigo das letras, das sciencias e das bellas artes, e do progresso dellas no Brasil. Estabeleceu hum laboratorio de chimica em sua casa, e hum escola desta sciencia, e deu principio á Academia das bellas artes com o decreto de sua creação, em data de 12 de agosto de 1815. Para effectuar esta creação mandou vir da Europa hum colonia de architectos e pintores, a qual estabeleceu depois a dita Academia em 5 de novembro de 1826, dia em que, por obra do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo, foi realmente installada e forão abertas as aulas. Thomaz Antonio de Villanova Portugal, Ministro de D. João VI, havia, por decreto de 23 de novembro de 1820, feito hum reforma da lei da criação desse estabelecimento, a qual, bem como a mesma lei, nunca teve effecto. Ultimamente effectuou-se hum reforma sob ni-ministerio do Dr. José Lino Coutinho, por decreto de 30 de dezembro de 1831. Foi o Conde da Barca quem mandou vir da China hum pequena colonia de Chins para estabelecer a cultura do chá na Lagoa de Rodrigo de Freitas.

(53) Deyo-se ao tenente general Arouche de Toledo Rendom, o estabelecimento da cultura do chá em S. Paulo, onde ella vai progredindo. Foi elle quem levou a planta para aquella provincia.

(54) O desembargador João Alberto Castello Branco introduziu a planta do café no Rio de Janeiro em 1770. Morreu aqui em chanceler da relação. A planta que elle introduziu veio do Pará ou do Maranhão onde a levava de Cayanna hum desertor. A semente do chá foi trazida da ilha de Bourbon pelo chefe de esquadra Luiz de Abreu, que lá esteve prisioneiro. Quanto ao introductor da canna de assucar não ha certeza: Ha quem pretenda que a canna existia já no Brasil quando forão descobertos alguns de seus pontos.

(55) O P. Mestre Frei *José Marianno da Conceição Velloso*, franciscano, que antes de tomar o estado ecclesiastico chamava-se *José Velloso Xavier*, nascido na villa de S. José do Rio das Mortes em 1742, fallecido aos 13 de julho de 1811 nesta côrte, e sepultado no Convento de Santo Antonio. Insigne naturalista, autor da celebre *Flora fluminense*, do *fazendeiro do Brasil* e de muitas memorias sobre varios objectos de historia natural, &c.

(56) Monsenhor *José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo*, Fluminense. Nasceu em 12 de outubro de 1753, falleceu nesta côrte em 14 de maio de 1830. He autor de varios volumes com o titulo de *memorias historicas do Rio de Janeiro*.

(57) O conselheiro *Balthazar da Silva Lisboa*, irmão do visconde de Cayrú, Bahiano; nasceu a 6 de janeiro de 1761, falleceu aos 14 de agosto de 1840; Magistrado: autor dos *Annaes do Rio de Janeiro*, publicados em 7 volumes.

(58) O visconde de Cayrú, *José da Silva Lisboa*: Bahiano. Nasceu aos 16 de julho de 1756, falleceu aos 20 de agosto de 1835, está sepultado em Santo Antonio; foi magistrado, lente da universidade de Coimbra, presidente da Junta do Commercio, e finalmente senador do Imperio. Era homem mui probo, severo, de huma erudição vastissima. Publicou em Lisboa em 1804 hum tratado intitulado *Principios de Economia Política*, e outro em 1808 com o titulo de *Observações sobre o commercio franco*, e nesta côrte varios folhetos para as escolas primarias; e escreveu varios jornaes politicos.

(59) O Padre *Antonio Pereira de Souza Caldas*, Fluminense; nascido em 24 de novembro de 1762, falleceu nesta côrte em 2 de março de 1814, jaz na casa do capitulo do convento de Santo Antonio. Doutor em canones, insigne pregador, litterato e poeta. Autor de 2 volumes de varias poesias sacras e profanas. Humas cartas delle, a imitação das de Montesquieu, sermões e varias outras



obras não forão publicadas. A sua odè a Dèos he huma das mais bellas e sublimes produções do seu talento.

(60) Frei *Francisco de S. Carlos*, insigne pregador e poeta. Nasceu nesta còrte em agosto de 1763, e falleceu em 6 de maio de 1819, no convento de Santo Antonio, onde está sepultado. Ha d'elle publicado o seu poema Epico da Assumpção da Virgem Nossa Senhora, em 8 cantos em versos heroicos, rimando por distychos, no que elle quiz imitar os versos heroicos francezes; má escolha de modello para a lingua portugueza, e para hum grande poema, por causa da enfadonha monotonia rhythmica, que esta disposição de consoantes traz consigo, e por outros inconvenientes. Todavia, o seu poema encerra muitas bellezas comparaveis com as de Milton, Dante e outros poetas classicos.

(61) *Thomaz de Kempis*, autor do celebre tratado de *Imitaitone Christi*.

(62) Milton, poeta epico inglez, autor do *Paraiso Perdido*, ou queda e punição dos anjos rebeldes.

(63) O *Gonzaga*, autor das lyras intituladas *Marilia de Dirceo*. Parece bem fundada a opinião dos que contestão que este poeta seja natural do Brasil, e o querem filho da Europa. Todavia, deve ser lembrado entre os poetas Brasileiros porque aqui viveu muitos annos, e foi aqui que lhe aconteceu a desgraça, que o fez desterrar para Moçambique, aonde morreu mui pobre, depois de haver sido muito rico. Quando eu estive em Moçambique só vivia huma filha d'elle, moça, nubil; que depois casou, e não sei se hoje ainda vive. Gontão todos em Moçambique que nunca lhe virão pôr o chapéo na cabeça, o que attribuião a huma especie de proposito, que elle havia feito, depois da sua desgraça. No seu exilio escreveu muitas poesias, que se perderão ou forão sonegadas. O que digo relativamente á sua sombra deve-se entender em sentido poetico; isto he que, quan-

do as tempestades se acalmavão parecia á minha imaginação que fosse o som da lyra de Gonzaga quem as acalmava.

(64) *José Basilio da Gama*, poeta celebre, natural da Comarca do Rio das Mortes, nascido em 1740, e fallecido em Lisboa com mais de 60 annos de idade; autor de muitas poesias, e entre ellas, do celebre poema *Uruguay*. Hum frade, que o assistio na occasião da morte queimou muitas das suas tragedias, e outras poesias que elle pôde apanhar. Era Arcade de Roma com o nome pastoril de *Termino Sipilio*.

(65) *Fr. Francisco José de Santa Rita Durão*, natural de Catapreta em Minas. Publicou em 1781 em Lisboa o seu poema *Caramuru* em 10 cantos e em oitavas: nelle conta as aventuras do celebre *Diogo Aves Correia* entre os Indios, e em varios episodios, dá conta da Historia do Brasil e dos ritos e tradições dos seus naturaes.

(66) *Moçambique*, pequena ilha e cidade, capital da Africa Oriental Portugueza, onde exerci dous annos o lugar de physico mór desde os fins de 1819 até meado de 1821. Os filhos do paiz dão alli o nome de *monomucaia* ás fortes tempestades, que ás vezes são ainda mais violentas por fortes tremores de terra, que as acompanhão.

(67) Nome pastoril do celebre conselheiro *José Bonifácio de Andrada e Silva*, mui sabio, escriptor em mineralogia e outras sciencias naturaes, autor de humas poesias que correm com o dito nome pastoril, e de outras, primeiro tutor de S. M. I. o Sr. D. Pedro II, patriarcha da independencia, &c. Nasceu em Santos aos 13 de junho de 1763, falleceu nesta corte aos 6 de abril de 1838. Veja-se o seu elogio pelo Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, no 4.<sup>o</sup> volume da *Revista Medica Fluminense*.

(68) Allusão ao discurso, que, como secretario geral da Academia Imperial de Medicina, da qual elle era membro honorario, eu proferi na occasião da sua inhumação.

(69) **João Bonifácio de Andrada e Silva** foi levado em braços pelo povo entre os vivos e applausos três vezes. Em 30 de outubro de 1822, na véspera da dissolução da Constituinte, e depois da sua morte: nesta ultima occasião, todos disputavam a honra de carregar o seu esquife.

(70) **Evaristo Ferreira da Veiga**, Fluminense, nascido em 8 de outubro de 1799 fallecido nesta côrte em 12 de maio de 1837. Autor do Hymno Brasileiro da Independencia e de muitas poesias ainda ineditas, redactor do celebre jornal *Aurora Fluminense*, chefe do antigo partido *Moderado*, a cuja habilidade e talento deve-se em grande parte a conservação do systema monarchico constitucional do Brasil. Serviço, cuja eminencia e alta importancia, conjunctamente com outras virtudes, deve fazer esquecer a todos quaesquer agravos e erros devidos em grande parte aos tempos e a outras circumstancias. Veja-se o elogio d'elle por mim recitado na Sociedade Amante da Instrução, e impresso nas *Honras e Saudades*, que essa sociedade tributou á memoria desse seu benfeitor em 12 de agosto de 1837.

(71) O Marquez de Caravellas; **José Joaquim Carneiro de Campos**, Bahiano; nasceu em 4 de março de 1768; falleceu nesta côrte em 8 de setembro de 1836. Foi Senador do Imperio, Ministro d'Estado, Membro e Presidente da Regencia interina nomeada em 7 de abril de 1831. Ao entrar no Ministerio dos Negocios do Imperio em 1830, achou dormindo, havia seis mezes, na pasta o projecto e Estatutos da Sociedade de Medicina que havia sido submettido á approvação do Governo, pelos membros fundadores dessa instituição immediatamente depois do acte da fundação effectuada em 30 de junho de 1829. Seu illustrado zelo, e conselhos dissipáro toda a tibieza e receios que havia a respeito da approvação daquella Sociedade; e por decreto do Imperador D. Pedro I; em data de 15 de janeiro desse anno a instituição foi approvada e installada publicamente em 24 de abril seguinte, e depois reformada, e convertida em Academia Imperial de Medicina,

ieib

ieib



por decreto da Regencia em 8 de maio de 1835, referendado pelo Exm. Sr. Joaquim Vieira da Silva e Souza, ao qual he principalmente devida essa reforma. A sociedade, em signal de reconhecimento, nomeou ao Marquez de Caravellas seu Membro Honorario, e o mesmo, com approvação do Governo, fez a Academia para com o ministro, ao qual devia a sua nova organisação.

(72) Celebre ministro francez que muito protegeu as sciencias, e que muito concorreu para o estabelecimento do corpo academico de medicina em França, no reinado do Luiz XIV.

(73) As urnas de sua sogra e cunhadas, a condeza d'Escragnolle, e filhas da mesma, das quaes já se fallou.

### NOTAS AO IDYLIO.

(1) Eis o original.

*Aestivum solis splendorem Aurora reduxit.*

Traduzi este verso em varios modos e aqui dou os variantes para o leitor escolher.

Do sol a estiva luz a Aurora trouxe.

Reluzir fez a Aurora o sol estivo.

Reconduzio a Aurora o sol estivo.

Do sol a estiva luz retrobxe a Aurora.

Do sol a estiva luz restaura a Aurora.

O verbo retrazer he antiquado, e o acho no dictionario usado sómente em sentido de retrahir e encoller. Comtudo, julgo poder-se empregar no sentido de trazer outra vez, porque he esse o seu sentido legítimo e primitivo. O verso, que preferi, parece-me offerecer mais clareza e harmonia se não reune toda a precisão.

(2) O toque da alvorada no palacio imperial de S. Christovão.

(3) Allude ás representações imaginarias das nuvens no céu muito mais frequentes no clima humido e pluvioso do norte, e ás

crenças dos antigos caledonios, que pensavão que as almas dos finados andavão errando entre as nuvens, e sempre as vião nellas, como consta das poesias de Ossian, antigo bardo Celtico, ou Caledonio, publicadas pelo Sr. Macpherson, e traduzidas em varias linguas, e mui elegantemente em verso italiano pelo celebre abbade Cesarotti. Não parece destituida de fundamento a opinião que considera essas poesias como inventadas pelo mesmo Macpherson. Seja como fôr, ellas são mui bellas e sublimes, e o abbade Cesarotti soube lhes dar, na sua traducção, todas as qualidades de hum bello original.

(4) Cidade e floresta do Epiro, ou Baixa Albania na Tesprocia. Os poetas latinos fallão com frequencia dos carvalhos de Dodona.

(5) *Humber* he hum rio, ou para-melhor dizer, hum confluente de muitos rios na Inglaterra.

(6) *Tamisa* he hum rio de Inglaterra que passa pela cidade de Londres.

(7) Abadia onde estão os tumulos dos reis em Inglaterra.

(8) *Napoleão*, do qual como já se disse em outra nota, o general Hogueuorp havia sido ajudante.

(9) Huma filha do Sr. Guilherme Young, da qual já se fallou em outra nota.

(10) *Lord Cochrane*, que tinha tomado naquella occasião o commando da marinha brasileira.

(11) *Ossian*. Veja-se a nota 3.

(12) *Lord Byron* celebre poeta inglez moderno; hoje finado.

(13) No Brasil se não tem encontrado rouxinoes. Quando o autor diz que inda este Hemispherio não ouvio aye tão maviosa nem musa tão canora, deve-se entender relativamente a Ossian e a Lord Byron, de que já fallou, e não relativamente a elle autor, pois não he possivel ser de outra forma, á vista da conhecida modestia do Sr. Taunay.

INDICE.

TRADUÇÕES DO ITALIANO

**INDICE.**

1. Os empregados. — Canto apoteolico de Hugo Foa.
2. O amor. — Canto apoteolico de Hippolyte Belland.
3. O amor apoteolico de J. de V. de L.

COMPOZIÇÕES ORIGINAES

1. A paixão dos italianos. — Canto apoteolico de B. F. de S. S.
2. O amor da alma. — Canto apoteolico de B. F. de S. S.
3. O amor da alma. — Canto apoteolico de B. F. de S. S.

TRADUÇÕES DO LATIM

1. O amor da alma. — Canto apoteolico de B. F. de S. S.



ieib

ieib



INDICE

Los LAYONES.....

TR

1.º Os evangelhos

2.º Isxn. — Cerm

3.º Isxn. — Cerm

CO

4.º A historia

L. F. De Soma

5.º O cristero

memo.....

6.º Os clisteros

epistole do me

TR

7.º O cristero no

## INDICE.

161			
162			
163			
164			
165			
166			
167			
168			
169			
170			
171			
172			
173			
174			
175			
176			
177			
178			
179			
180			
AOS LEITORES.....		Pag.	4

### TRADUÇÕES DO ITALIANO.

- |   |    |
|---|----|
| 1.º OS SEPULCHROS. — Carme epistolar de <i>Hugo Foscolo</i> ... | 2  |
| 2.º IDEM. — Carme epistolar de <i>Hyppolito Pindemonte</i> ...  | 17 |
| 3.º IDEM. — Carme epistolar de <i>João Torti</i> .....          | 35 |

### COMPOSIÇÕES ORIGINAES.

- |  |    |
|--|----|
| 4.º A RELIGIÃO DOS TUMULOS. — Carme epistolar do Dr.<br><i>L. V. De Simoni</i> ..... | 53 |
| 5.º O CEMITERIO DA SANTA CASA. — Carme epistolar do<br>mesmo.....                    | 79 |
| 6.º OS CLAUSTROS SEPULCHRAES DO RIO DE JANEIRO. — Carme<br>epistolar do mesmo.....   | 97 |

### TRADUÇÃO DO LATIM.

- |  |     |
|--|-----|
| 7.º O CEMITERIO DOS INGLEZES. — Idyllo de <i>Theodoro Taunay</i> | 145 |
|--|-----|



NOTAS.

INDICE.

À PREFEÇÃO.....	151
AO CARME 1.º.....	154
AO CARME 2.º.....	164
AO CARME 3.º.....	168
AO CARME 4.º.....	174
AO CARME 5.º.....	180
AO CARME 6.º.....	185
AO IDYLIO.....	204
Das Leturas.....	182

TRADUÇÕES DO ITALIANO.

1.º. Os Sacerdotes. — Carme epistolar de Hugo Foscolo.....	2
2.º. Lira. — Carme epistolar de Hippolito Pindemonte.....	17
3.º. Lira. — Carme epistolar de João Verrini.....	35

COMPOSIÇÕES ORIGINIAES.

1.º. A Religião dos Temples. — Carme epistolar de M. L. F. De Sionne.....	53
2.º. O Cemiterio da Santa Casa. — Carme epistolar do mesmo.....	70
3.º. Os Caracteres Espectraes do Rio de Janeiro. — Carme epistolar do mesmo.....	87

TRADUÇÃO DO LATIM.

1.º. O Cemiterio dos Incurres. — Idyllo de Vitorino Ymagin.....	146
---	-----

15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

101  
102  
103  
104  
105  
106  
107  
108  
109  
110  
111  
112  
113  
114  
115  
116  
117  
118  
119  
120  
121  
122  
123  
124  
125  
126  
127  
128  
129  
130  
131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139  
140  
141  
142  
143  
144  
145  
146  
147  
148  
149  
150

ieib

ieib



## ERRATA.

OBRA DO MESMO AUTOR

Pag.	Versos.	Erros.	Lêa-se.
21	15	Arethasa	Arethusa
60	26	cuja	cujo
65	4	abras	abra
74	29	vossaa	vossa
91	26	os louros	as lousas
83	5	pyramida	pyramide
87	17	propios	proprios
91	10	ao mão	irmão
104	9	Pois	Que
118	"	volve	volvem
133	8	Mas	Ah
140	4	aunos	annos
152	28	3 annos	34 annos
"	36	1755	1754
"	37	1826	1828
167	12	maio	mais
186	21	traduccões	traducção
187	14	paganimo	paganismo
198	30	Athina	Albina
202	16	imitaitone	imitatione

Roga-se aos leitores queirão relevar e corrigir outros erros que nos tenham escapado.

ERRATA.

OBRA DO MESMO AUTOR:

Acha-se no prélo, e sahirá brevemente á luz,

**FRANCISCA DE RIMINI,**

**TRAGEDIA DE SILVIO PELLICO,**

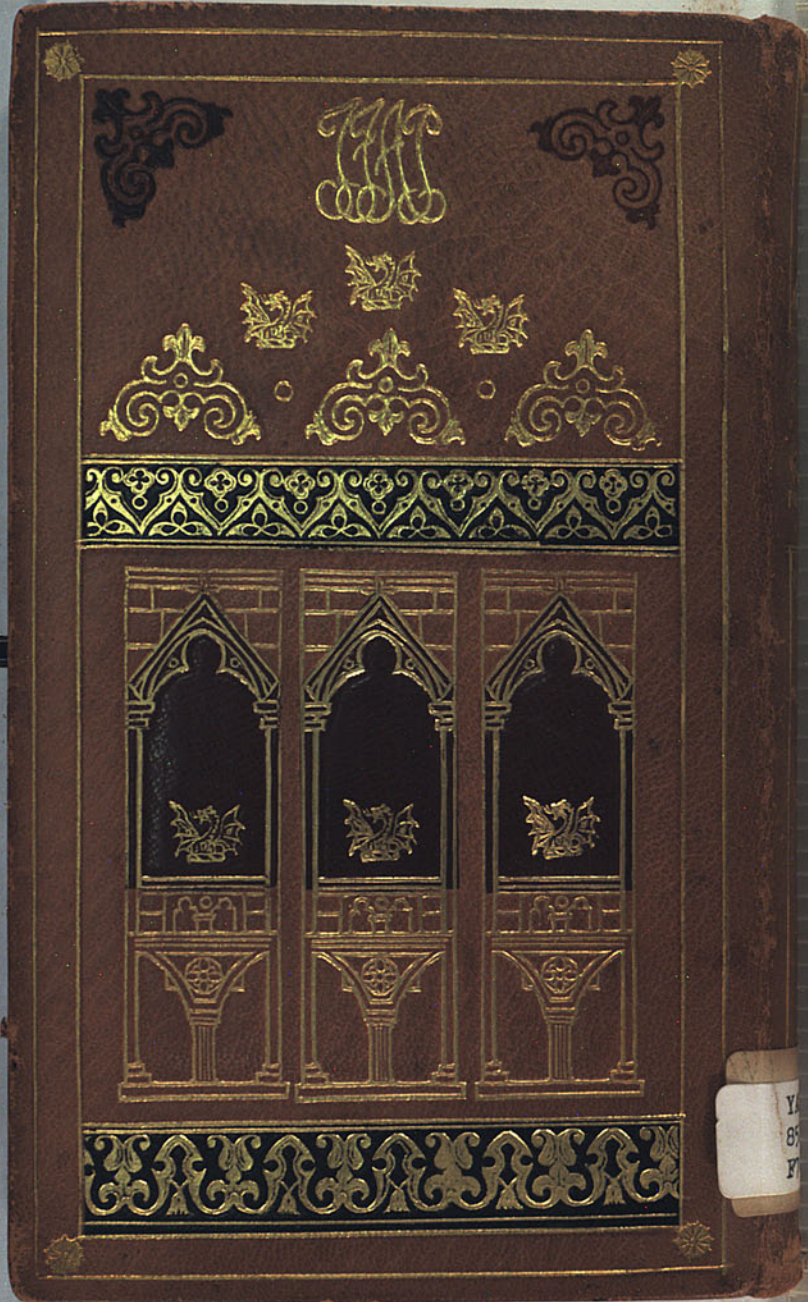
Traduzida em verso.

Foram os indices, pagina, relevar e corrigir outros erros que  
nos foram apontados.

A. FERREIRA & Cia. - Rio de Janeiro, 1852.

942

rieb



rieb



Y  
8  
F